

© COPYRIGHT 2021 BY ANTÔNIO MARCOS BANDEIRA E MARIA DE LOURDES FERNANDES (ORG.)

Editora Performance

www.editoraperformance.com

Editor: José Edson Cavalcante da Silva.

Diagramação: Carla Emanuele Messias de Farias.

Capa: Thiago Sotthero

Correção Ortográfica: Antônio Marcos Bandeira



Esta obra é licenciada sob uma Licença Creative Commons Attribution-ShareAlike4.0 Brasil.

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B214bf

BANDEIRA, Antônio Marcos, FERNANDES, Maria de Lourdes.

I Antologia Fortalezense: Fortalecendo Laços / Antônio Marcos Bandeira e Maria de Lourdes Fernandes – Arapiraca / Alagoas: Editora Performance, 2021.

361 p.

ISBN: em aprovação CBL

1. Antologia 2. Fortaleza 3. Literatura 4. Nordeste 5. Cultura, I. Título.

B869.8

Índices para catálogo sistemático:

868 – Miscelânea / Coletânea

*I Antologia e Encontro Fortalezense
de Escritores e Convidados:
Fortalecendo laços*



Arapiraca-AL
2021



Performance
Editora

HINO DE FORTALEZA

Junto à sombra dos muros do forte
A pequena semente nasceu
Em redor, para a glória do Norte
A cidade sorrindo cresceu

No esplendor da manhã cristalina
Tens as bênçãos dos céus que são teus
E das ondas que o Sol ilumina
E das ondas que o Sol ilumina
As jangadas te dizem adeus

Fortaleza! Fortaleza!
Irmã do Sol e do mar
Fortaleza! Fortaleza!

Sempre havemos de te amar
Emplumado e virente coqueiro
Da alva luz do luar colhe a flor
A Iracema lembrando o guerreiro
De sua alma de virgem senhor

Canta o mar nas areias ardentes
Dos teus bravos eternas canções
Jangadeiros, caboclos valentes
Dos escravos partindo os grilhões



Fortaleza! Fortaleza!
Irmã do Sol e do mar
Fortaleza! Fortaleza!
Sempre havemos de te amar.

Ao calor do teu Sol ofuscante
Os meninos se tornam viris
A velhice se mostra pujante
As mulheres formosas, Gentis

Nesta terra de luz e de vida
De estiagem por vezes hostil
Pela Mãe de Jesus protegida
Fortaleza, és a flor do Brasil

Fortaleza! Fortaleza!
Irmã do Sol e do mar
Fortaleza! Fortaleza!

Sempre havemos de te amar
Onde quer que teus filhos estejam
Na pobreza ou riqueza sem par
Com amor e saudade desejam
Ao teu seio o mais breve voltar

Porque o verde do mar que retrata
O teu clima de eterno verão
E o luar nas areias de prata
Não se apagam no seu coração



OBS. FALTA CONCLUIR O SUMÁRIO E COLOCAR O NÚMERO DE PÁGINAS, SERÁ FEITO APÓS A REVISÃO DOS COAUTORES.

SUMÁRIO

***HINO DE FORTALEZA*.....**

Laços que nos fortaleceram no caminhar do nosso jardim literário- A EQUIPE.....

APRESENTAÇÃO.....

PREFÁCIO.....

POSFÁCIO.....

CONTRA CAPA.....

Coautores da Terra da Luz

Fortalecendo laços.....

Antônio Marcos Bandeira.....

Aurinelia Lopes.....

Alina Maria Miranda de Souza.....

Adaunice Arruda da Silva

Elinalva Alves de Oliveira

Emilia Passos

Eulidiane Moraes da Silva

Fernanda Siqueira

Luciana dos Santos dos Anjos

Lisieux Beviláqua

Maria de Lourdes Fernandes-Lourdinha Bandeira

Maria Gorete Pinheiro Dantas de Oliveira

Maria De Fátima de Queiroz e Souza

Maria da Glória Bernardino
Manoel Gevandir Muniz Cunha
Maria Vânia Abreu Pontes
Mônica Serra Silveira
Paulo Roberto Cândido de Oliveira
Suziane Alves da Silva
Stélio Torquato Lima
Webster Cavalcante

Coautores da Terrado Sol

Fortalecendo Laços

Anderson Jean Chaves de Mendonça-Jean Mend
Ana Carolina da Silva Rodrigues
Ângela Maria Borges Pereira
Ana Maria Pimentel
Anizeuton Leite
Antônio Martins de Almeida Filho
Abelardo Nogueira
Antônio Ferreira dos Santos
Antônio Charles Melo Feijão-(Charles Melo)
Cainam Frutuoso Ferreira
Endna Maria Mendes Rodrigues
Francisca Narcisa da Silva
Francisco Antônio Guimarães Silva
Félix Cordeiro de Almeida
Germá Martins dos Santos
Geneva de Queiroz Castelo Branco Neta
Israel Batista de Sousa
Julieta Rocha de Almeida Lima
José Ademir Nogueira
João Eudes Cavalcante Costa,
Luiz Carlos Rodrigues Alves

Maria Leoneide Frutuoso Ferreira
Manoel Jozenias de Oliveira
Murilo Ponciano Lima-Murilo Barroso
Neli Frutuoso Ferreira Raulino
Simião Alves da Silva

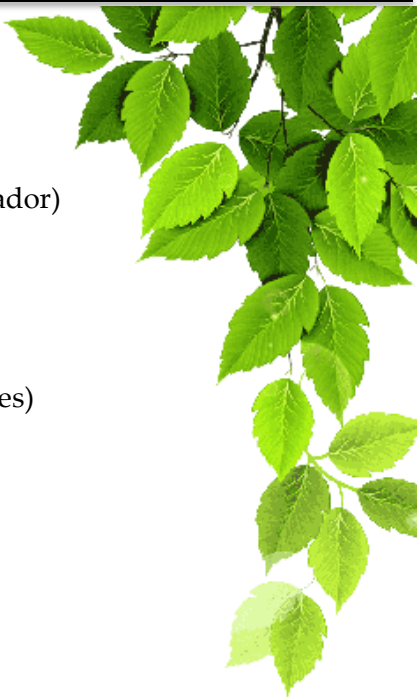
Coautores Convidados-Fortalecendo Laços

Ana Cristina Duarte Queiroz Tracaioly Da Silva
Ana Cláudia Sousa Mendonça
António de Pádua Galvão-(Antônio Galvão)
Angela Simone Ferreira (Angela Ferreira)
Alex Sandro Rufino da Silva- (Padre Alex)
Alveriano de Santana Dias
Alexsandro de Lima Pereira- (Alex Xela)
Adélia Maria de Amorim Magalhães
Betinho de Saubara
Bruno Vinícius Santos Pinheiro
Carla Cristina de Oliveira Gomes
Carla Emanuele Messias de Farias Costa
Cláudia de Medeiros Lima
Cataline Leão Otílio
Célio da Silva
Carla Daniely
Cláudio Dortas Araújo-
Daniele Ferreira Batista
Danielle de Paiva Pereira Lopes
Débora do Prado Lisboa
Domingos Pascoal de Melo
Denerval Paulista dos Santos
Denilson de Souza Santos- (Denilson Souza)
Diógenes Rodrigues Pereira
Evanilson Oliveira de Santana-(Tinho Santana)
Edna Santos

Elaine Oliveira da Rocha
Eliane Silva
Evson Souza Santos- (Vinho Souza)
Elza Bernardes Rabelo Dos Santos
Fátima Stela Bezerra Viana Barbosa
Geóz Rodrigues de Melo
Geovania Freitas de Jesus
Gercimar Martins
Gileide Barbosa de Souza Santos
Hendrickson Rogers Melo da Silva
Hosane Henrique Lucas de Souza
Irlana Jane Menos da Silva
Ilzenir Ribeiro Paranhos
Iêda Souza
Idenilson de Albuquerque
Itamar Augusto De Barros
Janaina Bellé
Joecilma Ferreira Dantas de Oliveira
Jilberto Rodrigues de Oliveira
José Maria Rodrigues
José Edson Cavalcante da Silva
Janeville Feitosa Caneca Ferst- (Jane Caneca)
João do perpétuo Socorro
José Lopes Lisboa
Jose Alfredo Evangelista
José Barros dos Anjos
Josefa Lizete Pinheiro dos Santos
José Ignacio Ribeiro Marinho
Larissa de Resende Freitas
Luzinete Fontenele
Maria do Carmo Joaquina da Silva



Magna Cristina de
Oliveira Silva
Maria de Fátima Soriano de Lima
Moisés Pereira Sanguinette- (Moisés Aboiador)
Maria Aparecida de Lima- (Cida Quelé)
Maria Auxiliadora de Santana Silva
Marluce Maria da Costa
Maria de Lourdes Santos
Miraselma das Neves Sardinha-(Mira Neves)
Maria Lucia de Jesus Oliveira
Marcelino Carvalho de Brito
Maria Lúcia do Nascimento Feitoza
Maria Lúcia da Silva Santos
Marinalva Pinheiro
Maria José dos Santos
Maria de Lurdes Alencar Araújo
Marcos Antônio Pereira de Limar
Nicole Santos da Silva
Nelcilene de Souza Macena
Nileildes Rodrigues ou Liu Poetisa
Patrícia Pereira Silva
Paulo Rodrigues Alves
Pietro Lemos Costa
Rosalvo Feitosa dos Santos Neto
Rosyelly de Araújo Cavalcante
Renilton Gomes Silva
Sebastiana Fernandes de Amorim
Simone Santos de Jesus Cruz
Sônia Lúcia Alvares Fernandes
Susanne Messias de Farias
Solange da Gama Pinheiro- (Sol Pinheiro)



Suzana Boechat Rosa

Thiago Sottero

Umberto Luiz de Melo

Valdenísia Matoso Macedo

Vânia de Oliveira Freitas

Wal Ferry Silva- (Wal Ferry)

Zeferina Grijó Cavalcante-(Silvia Grijó)

Coautores Convidados

Fortalecendo Laços-Internacionais

Francisca Thiesca de Oliveira

Sandra Bandeira Nolli



Laços que nos fortaleceram no caminhar do nosso jardim literário- A EQUIPE

Anderson Jean Chaves Mendonça

Natural de Capitão Poço – PA, reside em Caucaia-CE. Sua paixão por escrever iniciou na adolescência, desde então não parou mais. É professor, Orientador de T.I., poeta, escritor.

Com trabalhos publicados em várias Antologias. Também é membro de várias academias de letras pelo Brasil. “Ensaio de um Poetamador” é sua obra solo no prelo. É membro de várias Academias de Literatura.

Brasil (ABL Virtual), Academia Brasileira Camaquiana (ABC), da Academia Antonio

Bezerra de Letras e Ares (AABLA), da Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil (ACILBRAS), da FEBACLA – Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências Letras e Artes, Membro vitalício/Imortal da Ail Ordem Scriptorium (Academia Independente de Letras, Academia Antônio Bezerra de Letras e Artes (AABLA), Membro da Associação Cearense de Escritores (ACE) e Associado ao grupo LITERATE). Tem o canal Jean Poetamador.



Manoel Jozenias de Oliveira

Jorge Oliveira é filho natural de Ibareta. É professor da rede estadual de ensino do Ceará, lotado na EEM Gonzaga Mota em Quixadá. Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará com especializações em planejamento, gestão, avaliação e metodologia de ensino. Admirador da literatura de cordel utilizando-a na prática pedagógica cotidianamente no **Projeto Educordel** – Educação como ação e reflexão e/m literatura de cordel. Sei que pensar é preciso.



Maria Leoneide Frutuoso Ferreira

Nasceu no dia 05 de outubro de 1984, no município de Saboeiro, Ceará. Filha dos agricultores Antônio Ferreira dos Santos e Francisca das Chagas Frutuoso, que apesar das limitações e dificuldades financeiras criaram os filhos com muito amor, carinho e respeito, esforçando-se sempre para dar uma vida digna a Leoneide Frutuoso e aos seus sete irmãos. Desde cedo aprendeu a enfrentar os desafios com muita fé e coragem, acreditando sempre que dias melhores viriam. Hoje ela é professora, graduada em História e Pós-graduada em Gestão e Coordenação Pedagógica. Gosta de brincar com as palavras: quadrinhas, versos rimas, paródias, enfim, todo o encantamento que a arte e a literatura nos proporcionam.



Neli Frutuoso Ferreira Raulino

Nasceu no município de Saboeiro/CE, é filha de Antonio Ferreira dos Santos e Francisca das Chagas Frutuoso. É Bacharel em Biblioteconomia pela UFC - Universidade Federal do Ceará. Sendo coautora do livro "Quintal de poesia", também tem participação em alguns concursos literários, o que resultou em poesias publicadas em antologias poéticas. Desenvolve projetos sociais de incentivo à leitura e à escrita. É membro da AVLPL - Academia Virtual de Língua Portuguesa e Literatura.



APRESENTAÇÃO

*Junto à sombra dos muros do forte
A pequena semente nasceu...*

Com este belíssimo trecho o qual inicia o hino da nossa cidade é que inicio a apresentação do que eu, minha esposa e outros bravos guerreiros alencarinos chamamos de pequena semente literária.

Na ânsia de dividir, com toda a população fortalezense, cearense e porque não dizer brasileira, quiçá universal, a oportunidade de eternizar textos de autores(as) anônimos ou renomados foi que iniciamos o processo de organização e posterior lançamento da I Antologia e Encontro Fortalezense de Escritores e Convidados-Fortalecendo Laços.

Essa responsabilidade surgiu a partir do momento em que fomos desafiados por nosso amigo Thiago Sotthero de Maravilha(Al) que nos encorajou a colocarmos no papel, escritos de pessoas que como nós almejam, sonham e realizam conquistas pessoais a saber: ter seu texto impresso alguns pela primeira vez e outros que, como nós tenham seus textos como se fosse a primeira vez.

A organização da nossa antologia deu-se de forma um tanto diferenciada, pois, construímos à várias mãos a mesma. Tivemos contribuições de outros(as) antologistas de outras regiões e estados e nós aqui discutíamos, ponderávamos e resolvíamos as situações mais diversas.

Somos gratos ao Senhor nosso Deus por tal empreitada, que perdurou por cerca de oito meses e concretiza-se com o lançamento desta memorável antologia.

Fortalecendo Laços surge a partir de quando elencamos vários subtítulos e que em uma das reuniões virtuais realizadas foi votada e aprovada com o que de melhor nos representaria.

Fortalecer laços literários contundentes, vigorosos, fortes de amor, paz e união obviamente. A partir desse lançamento.

Caros leitores vos apresento a miscelânea cultural: I Antologia Fortalezense de Escritores e Convidados-Fortalecendo Laços com nossos 143 coautores (as), 20 estados brasileiros, 2 Países europeus.

“28". Qual de vocês, se quiser construir uma torre, primeiro não se assenta e calcula o preço, para ver se tem dinheiro suficiente para completá-la? 29.Pois, se lançar o alicerce e não for capaz de terminá-la, todos os que a virem rirão dele, 30. dizendo: 'Este homem começou a construir e não foi capaz de terminar'. **Lucas 14:28-30.**

Organizadores:
Antônio Marcos Bandeira
Maria de Lourdes Fernandes

PREFÁCIO

A I Antologia Fortalezense de Escritores e Convidados - Fortalecendo Laços é uma obra que enriquece o acervo cultural e literário de nossa amada Terra da Luz, estendendo o alcance de nossa identidade para além das fronteiras da nação.

Caro leitor, neste momento, estão em suas mãos expressões e sentimentos de 143 singularidades, que compartilham sua arte por meio dos poucos símbolos que esta existência nos fez conhecer.

Entre vários temas, você irá viajar em um universo fantástico, pois este livro reúne além de artigos de opinião, alguns gêneros literários, como poesias, contos, crônicas, dentre outros.

Os autores que compõem esta antologia estão presentes em vinte estados brasileiros e atravessam as fronteiras de nossa amada pátria chegando a dois países europeus: Espanha e Itália.

A presente antologia tem como força motriz a criação e o fortalecimento dos laços de amizade entre aqueles cujas almas se entrelaçaram com as mais profundas expressões e significados das quais simples letras jamais sonharam em desfrutar.

Diante destas páginas tua alma experimentará a *“Liberdade, tesouro da humanidade”*, ao ver que *“O brilho do teu olhar”* penetrará o âmago do teu ser te fazendo despertar para ver que *“Ser poeta é fazer versos”* e mergulhará dentro de ti mesmo onde verá que *“As letras nos movem”*. A leitura te faz romper limites, atravessar oceanos, conhecer novos universos.

Te desperta do sono, mas também te faz dormir, liberta tua alma, purifica teu espírito e te leva a vivenciar experiências inacreditáveis, que se tornam possíveis na leitura de um bom livro que te fará um convite onde você terá a oportunidade de viajar sem bilhete, navegar sem barco, voar sem asas...

Não há nada como um livro para ler, uma preguiçosa no *oitião* de casa, mato nos pés, serra verde no horizonte, chão molhado da chuva e cheiro de galinha caipira na panela. Deixe que os livros se tornem parte de sua paisagem existencial se entregando à contemplação do magnífico afresco da vida.

Tire de si a obrigação de ler tudo de uma vez. Leia no café da manhã, depois do almoço, antes de dormir. Espalhe livros pela casa, não em gavetas mofadas, não em caixas de papelão cheias de traça, mas sim sobre a mesa, em cima da geladeira, no armário da cozinha. Não conte as páginas que leu por dia. Apenas se deixe guiar pelo mar das palavras, conheça pessoas, faça amizades, *fortaleça laços*.

Neli Frutuoso Ferreira Raulino.
Escritora, Poetisa e Bibliotecária.



*Coautores da Terra
da Luz*
Fortalecendo Laços

Antônio Marcos Bandeira

Pós graduado em Gestão e Docência do Ensino Superior, Gestão e Coordenação Escolar, Graduado em Licenciatura Específica em Português. ALCS-Academia Literocultural de Sergipe, AILB: Academia Internacional de Literatura Brasileira, AVLPL Academia Virtual da Língua Portuguesa e Literatura, correspondente do Jornal Vida Brasil- Houston-Texas- Estados Unidos. Textos publicados em várias antologias no Brasil e exterior.



ANTOLOGISTA

As letras nos movem
Envolve-nos a emoção
E a cada texto, palavra
Nos preenche o coração
Salta, pulsa, grita forte
Como o folgo da paixão

Coletâneas, livros, ebooks
Nos sites, antologias
Pdfs ou world
Nossas dores e alegrias
Ou em nossos alfarrábios
Contos, crônicas, poesias

A cada um de nós
A vocês os meus abraços
Meus agradecimentos
Em nossas escritas, traços
Em nossa antologia
Fortalecemos os laços

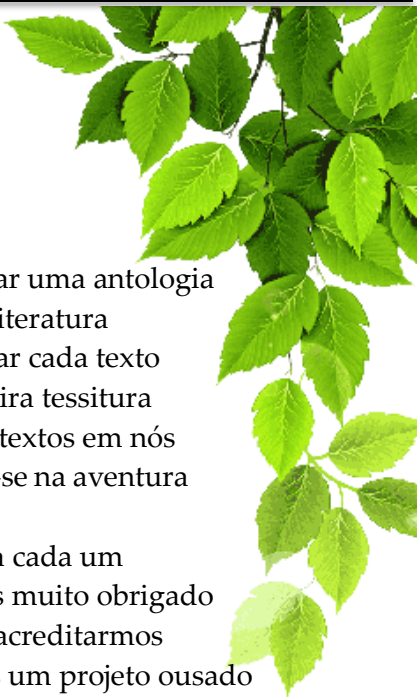
Estamos muito felizes
Realmente, realizados
Compomos um lindo jardim
Somos privilegiados
Somos antologistas
Vários textos publicados

Lançamentos e viagens
Encontros de escritores
Escrever e publicar
Somos instigadores
Por vezes instigados
Somos desbravadores

Escrever, ler, organizar
Antologias publicamos
Lemos textos dos amigos
Sugerimos e propomos
Solicitamos ajuda
E ao outro auxiliamos

Organizar uma antologia
É viver literatura
Selecionar cada texto
Verdadeira tessitura
E ver os textos em nós
Deleitar-se na aventura

Em fim a cada um
De vocês muito obrigado
Por nós acreditarmos
Em mais um projeto ousado
Fortaleçamos os laços
Um forte abraço apertado



Aurinelia Lopes

Mãe, poetisa e professora. Se resume a isso meu viver. Bordo nos dias da vida as cores que o amor possui. Artur, Alan, Rebeca, Sofia e Luiz são meus mais perfeitos bordados, adornados por Nayara, João e Laura, Micaele, Beatriz e Lucas, e um novo ser que nos chega. Perpetuação do amor divino Guia minha mão A Luz, e Antônio me auxilia. Que sejam belos os dias.



GOLES DE ACALANTO

Engasgada no leito de um lago
Olhar pasmo olhando a vastidão
Admiro no espelho a imensidão
Desse céu que acolhe num afago
Me esqueço do gole mais amargo
Que um dia por ventura já sorví
E entendo por quê sobrevivi
À cada dor, lampejo ou agonia
Foi para ver a miragem desse dia
Coroadado como o mais belo que vi

A brisa sopra nas árvores altaneiras
Fazendo chuva de folha acontecer
Para na margem um leito vir fazer
De forma fofa, macia, sem igual maneira
Onde descanso na hora derradeira
Por sobre o manto de folhas que se estende
Nessas horas o perfeito se entende
E a razão vai passear no mundo afora
Busca a verdade um ponto de escora
Na tentativa que o sublime se desvende

Saber que a água se acolhe num cantinho
Que cresce a mata em volta à proteger
A cada bicho que venha aqui ter
Pra saciar a sua sede de mansinho
E na clareira saltitante o passarinho
Pulando leve sem medo de voar
Cantando livre sem medo de ficar
Na gaiola da triste solidão
Animando os seres do sertão
Que alimentam de amor seu versejar



A seriema no lombo do bovino
Olhando altiva as coisas do lugar
O bem-te-vi cantando em pleno ar
O galho manso que balança como um sino
Belo soim com seu assobio fino
Quebra o silêncio rompendo em alegria
Ao sentir o raiar de um novo dia
E a natureza abrir as portas da pousada
Para o banquete de toda a bicharada
Com o retrato da perfeita sinfonia

O vento entra habitando as narinas
E adentrando faz passeio nos pulmões
E na saída acelera corações
Que em seu ímpeto impulsiona na surdina
A natureza em nada é pequenina
Se agiganta em cada ser pequeno
Seu porte, suas cores, seu veneno
Tudo mostra o poder da criação
Que regado no orvalho da emoção
Cresce forte e resiste sendo ameno.

Auri Lopes
02.07.2021



Alina Maria Miranda de Souza -Ce

Mãe, esposa, avó, curso de Corte e Costura, Massoterapia Básica, curso da APEC- Associação Pro Evangelização de Criança: CEDIC I e II: Curso de Evangelização de Crianças, professora de educação infantil cristã, artesã, poetisa.



POEMA DA SOLIDÃO

Vai-se o domingo cheio de tristeza.
Segunda-feira a tristeza continua,
Olho ao meu redor sinto a presença tua.
Meu coração está martirizado.

Terça e quarta a tristeza continua...
Nada de carta triste eu reclamo,
Sei que vou enlouquecer meu bem escreva- me,
será que não percebes que te amo?

Quinta e sexta os dias são mais longos,
em saber que está
findando a semana,
Mas permanece a
mesma penitência,
Sempre esperando
notícia e tu não mandas.

Sábado imagine que
alegria imensa,
Quando chego na porta ansiosa,
encontro o carteiro a me esperar
recebo a carta e
ponho- me a chorar.

Encerro esses meus
versos com alegria,
dedicando mil beijos a ti querido
Escreva-me breve meu amor
não me despreze
pois a saudade martiriza a gente.



Adaunice Arruda da Silva

Nice Arruda é natural de Icó-CE. Funcionária pública municipal e estadual aposentada. Autora dos livros *Quase tudo de mim* (2012); *Madrugada de gentilezas* (2016); *Fez-se dezembro em nós* (2018) - em coautoria; e *Joca, O artista da fazenda* (2018). Membro da Associação Cearense de Escritores - ACE, da Academia Feminina de Letras do Ceará -AFELCE e da Academia de Letras Juvenal Galeno ALJUG.



O BULE DE PORCELANA

Não conheci minha avó paterna.

Meu pai conta que era uma pessoa tranquila, mãe dedicada ao lar, esposa zelosa. De corpo franzino, cabelos bem finos e olhos azuis.

Soube que sofreu com uma doença incurável e partira precocemente aos 65 anos.

Frequentava sua bela residência desde a minha infância. Sentia sua falta, seu carinho, seu colo de avó. Ficava na companhia carinhosa de meu avô e tios que moravam nesse casarão.

Apreciava seu elegante retrato em preto e branco com meu avô, na parede da ampla sala de visitas.

E na sala de jantar existia uma cristaleira buffet de madeira maciça com armários laterais e gavetas contendo um belo conjunto de porcelana em perfeito estado de conservação. Eu admirava todas as peças em minha animada e inquieta curiosidade de criança. Os jogos de chá e café, pratos de

sobremesa, sopeira, várias travessas, xícaras, pires e um inesquecível e delicado bule branco com detalhes em alto relevo.

Esse bule só era usado em ocasiões especiais. Nas visitas dos familiares que moravam na capital ou de pessoas importantes em visita à casa.

O tempo passou e o bule de porcelana jazia quase esquecido no armário. Os moradores da casa, já idosos, guardavam-no como lembrança de tempos passados.

Hoje, ele está comigo, foi um presente de meu saudoso tio Valdemar. Irá permanecer sempre como recordação de minha avó, que infelizmente não tive o prazer de conhecê-la.

Lembrei do prato azul pombinho, único remanescente de uma porcelana, retratado num famoso poema de Cora Coralina.

Guardo-o cuidadosamente, como uma relíquia centenária, decorando a minha cozinha.

Doce testemunha dos tempos áureos, tempos bem vividos, tempos de minha avó.

Elinalva Alves de Oliveira

Mestre em Educação Especial e Formação de Professores – Universidade Estadual do Ceará, especialista em Jornalismo (FAVENI-ES), graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará. Correspondente de Academias nacionais e internacionais; Membro Acadêmico Honorário da Academia de Letras e Artes Lusófonas- ACLAL; Membro Honorário da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil- AJEB RJ; Agraciada com troféus;

Comendas; Excelência Cultural e Menção Honrosa. Coautora em Antologias e Coletâneas. Autora dos livros: *O Corajoso Menino torna-se Príncipe na Cidade Luz* (2017); *Aconteceu em Paris* (2014); *A Educação da Criança com Deficiência Visual* (1ª reimpressão 2013).



O DESEJO QUE NÃO FINDA, O AMOR QUE NUNCA PASSA.

Por tua ausência sofre minha alma,
Teima meus dias ser sombrios
Onde estás, anseio tua presença.
Noites e dias são assim, nebulosos sofrimentos,
Sonho contigo, almejo ver-te, indecisa, penso,
Refugio-me em mil afazeres.
Ocupo-me tentando banir esse desejo,
Saudade intensa invade minha alma.
E o medo traz temores, triste sensação;
Porém, permito guardar essas lembranças,
Confortam meus dias, invadem meu ser,
Doces momentos, oh sublime amor, intensamente vividos.
Estas recordações hoje relíquias, hora aquieta a alma, Hora,
rasga – me o peito se traduz em sofrer.

Emília Passos

Professora da Rede Estadual de Ensino do Ceará, mestre e doutora em literaturas brasileira e portuguesa. Possui crônicas publicadas em antologias nacionais, sendo a mais recente crônica “O ano da Morte”, publicada no Prêmio Off Flip 2021.

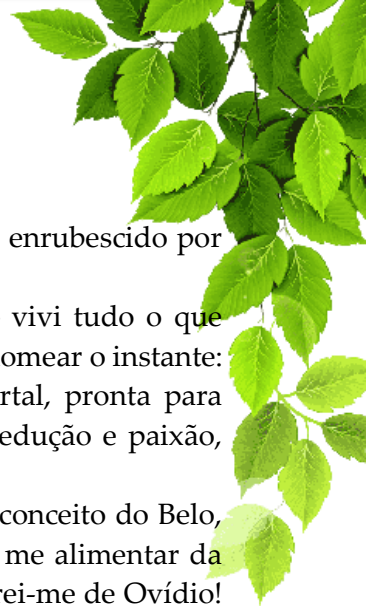


CRÔNICA – VÊNUS

O que faria acordar todos os nossos sentidos corporais? A primeira vez que vi uma flor se abrir foi impactante: pétala por pétala num movimento lento e contínuo levava a uma saudação; depois, o movimento um pouco mais rápido e ainda contínuo atingia uma experiência vital em que nada mais estava separado: flor, terra, água, ar e fogo.

Continuei imóvel diante da cena. A leve brisa da manhã canalizava os movimentos com seus dedos longos e macios, acariciava aquele corpo de cima para baixo, de baixo para cima, circulando-o por inteiro, numa sutileza particular, e ela, a flor, se entregava inteira. Minha respiração estava conectada àquele instante mágico.

A visão abriu-me as portas para uma dimensão desconhecida; imóvel, senti o vai e vem de uma energia desconhecida, uma energia de mil braços dançantes. Ali estava ela, emergida de uma concha espumada, autossuficiente e empoderada, exalando em êxtase todo o seu perfume e beleza. Uma espécie branca e rara, com contornos uniformes,



sobrepostos e abertos; no centro, um dourado enrubescido por fios carmins revelava a pureza do seu sexo.

Eu poderia morrer naquele instante – vivi tudo o que precisava! Mas, não! Como humana, precisei nomear o instante: Vênus! Vênus! Vênus! Esposa e amante imortal, pronta para firmar seu fascínio, edificar seu império de sedução e paixão, fertilidade e prazer.

Diante da perfeição, do mais refinado conceito do Belo, continuei parada, vendo aquele Ser, a fim de me alimentar da sua natureza. Lembrei-me de Botticelli! Lembrei-me de Ovídio! O nascimento de Vênus conduz, magistralmente, ao nascimento do Amor – este sentimento perpetuado pelo som da lira, pelos brotos da vinha ao redor e pelo brilho das pedras preciosas que a terra esconde.

Eulidiane Morais da Silva

Nasci e moro em Fortaleza, Ceará. Formada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), pós-graduada em Língua portuguesa e literatura brasileira, também, pela UECE. Sou professora de Língua Portuguesa na rede de ensino do Governo Estadual do Ceará.



CÉU E CHÃO

Esse céu que olho
Esse chão que piso
São sempre os mesmos
São sempre outros

Como eu
Que sou
Que fui

Desconheço-me
Reconheço-me
Repinto o céu
Refaço o chão

Que meus olhos
Que meus pés
São sempre os mesmos
São sempre outros

Fernanda Siqueira

Formada em Recursos Humanos auto ditada na poesia, premiada em vários concursos literários, Educadora Social popular...



OS SERTANEJOS

O dia raiando
Pássaro a voar
Abre-se a porteira
No seu cavalo
Galopante elegante
Lá vem
Os doutores do sertão
Homens simples
É José É Raimundo É João
Com são Jorge no pescoço
São José no coração
Homens de Fé

Sempre acreditando
Que o inverno vem
A colheita farta
Para o seu povo alimentar
Sorriso largo
Sempre bravos guerreiros
Dê passagem meu senhor

Lá vem os Doutores do
sertão
Esses homens se chamam
Sertanejo.

Luciana dos Santos dos Anjos-CE

Nasceu em Fortaleza, Ceará, em 7 de Agosto de 1991. Cega total desde o nascimento, em virtude da retinopatia da prematuridade, iniciou seus estudos no Instituto Hélio Góis. Permaneceu nesta instituição até a conclusão da antiga 6ª série, vindo a estudar no CERE, uma escola regular até o fim do ensino médio. Aos 20 anos, começa a trabalhar no CREAECE, um centro de atendimento especializado a pessoas com deficiência do Estado como revisora por 8 anos, onde atualmente ocupa o cargo de Professora pedagoga. Se formou em pedagogia em 2015.1 Pela UVA e em Educação Inclusiva Em 2017.1 pela Padre Dourado. Ocupante da cadeira n. 06 da ALASAC.



ACESSIBILIDADE

O que é Acessibilidade
A palavra é grande mesmo,
Mas não precisa se assustar.
Se ficou interessado
Chega mais, vou te explicar.
Não vou fazer texto grande,
Porque é fácil de entender.
Pelo menos o básico,
É sua obrigação saber.

Acessibilidade é eliminar barreiras
Obstáculos da deficiência ou limitação.
E com algumas atitudes
Você participa desta missão.
É direito legitimado
Não se trata de um favor.
Pois estudamos e trabalhamos
Mostramos nosso valor.

Somos cidadãos ativos,
Contribuímos com a sociedade.
Se nosso voto tem o mesmo peso.
Cobramos em pé de igualdade.
Não podemos ficar calados
Como se não fossemos ninguém.
Pois desses direitos básicos
Queremos fazer uso também.

Queremos material em braile,
Porque precisamos ler.
Não é luxo, é necessidade.
O poder público precisa em tender.
Precisamos de assistência
À nível superior.
Também é nosso direito,
Continua não sendo favor.



As tecnologias de voz e softwares.
Expandiram nossa visão,
Mais o braile ainda é o único método,
Que nos permite a alfabetização.
Sabemos ler e escrever,
E não podemos deixar de saber,
Por isso a insistência para que o braile
Continue a sobreviver.

Acessibilidade atitudinal,
É mais fácil ainda entender.
É só oferecer sua ajuda,
E a pessoa te dirá como fazer.
Esse é o meu manifesto,
Porque já cansei de reclamar.
Talvez em forma de poesia
Alguém pare pra escutar.
Um abraço e obrigada,
Pela sua atenção.
Espero que tenha gostado
Dessa minha explicação.



Autora: Luciana dos Santos
Escrito em: 26 de Fevereiro de 2018.

Lisieux Beviláqua

Cearense, funcionária pública do Estado do Ceará. Graduada em Letras, Licenciada em Ensino de Língua Portuguesa, Mestre e Doutora em Literatura. Tem publicações de poemas e contos em diversas antologias nacionais e internacionais. Participa de algumas academias, coletivos literários, associações e clubes de leitura.



A CASA DA VÓ BORBOLETA

Meus pensamentos são borboletas a sobrevoar fotos antigas. No preto-e-branco amarelado das imagens, olho uma bela dama que me leva ao passado.

Viúva, desde muito moça, minha avó Maria cuidou sozinha dos 10 filhos, fazendo e vendendo puxa-puxa. Eram 7 cabras machos e 3 cabritas fêmeas.

Anos mais tarde, depois que casou todos, ficava feliz tomando conta dos netos para os pais trabalharem. Seis comedorzinhos de rapadura.

- Casulo de vó é grande como coração de mãe, dizia ela, que era vidrada nessas mariposas do dia. Falava prá gente que eram os espíritos dos que se foram para viver de assombração. Que nem história de Trancoso.

Era uma farra passar as tardes, depois da escola na casa dela. Todos os irmãos e primos juntos. Muita correria, muita gritaria. Mas, ela não se avexava, ria da esculhambação.

Na sala, tinha um quadro com uma enorme borboleta em xilogravura. Nas cortinas mais borboletinhas aplicadas. Vovó as amava.

Da sala para a cozinha, tinha um corredor, com duas portas, que davam para os quartos com camas e beliches cobertos com colchas bordadas com coloridas borboletas.

No final do corredor, próximo à cozinha (sempre com doce de leite, sequilhos e broas de milho à mesa, que tinha toalha de plástico forrado com mais borboletas desenhadas), ficava um grande relógio cuco, de coluna. Quando dava as horas, ele badalava e um passarinho saía cantando.

Aquilo era mágico para nós, crianças. Vovó dizia que um dia ele sairia voando e viraria...borboleta. O mais curioso é que quando ela morreu, o relógio parou de funcionar e o cuco sumiu.

Ao fundo, a casa se abria para um quintal, onde ficava uma bomba braçal que puxava água até as torneiras. Ficávamos brincando com a alavanca, em movimentos de sobe e desce. Tudo era diversão! Tinha pé de sapotis (meus preferidos), de seriguelas e de pitombas. Ah, e tinham as mamonas.

A gente fazia umas guerras legais, muitas vezes terminadas em choro. Mas, como tudo era bom ali, nos sentíamos parte da Natureza.

Minha memória hoje voa borboletando livre as lembranças felizes da infância. E a casa de minha avó é onde eu gosto, vez em quando, de pousar.

Maria de Lourdes Fernandes

Graduada em Licenciatura Específica Pedagogia. Acadêmica da ALASAC-III Feira Brasileira do Cordel- Textos publicados em várias antologias no Brasil e no exterior. FLI7-Festa Literária Sete de Setembro I Ceará em Letras-UFC. Integrante da Academia Virtual da Língua Portuguesa e Literatura, textos publicados em várias Antologias pelo Brasil em especial no nordeste brasileiro. Textos publicados no Jornal Vida Brasil em Houston Texas Estados Unidos e Revista Cultive-Genebra-Suíça.



A TERRA QUE ME ACOLHEU

Fortaleza,
terra de sol quente
e povo acolhedor.
Acolheu-me como tua filha,
me envolvendo
nas tuas tradições e costumes.
Sobrevivi a muitos obstáculos,
tive que desviar de muitas pedras,
os espinhos me perfuraram.
Mais muitas rosas eu colhi.
Em Fortaleza eu cresci e aprendi
a lutar e reescrever a minha história.
Foi nesta terra que aprendi
que o sorriso e um abraço
vale mais que as lágrimas

que teimam em cair.
Quando aqui cheguei,
menina acanhada e sem vida,
sem conhecimento,
Tu, Fortaleza, foi minha mãe
e me ensinou a sobreviver.
Quando me magoavam,
eu ia pra praia, me sentava na areia
e fitava o mar, que com suas ondas
me acalentava e o sol com seus raios
enxugava minhas lágrimas.
Foi nesta terra que fui muito feliz
com o nascimento de meus filhos.
Terra que recebeu meu choro
quando enterrei
meus pais e dois irmãos.
Terra que registrou o meu desespero
e angústia pela perda da visão,
Mais vislumbrou também
o meu renascimento,
a minha luta por respeito,
e pra ser aceita na sociedade.
Fortaleza,
terra que aprendi amar e respeitar.
Agradeço por me adotar e me acolher



Lourdinha Bandeira

Maria Gorete Pinheiro Dantas

De Oliveira Maria Gorete Pinheiro Dantas de Oliveira – Natural de Quixadá-CE. Mestre em Ciências da Educação, na linha de pesquisa em Inovação Pedagógica, pela Universidade da Madeira (UMA), Portugal. especialista em Planejamento e Avaliação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Araraquara (Uniará) em São Paulo. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (Uece).

Servidora Pública Municipal, na Secretaria de Educação da Prefeitura de Fortaleza- CE, no exercício da função de Orientadora Educacional da Educação Básica.



OS CURIOSOS ENIGMAS DA MINHA ESCOLA

De longe, no alto de uma montanha, via-se apenas um pequeno ponto branco e duas gigantes palmeiras. Era encantador! De perto, era uma grandiosa edificação! Majestosa! Mas essa real grandeza era imperceptível aos meus olhos... Eu era uma criança. Carregava apenas um caderno na mão. E ali era a minha escola...

Diante daquele cenário, o que eu via mesmo era minha sala de aula, localizada no andar inferior, ao lado de longos corredores. No caminho para a escola, depois de uma boa caminhada, aproximava-me do alto do Mosteiro. Mas ao lado esquerdo, havia um muro branco. Dentro, algumas plantas, lugares demarcados e contornados de pedrinhas decorativas.

Ao centro, um cruzeiro enorme, de cor preta. No chão, uma placa com um letreiro. Não entendia o que estava escrito. Mesmo assim, vagueava por ali.

Seguindo, adentrava ao térreo da edificação de dois andares, já sabendo que o acesso ao andar superior era proibido. Vários cômodos com portas altas e nomes escritos acima, com letras bem desenhadas. Uma ampla lavanderia e um varal de roupas brancas. Um irresistível cheiro de comida conduzia a uma cozinha com enormes fogões, panelas de comida e muita gente trabalhando. Portas e mais portas, até se chegar a um ambiente com prateleiras de remédio. Era um pequeno ambulatório. Ao lado, uma escadaria levava a uma bonita igreja. Minha mãe dizia que ali batizou seus filhos. E eu ficava mais curiosa quando ela dizia: “seu avô era fino carpinteiro e fez os altares dessa igreja”.

Muita coisa eu não entendia, mas ao sair do outro lado, mais salas, corredores, jardins, refeitórios. Olhava para cima, grandes sinos tocando! Olhava para baixo, via árvores frondosas! No chão, folhas secas e sementes vermelhas... Olhava para o horizonte, uma paisagem azul que se misturava com nuvens. Grandes pedras formando esculturas de pessoas, animais, tudo que a imaginação pudesse criar. Açudes circundando casas, cidade... Do lado, construções amarelas que recebiam o nome de Casa da Santa Terezinha. Grutas de pedra com imagens de Santos. Se andasse mais um pouco encontraria um cemitério de estrutura bem diferente e letreiros com nomes incomuns.

Mas estava ali para estudar e retornava à minha sala, pois esta era o lugar maior.

Para compreender esse enigmático espaço, ainda faltava percorrer aqueles escuros corredores, cafuas! Porém, melhor é

navegar nos registros de José Bonifácio de Sousa¹, que conta a história sobre este emblemático lugar. Segundo o escritor, toda história deste monumento arquitetônico teve início quando, em 1899, homens desbravavam o alto da serra, cortando a densa mata com foices e facão, até chegarem ao topo, quando a bela paisagem encantara Dom Gerardo de Vam Caloen, um monge Beneditino. Indiscutível! Seria ali, o local eleito para sua obra. Fixou uma cruz de estacas de madeira e rezou. Estava lançada a pedra fundamental da construção da Abadia de Santa Cruz.

Além da beleza com a qual a natureza lhe privilegiava, a Serra do Estêvão, distrito de Quixadá-CE, trazia também uma aura de tranquilidade, repouso e clima favorável à saúde, além de ser refúgio das pessoas que ali buscavam proteção contra as endemias que assolavam o país, quando se acreditava na supremacia do clima e ainda não se conhecia o antibiótico.

Ali, a comunidade pioneira, sob a direção de Dom Majolo, formada por sacerdotes, clérigos e noviços, acomodou-se num modesto casebre de taipa. Seriam necessárias medidas urgentes, tais como acesso a água, saneamento, alimentação (plantação de roçados, hortas e pomares). O casebre de uma única porta evoluiu para uma capela e duas galerias de celas cobertas de palha. A mesa para as refeições eram uns caixotes que também serviam de altar para as orações. Consta que era grande o ataque de insetos, cobras, caranguejeiras e aranhas. O Ano era de 1900 e foi uma grande seca.

No ano seguinte, Dom Maurício Prichzy, um poliglota belga de sólida erudição, assumiu ali o encargo de construir o Mosteiro e também um estabelecimento de ensino, o Ginásio São José, reconhecido como um dos mais importantes centros de instrução secundária da época. Mantinha um ensino clássico e

¹ José Bonifácio de Sousa. **Serra do Estêvão. Dados Geográficos, Históricos, Fundações Religiosas.**

contava com professores cultos, alguns egressos de universidades Europeias. A igreja, com amplos vitrais e altares estilizados, abrigava a comunidade religiosa, onde era recitado o ofício divino com o esmero e devoção dos Filhos de São Bento, além da beleza e da harmonia do canto gregoriano. Devido às reformas no ensino, o Ginásio São José encerrou suas atividades em 1909. O fechamento da escola e os rigores da seca de 1915 trouxeram muitas dificuldades aos monges. Portanto, a abadia de Santa Cruz, que teve início em 1901, foi extinta em 1921. A direção do Mosteiro, então, foi assumida pelas Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição.

Meus avós paternos e tios foram contemporâneos dos Monges Beneditinos. Meus pais tiveram estreita convivência com as Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição e todos os seus filhos iniciaram os estudos na escola onde as freiras eram as professoras.

Aquele muro branco, que me chamava atenção no caminho da escola, na verdade, era um jardim em homenagem ao construtor do Mosteiro, Dom Maurício Prichzy, que havia sido enterrado ali. E o escrito - *Ora et Labora* - significa Trabalho e Oração, lema dos filhos de São Bento. Dom Maurício morreu em 1907, de febre amarela. Seus restos mortais foram transladados para o Mosteiro de São Bento, na Bahia. A vila da Serra do Estêvão recebeu o nome do grande benfeitor.

Essa é a extraordinária história do local aonde eu chegara, com um caderno na mão, para ser alfabetizada. Uma história grande! Assim como toda edificação, personagens, desafios e beleza da paisagem no alto daquela Serra.

Hoje, compreendo os curiosos enigmas da minha Escola e envaideço-me dela. Recordo-me da Ir. Theodata, distinta professora, tocando harmônio, ensaiando cânticos, rodeada de alunos. Lembro-me das aulas e dos rigores na disciplina... Seu

sorriso era grande e suavizava a dificuldade do seu sotaque alemão.

Se ainda existe algum enigma, é um bom motivo para voltar a esse lugar...

E buscar desvendá-lo.



Maria De Fátima de Queiroz e Souza

É farmacêutica aposentada pela Universidade Federal do Ceará com pós-graduação em saúde pública, indústria farmacêutica, naturologia, e terapêutica natural. Aluna da reabilitação da SAC (Sociedade de Assistência aos Cegos), instituto Hélio Góes. Membro da ALASAC (Academia de Artes e Letras da Sociedade de Assistência aos Cegos), cadeira n° 24, cujo patrono é Raimundo Girão. Teve participação na Antologia Poética, Prêmio Sarau Brasil com a poesia: "Apesar de... sorria mesmo assim". Também na Antologia Amlef (Academia Metropolitana de Letras de Fortaleza com a poesia: "Por que tem que ser assim?"



Em tempo de pandemia
A vida parece vazia
Pensando no que fazer
Resolvi ficar com as tias

Tiacalma, Tiasossega, Tiaketa e Tiacomoda
Que me deram espaço para que eu pensasse melhor no que fazer

Exercícios do supera
Para melhorar a mente
Aprimorar o braille, estudar música no órgão, fazer artesanato

A cozinha me espera
A internet me manda a ioga e música também
E assim, nem as tias me deixam parar

No final da tarde, o sol entra na minha janela e me dá um banho
com o seu brilho
Depois vai dormir, pois vou cuidar do jantar

Para fechar, o sono chega
E a cama, me espera

Fafá de Queiroz- 2021



Maria da Glória Bernardino

Graduada em Letras, Português E Inglês pela Universidade Estadual do Ceará, Especialista em Deficiência Intelectual UNIFOR, Pós-Graduada em Deficiência Auditiva UFC, Pós-Graduada em Neuropsicopedagogia Universidade Educar, membro do Núcleo de Africanidade Cearense UFC, Especialista em Autismo, Funcionária Pública, Coordenadora do coletivo Educação Especial inclusiva, APEOC Incluir, Formadora do Cent. de Ref. Em Educ. e Atend. Esp. Do Ceará CREACE.



CAMINHO DE TAMARINDOS

Nos bons e maus dias aprendi com os outros, mas principalmente comigo mesma, o quanto precisamos trilhar e retrilhar caminhos da nossa história. Especialmente, o que temos guardado, como tão positivo e afetuoso, em nosso ser.

Na minha terra natal, o lugar onde aterrisso hoje minhas recordações, para matar as saudades de um passado feliz, onde vivi a maior parte da minha infância, é também o lugar que me fez decolar para o mundo. Aquela estrada de terra, com o sol encoberto por tamarineiras, que ladeavam a trilha, com suas vagens penduradas, cheias de tamarindos, era para a maioria das crianças assustadora. Mas, para mim era um caminho encantador, um verdadeiro oásis em meio ao calor paraibano.

A tamarineira, assim como certas árvores sagradas originárias da África, faz parte do mito dos 'Pilares da Terra', símbolos fundamentados nas culturas arcaicas, que ligam o

mundo material com o sobrenatural. Do mesmo modo que o Baobá, ela metaforiza a resistência e a resiliência do povo negro, ressaltadas no Candomblé com essa manifestação de fitolatria. O tamarindo é um fruto dos deuses africanos. Ele brotou das savanas da África, como também brotaram, outras espécies: a mamona, dendê, quiabo, inhames e jaqueira. Todas trazidas pelos navios negreiros, junto com homens escravizados, e aqui se adaptaram bem na plantação no Nordeste. Mas, infelizmente, os navios portugueses também trouxeram uma erva daninha, que se enraizou muito forte e cujo combate à praga ainda hoje é difícil: o preconceito racial. De acordo com as pesquisas realizadas, o racismo tem sido no Brasil, a maior causa da marginalização, pobreza e exclusão de grande parte dos jovens afrodescendentes. Foi o que aprendi mais tarde, como mulher negra que sou, nos movimentos que passei, mesmo tendo uma adolescência muito feliz conheci a dificuldade de alguns.

No meu mundo infantil, o que importava era meu caminhar a esmo, sem medo ou cansaço, entre os vastos pés de tamarindo, com seus trinta metros de altura e copa de doze metros de diâmetro. Me deslumbrava andar a olhar suas flores brancas ou rosas, de cinco pétalas, agrupadas em ramos, antes de virarem frutos. Meus dedos tocavam as que apanhava no chão, sentindo seus odores e cores, de diferentes colorações, amarelas, com listras laranjas ou vermelhas. Você pode escolhê-las assim como não pode escolher sua família, seus amigos, sua gente. Eu percorria meu caminho da felicidade, rumo à casa de minha avó, com quem vivia. E quanto mais avançava, quanto mais me aproximava, os cheiros e ruídos se misturavam. A panela de pressão chiando no cozimento do feijão iam sobrepondo o farfalhar das folhas e vagens de tamarindos. O aroma do café fresquinho invadia as pétalas das flores.

Minha avó me ensinou o poder medicinal dessa espécie vegetal, a capacidade de reduzir inflamações, regular o intestino, auxiliar os sistemas digestivo, cardíaco e imunológico, combater a diabetes, melhorar a saúde dos olhos e possuir ação antifúngica e bactericida. É um alimento completo, nos oferecendo o melhor, mesmo com seu gosto azedo, que não agrada a todos. Com forma frágil e cheiro forte, se mostra saudável, acessível e saboroso mesmo para aqueles que lhe ferem a casca protetora.

Cresci como a planta, em altura e profundidade, com minhas feridas e ideias profundas, porque nada raso me satisfaz. Meus frutos, tudo que vivi e conquistei, têm curado muitas dores. Como o fruto tenho a pele marrom, os olhos castanhos, a carne macia, o jeito que nem sempre agrada, a acidez como defesa. Hoje eu tenho orgulho de quem sou, das raízes que carregam minha ancestralidade, das minhas cicatrizes, de tudo que enfrentei na vida. Sou uma tamareira firme e forte.

Manoel Gevandir Muniz Cunha

Nasceu em Limoeiro do Norte - Ceará, em 5 de janeiro de 1979. Professor, escritor, poeta, iniciou o sonho das escritas em 2017 com a participação em diversas coletâneas e antologias e as quais organizadas pela Ed. Albatroz (Coletânea de Poesias-Rede de Poemas_2018), LITERARTE (Literarte Celebra o Nordeste Brasileiro_2019), (100 Melhores Poetas Lusófonos Contemporâneos_2019), (Ao Intento do Vento-Poemas nas Montanhas de Minas-AMBA_2021. *Teve participação da ACE,*

pertence a FEBLACA, acadêmico da AABLA, cooperador de Projetos de Leituras em duas Instituições Educacionais em Fortaleza e Caucaia, sempre foi estudante da REDE pública no CEJA até o fim do ensino médio. Tem Licenciatura Plena no Curso de Português/Inglês 2004_UVA. Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica_IEDUCARE 2012. Sou um poeta sonhador, fascinante, com fé em Deus e acreditando no bem e no amor.



NO CEARÁ HÁ

Seja maravilhoso junho
Mês festejo de sonhos
No Ceará diverso a festejar
Este estado do sol a raiar
É orgulho do seu povo
Temos muito a falar.
Aqui se dar de tudo e mais

Obrigado por nossa gente
Somos o sol que nasce
Ó estrela brilhante, cadente
O luar é magnífico e belo.

Essa terra bem acolhedora
É bela e tem muita garra
Com suas belezas a mostrar
A cultura de seus escritores
Tivemos muitos no passado
No presente temos mais.
O esplendor solar nascente

Leitores bem pensantes
Escrever com o amor
A escrita nos leva a amar.
Nossa terra é amável e mil
Com sua cultura gigante

A culinária é diversa
Seu povo hospitaleiro
Se você ainda não conhece
Venha nos conhecer
Somos cearenses do Brasil.

Nossa terra é fantástica
Brilha a cada amanhecer
No cenário do palco artístico
Tem nomes belos brilhantes
Somos guerreiros do povo
Com escritores fascinantes

Autor: Poeta Sonhador

Escrito: 29 de junho de 2021. **(Leia sempre mais, a leitura nos possibilita viajar, seja viajante dessa coletânea, ame LER, seja nosso leitor sonhador, sonhe sempre mais, VIVA) *Poeta Sonhador*.**



Maria Vânia Abreu Pontes

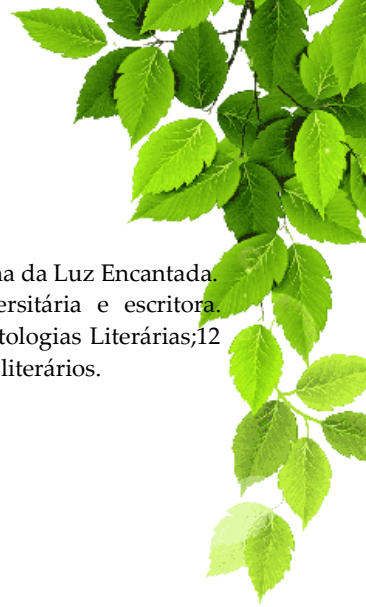
Advogada, Letróloga, pesquisadora, professora universitária e escritora. Doutoranda pela UFC. Participação em 70 livros de Antologias Literárias; 12 Certificações por mérito literário reconhecido; 6 Prêmios literários.



O ZEUS DO BAIRRO DIONÍSIO DE FORTALEZA

Abrir os fenômenos da minha natureza
Deus grego do vinho e da maior alegria
Há quem diga que Dionísio era Torres.
O Zeus a quem dedico esses versos
E tanto sinto a sua presença passante
Por ironia, mora no Dionísio Torres
Lá ele se esconde entre seus cálices.
Nas mãos uma taça e um cacho de uva
Com a cabeça ornada de mais cachos
Sua imagem é de um homem, um mito
Da expressão mais viva do esplendor.
Por trás do sol olha-me, mas de longe
Para não respingar vinho em meu ser
Pois sou uma videira que vinha poesia
Os segredos dessa produção o assusta.
Não tenho como levá-lo ao Monte Olimpo
Trago apenas a minha safra mais poética

Acreditando no amor de poesia e contos
No encanto, ele habita-me só em poesia.



1 MARIA VÂNIA ABREU PONTES: Pseudônimo: Menina da Luz Encantada. Advogada, Letróloga, pesquisadora, professora universitária e escritora. Doutoranda pela UFC. Participação em 70 livros de Antologias Literárias;12 Certificações por mérito literário reconhecido; 6 Prêmios literários.

Mônica Serra Silveira

Mônica Serra Silveira é jornalista, formada em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ. Membro da Academia Feminina de Letras do Ceará, Academia de Letra de Juvenal Galeno e Associação Cearense de Escritores. Tem treze livros publicados, entre prosa, poesia e literatura infantil. É editora do programa Papo Literário da TV Ceará.



O OUTRO LADO DA PORTA

Doroty chegou do trabalho cansadíssima, como sempre. A primeira coisa que fez foi trocar os sapatos por chinelos. A segunda, foi ligar a televisão. E só depois de descansar o corpo por uns vinte minutos, de olhos na imagem do vídeo, é que teve coragem de tomar banho. Um banho gostoso, relaxante ! Parte do cansaço inicial já havia desaparecido , quando Doroty foi á cozinha preparar uma sopa de macarrão. A televisão continuava ligada, habitando aquele minúsculo apartamento. Assim Doroty não se sentia tão sozinha. O apartamento era de fundos. Tinha um quarto, cozinha, sala, banheiro e dependências. Doroty motava com uma amiga, que atendia por Sofia. Mas no momento estava só, porque por que a colega decidira passar dez dias com os pais no interior. As duas dividiam despesas e viviam vidas independentes.

Doroty era uma moça retraída, caseira, sem badalações. Mas sete dias de solidão naquele apartamento, nem Garcia Marquez suportaria. Depois do jantar empenhou-se em arrumar as gavetas. Desta forma as horas passariam mais depressa.

De longe via a televisão dando sinal de vida. Estava quase na hora do filme das dez, que por sorte seria um filme romântico e divertido.

Ao acomodar-se na cadeira, Doroty teve outra surpresa: o elenco trazia o nome de seu galã favorito. Perdeu o início da história e alguns diálogos, só prestando atenção aos movimentos e expressões de seu ídolo. Só depois de algum tempo é que começou a compreender o enredo. Era o tipo de história que ela estava precisando. Como sempre, no melhor do filme entrou um comercial. Doroty aproveitou para fazer um pouco de chá e esticar as pernas.

Finalmente o galã declarou seu amor para a mocinha. Beijaram-se. Doroty remexeu-se na cadeira, excitada com a cena. Deu um longo suspiro. Mesmo com o frenesi causado pelo filme, a noite corria tranquila. Até o momento em que alguém apertou o botão da campainha, tirando Doroty de seu transe romântico.

- Quem será a uma hora dessas, meu Deus! Sofia disse que só voltaria daqui a três dias... é mas só pode ser ela mesmo, claro. Deve ter acontecido alguma coisa!

Doroty espiou pelo olho mágico e percebeu que se tratava de um homem alto e bem vestido. Um calafrio percorreu-lhe o corpo. Continuou observando para ver se o reconhecia de algum lugar. Tinha que conhecê-lo bem, do contrario o sujeito não teria a audácia de bater em sua porta àquelas horas. O mais engraçado era que o visitante tinha alguma coisa que lembrava o galã do filme que ela estava assistindo. Enquanto ela estava com o olho grudado na porta, o homem tornou a buzinar e Doroty afastou-se sobressaltada. Resolveu comunicar-se com ele.

- Quem é que está aí? O que o senhor deseja?

O homem não respondeu e Dorothy começou a entrar em pânico. Não sabia o que fazer. O desconhecido voltou a buzinar. A moça pensou em ligar para a polícia, mas refletiu melhor e concluiu que o sujeito não havia feito nada de violento. Nem sequer esmurrara a porta.

- Antes de chamar a polícia preciso olhá-lo mais uma vez – pensou.

Dorothy aproximou mais uma vez o olho da porta viu que o homem não estava mais lá. Ficou muito aliviada por alguns segundos, porém depois de respirar um pouco, imaginou que o camarada poderia voltar mais tarde. A televisão permanecia ligada. O filme ainda não havia acabado. Dorothy analisou novamente o galã com cuidado e continuou achando que havia semelhança com o camarada da porta. A diferença era que o estranho era bem mais velho. Calvo e gordo. Naquela noite, Dorothy não conseguiu dormir direito. Estava muito agitada e ansiosa.

Na manhã seguinte, nossa protagonista acordou mais tarde do que de costume e já estava atrasada para o trabalho. Teria que arranjar uma boa desculpa para esse atraso. Tentava pensar em algo convincente, quando bateram na porta. Era a vizinha do 301.

- D. Deusa?

- Pode abrir, sou eu, minha filha.

- A senhora precisa de alguma coisa?

- Não, Dorothy, eu só vim pedir desculpas por ontem a noite. É que a Malu, minha filha, conheceu um gringo e ele veio apanhar a menina aqui em cima. Mas o camarada errou o número do apartamento e ficou buzinando na sua porta. Que incômodo, não foi?

- Não. Tudo bem. D. Deusa, não faz mal.

- Pois é, ele não fala uma palavra em português. A Malu conheceu o moço no avião. Ele veio passar três dias e viajou hoje mesmo. Você imagina, minha filha, que ele chegou a dizer para a minha Malu, que era um artista de cinema e a boba acreditou?

- Artista?

- é mas é claro que ele só pode ser mesmo um grande mentiroso. Bom, eu só vim mesmo me desculpar. Até logo, querida!

Doroty fechou a porta bem devagar. Que coisa mais gozada! Parecia mesmo coisa de cinema. O seu galã preferido, quem poderia imaginar?

Paulo Roberto Cândido de Oliveira

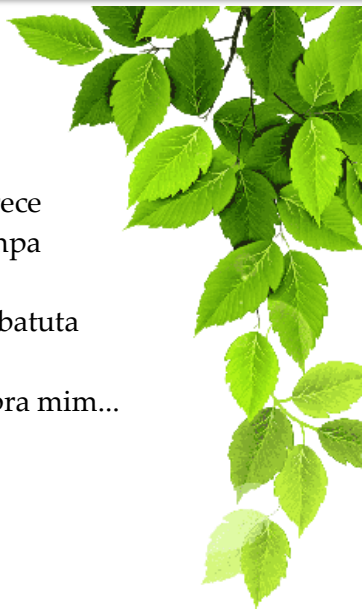
Nascido na cidade de Juazeiro do Norte-CE onde residiu até completar 10 anos de idade, passou a viver na capital cearense Fortaleza onde reside até os dias de hoje, integra o quadro profissional da Sociedade de Assistência aos Cegos, coordenando o laboratório de informática inclusiva da Instituição e o setor de projetos. Fundou a Academia de Letras e Artes da Sociedade de Assistência aos Cegos-ALASAC e é membro da Academia Metropolitana de Letras de Fortaleza-AMLEF, tendo publicado 03 livros (*Viagem ao Céu Particular*, *Casamento - Quando impor Quando supor Quando propor*) e participado de diversas Antologias Literárias lançadas no Brasil e em Genebra. É produtor artístico, compositor e integrante do grupo de teatro Olho Mágico e do grupo Visão Musical e um dos fundadores do Maracatu Luzes da Alma autor do livro: *Aves de Retina* onde conta a história da ALASAC.



VIDA

Palavra viva, bela e forte
que escreve nosso roteiro em cada ato
abrindo as cortinas no momento do parto
e mantendo-as abertas na hora da morte
Pois viver não significa somente o pulsar
de um coração que ainda não teve o infarto
dizer à vida cheguei ou agora parto
faz parte do mistério de quem quer sonhar
Vida longa, efêmera, sofrida ou feliz
seja qual for dela a única história
nunca se deve apagar de nenhuma doce memória
o valor de cada letrinha do seu nobre matiz

V de toda verdade que nela se estampa
I da intensidade de que cada vida carece
D do desprendimento que a vida do outro merece
A do puro amor que nem tem garrafa nem tampa
Viver é sempre estar pronto à renascer no fim
sem deixar que a dor ou a morte empunhem a batuta
perder, ganhar ou até mesmo desistir da luta
ainda é pouco de tudo que a vida tem pra ti e pra mim...



Suziane Alves da Silva

Nasceu em 19 de março de 1995 em Fortaleza CE. Estudou no instituto dos cegos. Começou a escrever aos 12 anos versos e poemas e também colecionava diários. Atualmente escreve paródias e compõe músicas, continua escrevendo poemas. Faz parte da academia de Letras e artes da sociedade de assistência aos cegos ALASAC. Cursa História pela Universidade Federal do Ceará.



AS FASES DE MIM

Eu pequena e distante,
com pouco brilho me sinto inconstante,
me sinto triste, uma aventura errante.

Na minha metade um misto
de sentimentos me invade
e sou o que exige o momento,
sou corajosa ou covarde,

Crio raízes ou vôo junto ao vento.
Nos momentos em que eu brilhar ,
ficam escondidos sentimentos
que não devo mostrar,

Distribuo o brilho e escuridão
Distribuo também sorrisos,
mas guardo a solidão.

Não se assuste quando eu estiver brilhando
toda é porque sou assim,
sou menina, poeta, sou o que eu quero,

sou as vezes tola.
Sou mulher, sou minha, sou sua.
Sou uma mulher de fases
assim como a Lua.....



Stélio Torquato Lima

Nasceu em Fortaleza, em 8 de outubro de 1966. É doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e professor do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará (UFC). É também cordelista, com várias obras premiadas. Alguns de seus cordéis publicados: *...E o vento levou em cordel*; *Cordel do Pequeno Príncipe*; *Macunaima em cordel*.



TROVAS AMOROSAS

1 – Coração navegador
Não há mais de navegar:
Achou porto em teu amor
E um farol em teu olhar.

2 – O amor que nós ofertamos
Com a matemática implica:
Quanto mais o partilhamos,
Mais ele se multiplica.

3 – Pescador lançou sua linha,
Mas nenhum peixe físgou.
E viu que no anzol só tinha
Saudades de quem amou.

4 – Equações sentimentais
Operam co’ outros valores:
Uma lágrima vale mais
Que o oceano, senhores.

5 – Perdi-me dentro de ti,
Em teus becos e avenida.
Mas, desde então, resolvi
Não procurar a saída.

6 – E pra zombar da distância
Que me põe tão jururu,
Decidi, sem relutância,
Só escrever “EueTu”...

7 – Qual sândalo, que perfuma
Cada machado que o fere,
Seja luz, derrote a bruma;
Em ser bom, sempre se esmere.

8 – Se insistirmos em fazer
Mais muralhas do que pontes,
Como a união promover
E ter novos horizontes?



Webster Cavalcante

59 anos, nascido em 12/04/1962
Fortaleza - CE cursou 1º grau completo
no colégio Deoclecio ferro, um poeta
romântico e crônico



QUEIXAS!

Por que te queixas
Que os meus carinhos
São tantos?!

Enquanto há tantas
E tantas que se queixam
da falta De carinho.

Por que te queixas
Que grudo em ti?
Enquanto há tantas e tantas
Que queriam
um grude assim...

Por que te queixas
Dos repetidos:
"Eu te amo"
Antes e depois de dormir?
Seria melhor para ti?
Eu me calar;
ou deixar de existir?...

*Coautores
Convidados da
Terrado Sol
Fortalecendo Laços*

Anderson Jean Chaves De Mendonça - Ce

Natural de Capitão Poço – PA, reside em Caucaia-CE. Sua paixão por escrever iniciou na adolescência, desde então não parou mais. É professor, Orientador de T.I., poeta, escritor. Com trabalhos publicados em várias Antologias. Também é membro de várias academias de letras pelo Brasil. “Ensaio de um Poetamador” é sua obra solo no prelo. É membro de várias Academias de Literatura. Brasil (ABL Virtual), Academia Brasileira Camaquiana (ABC), da Academia Antonio Bezerra de Letras e Ares (AABLA), da Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil (ACILBRAS), da FEBACLA – Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências Letras e Artes, Membro vitalício/Imortal da Ail Ordem Scriptorium (Academia Independente de Letras, Academia Antônio Bezerra de Letras e Artes (AABLA), Membro da Associação Cearense de Escritores (ACE) e Associado ao grupo LITERATE). Tem o canal Jean Poetamador.



RESSURGINDO DAS CINZAS AOS 42

Nasci em 1979

APRENDI a andar, falar, jogar bola

APRENDI a respeitar pai e mãe e os mais velhos.

APRENDI a sobreviver em um mundo desigual, a correr atrás das oportunidades.

APRENDI que a família é a base e mesmo quando você sai, é pra casa de seus pais que você volta. Pro almoço de domingo, para o colo da mãe, para o bate papo com o pai ou conversas afiadas com os irmãos.

APRENDI a ir pra escola, reprovei na primeira série e tive que estudar para poder passar de ano.

APRENDI a selecionar as companhias e valorizar os amigos, amigos de verdade.

APRENDI que final de semana é lazer, mais que na segunda-feira é dia de branco / preto, dia de trabalho.

APRENDI a lutar por meus sonhos, planejar o futuro, traçar metas e nunca, nunca desistir.

APRENDI a olhar sempre para o horizonte, porém não posso esquecer minhas raízes, e se for preciso voltar, na humildade eu volto, podes crê.

APRENDI a ser ético, valorizar o aprendizado e saber conviver com todas as pessoas. Não preciso passar a perna em ninguém.

APRENDI a amar, viver um grande amor, e se nos perdemos no caminho, paciência, vida que segue.

APRENDI que toda vez que eu me achei, eu me perdi e quando eu me perdi, verdadeiramente eu me achei.

APRENDI que o fundo do poço, não é o fim da jornada, e que ter é diferente que ser.

APRENDI que ser exemplo para meus filhos é muito maior que dar conselhos à eles (Te amo Jeanderson e Lucas Lorenzo)

APRENDI que as vezes os sonhos não se realizam, você se frustra e pensa no pior, só que não, eu não. Corro, pedalo, leio, durmo e ao acordar dia novo, eu continuo.

APRENDI que conhecimento é algo que ninguém nunca vai te roubar, então estude, invista em você.

APRENDI que a vida pode acabar aos 3, 8, 12, 20, 30 ou aos 41 anos, no meu caso, mais que pode recomeçar a qualquer momento. Hoje aos 42 anos, me renovo, revivo e persisto em viver.

Ela me ajudou a respirar, ela me ajuda a viver

Viva a Poesia

Tô vivão, és-me aqui, teimoso, insisto em seguir.

Como diz a letra da música da Legião Urbana (Metal Contra as nuvens):

“Tudo passa, tudo passará. E nossa história não estará pelo avesso assim, sem final feliz. Teremos coisas bonitas pra contar e até lá, vamos viver, temos muito ainda por fazer. Não olhe pra trás, apenas começamos, o mundo começa agora, apenas começamos”.

Jean Mend.

10 Abril de 2021.

@jeanpoetamador

Ana Carolina da Silva Rodrigues

Meu nome é Ana Carolina da Silva Rodrigues, mais conhecida como Carol. Sou professora de Educação Física no ensino médio e curso pós graduação em Gestão Escolar. Sabe aquela pessoa que gosta de sonhar, que se inspira ao ver o mar, que só se ilude em acreditar... Que o mundo ainda é capaz de amar.



FUTURO

O futuro é algo inconstante, muda a todo instante, nem sempre é fascinante, pode ser excitante e até mesmo revigorante.

O futuro pode ser uma bola de neve, que nem todo mundo se atreve, a enfrentar o que deve, por medo de ser breve, querendo apenas que seja leve.

O futuro pode ser bonito, mesmo estando em conflito ou ouvindo um grito, de dentro da alma, que não consegue manter a calma pelo simples desejo de se manter aceso tudo aquilo que almejo.

Ah, o futuro...

Que seja leve como uma pena...

Bonito como um poema...

Interessante como um romance em Ipanema...

Que desperte o prazer em ser e conhecer o ser que habita esse mundo cheio de problema.

Ângela Maria Borges Pereira

Natural de Quixadá - Ceará, nascida em : 04/06/1959, filha de José Pereira Neto e Maria Aglais Borges Pereira. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará – FECLESC. É uma das fundadoras da Academia Quixadaense de Letras – AQL. Foi nomeada se secretaria executiva da mesma.



RELÓGIO AMIGO

O relógio é meu companheiro nessa espera sem fim, por algo que nunca chega e não me canso de esperar. Dias intermináveis, minutos infinitos, busco não sei o quê, sem saber onde encontrar.

A angústia me devora o peito, a tristeza está em meu olhar, as lágrimas muito teimosas, às vezes vem me banhar, talvez não por teimosia, mas para meu rosto lavar. O vazio é terrível...vontade de não levantar, os dias seguem iguais, tristes e infundáveis. Eu e meu companheiro, que não cansa de marcar cada segundo, parece levar uma eternidade para uma hora se passar.

Relógio meu companheiro, hoje você marca minha luta tentando me erguer e um dia sem que perceba, marcará minha partida, acabando assim nossa triste agonia; eu por parar de contar os dias de tristeza e solidão; você por não mais precisar me acompanhar nessa vida de desdita.

PASSEANDO POR QUIXADÁ

Outro dia sai a caminhar
Sem saber ao certo onde parar
O meu sonho era ainda encontrar
A paz que conheci a me cercar.
A medida que nas ruas adentrava ,
Percebia quão inútil a minha busca
Pois só se encontra paz onde se planta
E não estamos preocupados em plantar.
Se todos tivéssemos consciência,
Viveríamos em um mundo bem melhor,
Poderíamos caminhar por entre as rochas
Que belamente enfeitam Quixadá,
Sem ter que sentir medo ou angústia
Pois o amor estaria em todo lugar.
Ângela Borges.



Ana Maria Pimentel

Ana Maria Pimentel Monte, professora por amor a profissão e por acreditar que a educação é o caminho por onde podemos mudar a sociedade e assim vou plantando sementes de bondade e esperança. Quem sabe num futuro bem próximo tenhamos a oportunidade de vivemos numa sociedade mais humana e feliz.



SOU CAMINHANTE

Vou seguindo meu caminho
As vezes loucura, outras sanidades
Nem sempre sozinha
Mas cheia de saudade

Sonhos sempre os tenho
Muitos para realizar
Se fui, se vou ou venho
É a esperança a me impulsionar

Sou terra seca à espera da chuva
Da esperança de ver brotar no chão
A semente da igualdade
Do amor e da união

Sou fogo que arde
Nesse gigante carrossel
Que nunca seja tarde
Para pintar de azul meu céu.

Sou a fome do conhecimento
Fome de viver e saber
Que a persistência seja meu atrevimento
Para recomeçar se vier a esmorecer.

Sou forte, sou valente e guerreira
Na vida aprendi a lutar
Assim vivo a vida inteira
E nunca deixo de sonhar
Na minha alma não existe prisão
Tenho a alma livre
Mesmo vivendo num mundo de opressão

Vejo o tempo chegando de mansinho
Invadindo meu espaço
Sem pedir licença
Me causando embaraço

Estou na labuta de cada dia
Meu nome é Maria
Vou desenhando minha história com fé e humildade
Nem sempre terei vitórias
Mas seguirei em busca da felicidade



Anizeuton Leite

É poeta, palestrante e professor da rede Estadual do Ceará. Graduando em História, Licenciado em Letras e Bacharel em Teologia. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura. Membro da Academia Cearense da Língua Portuguesa. (ACLP). Autor de uma dezena de livros. Fundador do Grupo Deleite Poético.



DEZ MOTIVOS PARA EU TE AMAR.

- I - Você é rara e especial. Deus te fez única, pois o Criador odeia repetições.
- II- Você é humana demais. Você tem sempre um olhar de amor e misericórdia para oferecer àqueles que estão a sua volta.
- III- Você ama com intensidade. Abre teu coração sem medo de se ferir.
- IV- Você é linda. Sempre que eu não encontrar uma definição de beleza, usarei o teu nome.
- V- Você é amiga. Tua presença enche de vida outras vidas.
- VI- Você é mistério. Teu olhar misterioso me paralisa e me deixa sem palavras.
- VII- Você é alegria. Você cumpre o papel de transbordar otimismo e irradiar alegria.
- VIII- Você é inspiração. Saiba que você não passa despercebida aos olhos dos poetas.
- IX- Você é harmonia. É alguém que cuida do corpo e da alma.
- X- Você é diferente. É Meiga, simples, atenciosa.... É uma flor que embeleza a minha vida todas as manhãs.

Antônio Martins de Almeida Filho

Nasceu em Quixadá-CE, em 11/10/1964, filho de Antônio Martins de Almeida e Hosana Rocha de Almeida. Licenciado em Pedagogia e Filosofia, com especializações. Professor da educação básica e Superior da rede pública e privada. Foi diretor escolar, diretor da CREDE 12, conselheiro de educação e secretário de educação, por duas gestões, em Quixadá-CE. É escritor e integra a Academia Quixadaense de Letras, como fundador da cadeira 28.



LIXO HUMANO

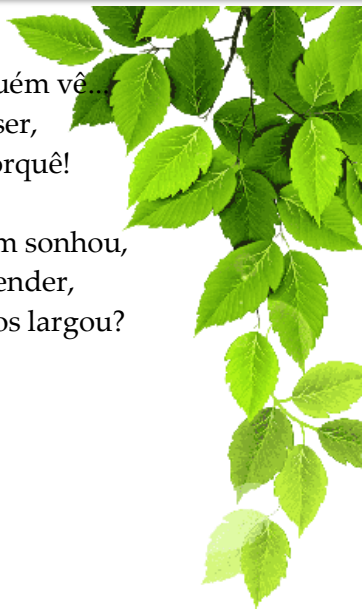
Prof.: ANTÔNIO MARTINS de Almeida Filho. Imortal da Academia Quixadaense de Letras - AQL - Cadeira 28. Soneto escrito em 28/03/2021.

Oh, Senhor! Minha visão andava perdida...
Aquietada, eu não sentira este choque forte;
As vísceras reagiram à cópula do consorte,
Vivendo sozinho o ato, já que a jovem dormia.

Que repulsa! A moça estava esvaecida...
Ao lado, corpos fétidos, largados. Cena forte!
Muito lixo humano! Ali, tudo remetia à morte.
Perdão, senhor! As entranhas estavam ácidas.

Com ou sem COVID-19, cena que ninguém vê...
Mendigo, gente perdida entre o ter e o ser,
Se estão acolá, certamente, existe um porquê!

Com efeito, esta não é a vida que alguém sonhou,
Uma realidade atípica, difícil de se entender,
Sem julgar o que vi. Quem foi que, ali, os largou?



POLÍTICOS NO CÉU

Prof.: ANTÔNIO MARTINS de Almeida Filho. Imortal da Academia Quixadaense de Letras - AQL - Cadeira 28. Crônica escrita em 30/07/2020.

A recepção celeste estava congestionada. A Pandemia Mundial da COVID - 19, em pleno Século XXI, assolou a humanidade, afetando até a espiritualidade. Havia novos hóspedes por todo o saguão e outros tantos transitando pela parte externa; eles aguardavam o momento de identificação no guichê central da hospedaria.

Neste íterim, o anjo chefe do setor de identificação chegara, com sua equipe, de uma missão terrena; além de cuidar de todos os mortos mundiais, vítimas da COVID - 19, ele acompanhara a equipe pericial, que assistira às vítimas de um desastre aéreo. Uma missão quase diplomática, por se tratar de um grupo de duzentos e cinquenta participantes de um congresso internacional. E todos eram políticos de carreira!

O anjo não entendia o porquê de tanta alma barrada na porta do céu. A confusão dos hóspedes era, em parte, pelo apego terreno às malas deixadas, investimentos espalhados pelos laranjais internos e externos de países, os terceiros que administravam a lavra frutífera e; pelos acertos não finalizados, em nome e benefício dos seus.

Um grupo de insatisfeitos cobrava explicações, queria saber por que dos duzentos e cinquenta políticos, só três haviam entrado no paraíso? Principalmente, por serem parlamentares sem expressão, pertencentes às minorias. O anjo respondeu que ali, a lei divina prevalecia em todas as situações, indistintamente. Em verdade, os últimos seriam os primeiros e

os humilhados seriam exaltados! Era a promessa do Senhor, em seus ensinamentos: “ *quem tem ouvido, que ouça!* ”

Diante da movimentação, o responsável tentou colocar ordem; tudo em vão! Foi quando ele deixou a santidade de lado, pela irritação com tanto espertalhão, querendo dar carteirada, e logo na chegada! O anjo retomou à sapiência celestial; dirigiu-se ao superior hierárquico e intercedeu pelos novos possíveis inquilinos; o santo negou! O bom anjo usou dos argumentos de Jesus Cristo narrados nos evangelhos; não logrou êxito. Seguiu o caminho da diplomacia, por se tratar de representantes legítimos do povo, benfeitores terrenos, políticos e; são Pedro respondeu encerrando o assunto:

- Meu caro anjo, não se deixe iludir. Outrora anjos celestes já caíram por tentação semelhante; não se deixe seduzir! Você não pode se contaminar e tampouco se contagiar pelos discursos eloquentes da casta política; as oratórias acaloradas são meras palavras ao vento, não possuem conteúdo, são, em parte, ocas. Espertalhões, em nome da fé, loteiam os parlamentos; ah! Se os céus lucrassem com os *royalties*, dava até para dispensar o dízimo terreno! Entenda, que, aqui eles não legislam, tampouco detêm postos para apontar e indicar apadrinhados nas instâncias superiores e protelatórias.

São Pedro parecia estar temeroso, segurando as chaves dos céus às claras; nunca se sabe, lá, tinha gente com o perfil de usurpar aquele chaveiro! Então, ele abriu uma gaveta, guardou-o e pegou o livro da vida. Ali, estavam todos os registros dos recém-chegados. E se pôs a folheá-lo com o mediador, falando:

- Historicamente, dentre os políticos que se desvirtuaram de seu mister, não conheço um só que tenha se regenerado, que tenha se arrependido dos maus feitos ou que tenha aprendido com os próprios erros!

E depois de examinar todos os registros, a coisa inverteu, o anjo foi quem sugeriu ao santo:

- Assim sendo, não vejo problema, vamos mandar todos para os gabinetes, que eles construíram durante a vida pública; ali eles ficarão bem, estarão entre os iguais.

PIETÀ¹

Prof.: ANTÔNIO MARTINS de Almeida Filho. Imortal da Academia Quixadaense de Letras - AQL - Cadeira 28. Crônica escrita em 02/03/2021.

A multidão se acotovelava diante do infortúnio público. Ali, estava, imóvel, um corpo que tombara sem vida. O burburinho dos curiosos dizia, que a Polícia havia eliminado mais um bandido, que aterrorizava a cidade. Em meio aos comentários controversos da multidão, algumas testemunhas narravam, que fora o resultado de uma troca de tiros. E que durante a perseguição, o elemento investira contra os policiais, que não tiveram outra alternativa, a não ser revidarem. O marginal teve o que mereceu; ele colheu o que plantou.

Como consequência do espetáculo de horrores, os transeuntes não escondiam a curiosidade. Uns se benziavam esgueirando-se; outros demonstravam espanto, sofrimento e pesar; alguns davam muxoxo, torciam o rosto e desdenhavam; certos demonstravam felicidade pela má sorte do imberbe. Surgiram tantos outros relatos em defesa do jovem, dizendo que a cena do crime fora alterada, mas temiam revelar o que viram. Enfim, o silêncio prevaleceu, porque a versão oficial é a que importa.

Parte dos policiais tentava, a todo custo, conter os curiosos. Era preciso preservar a cena do tiroteio e o corpo estendido; a perícia estava para chegar. Mas a presença da autoridade não inibia a investida dos curiosos, que, apinhados, circulavam a vítima, feito necrófagos. Nem as recomendações dos protocolos de segurança, em função da pandemia da COVID -19, desfazia a aglomeração. Enquanto isso, o restante dos policiais, perscrutavam, no entorno, informações sobre o transgressor abatido.

Em meio ao tumulto, uma voz, lânguida, perdida na multidão dizia:

- Valei-me, senhor! Eu conheço este menino desde criança. Coitado, nem pai ele teve; desde que a mãe engravidou, o reprodutor sumiu, e até hoje! Com a pandemia da COVID – 19, a mãe pegou as economias do mês e comprou estas coisinhas para o filho revender no sinal. São pessoas boas, honestas, certamente ele é inocente. Deve estar havendo algum engano!

Um dos anônimos que *gorejava* a desgraça, nem deixou a mulher concluir o relato e externou:

¹ **PIETÀ** – Com acento grave, é a palavra italiana para “ piedade. ” Tema da arte cristã, representando a Virgem Maria com o corpo morto de Jesus Cristo nos braços, após a crucificação. Associa-se, assim, às invocações de Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora das Dores. As primeiras pietà datam do final do século XIII, na Alemanha. A mais famosa é a Pietà do Vaticano, esculpida em mármore por Michelangelo em 1499

- Quem pela inocência peca, pela inocência vai pro inferno, senhora!

Em meio ao vai-e-vem de curiosos, um retardatário perguntava:

- Quem é?

Um dos interlocutores da desgraça respondeu:

- Não é ninguém, não. É só um marginal! “ *Um negro Vêi* ”, sem importância...

Fez-se um longo silêncio para deixar Dodô passar. Ela mesma, dona Maria das Dores, mãe de André, o Dedé, filho único; o menino crescera no bairro. Tudo que se sabia, dali em diante, era que a mãe do jovem, fazia faxina na redondeza, e ele era aluno do Ensino Médio da escola pública do bairro. Sonhava até em cursar uma faculdade. Em meio ao bulício, à execração pública e tantas manifestações depreciativas, a mãe ultrapassou a fronteira, que isolava o local, e aos prantos, tomou o corpo inerte do filho, no colo, abraçou-o e aos soluços sussurrava revelando, verdadeiramente, aos curiosos, quem estava, ali, estendido no solo asfáltico:

- Meu filho, meu filho! O que fizeram contigo?

² **Um negro Vêi** – Para a língua culta, o mesmo que negro velho. Um termo racista e debochado, que desqualifica outrem, em função da tonalidade de sua pele escura, por pertencer a outra raça, que não seja a ideologicamente incutida na cabeça das pessoas. Uma reprodução velada, que a maioria das pessoas se utilizam, mesmo verbalizando que não são racistas e nem preconceituosas.

Prof.: Antônio Martins de Almeida Filho

Imortal da Academia Quixadaense de Letras - AQL - Cadeira 28. Poema de amor à terra natal, escrito em 27/10/2000.



LOUVAÇÃO

I

Sou poeira da terra,
Filho da Serra do Estêvão,
Da Serra de Santo Estêvão,
Do distrito de Dom Maurício,
Oásis de Quixadá.

II

Oh! útero bendito que me gestou,
Para mais tarde,
Na maternidade - da cidade,
Sob os cuidados de Jesus, Maria e José,
Quixadá
- como berço,
Me patrear.

III

Oh! minha Serra,
Oh! meu torrão natal,
Pedacinho amado de minha Quixadá,
Que dores e delícias me fez passar,
Esta seria a condição para
- Em gradação,
Ao mundo me revelar!

IV

No galope do tempo ligeiro,
Eternizado em minha infância;
Eu me perdi em mim.
Oxalá, eu possa me encontrar em ti:
E assim –
Em contemplação,
Seja-me dado cantar-te em prosa e verso;
Como fazem os poetas.
Confesso que tentei,
- Tudo em vão, sem afrasia;
Nada mais há que dizer de ti,
já que tu és a própria poesia!

V

Por tua gênese,
Hoje eu sou o que sou,
Mas diante da grandeza que és tu,
Vivo um verdadeiro conflito
– Uma antítese,
Que não consigo dirimir:
Já não sei, se tu habitas em mim.
Ou se sou eu, que habito em ti.





SÚPLICA AO SENHOR DO BONFIM

I

Senhor Deus,
Divindade celestial
Protegei-nos nesta vida,
Livrai-nos de todo mal.
E quando chegar a desdita,
Merecermos um cantinho,
Na pátria celestial.

II

Como filho, vos peço,
Santo uno e trino,
Presença efusiva,
Do universo divino!
Chantado no obelisco, alvor,
Sobre a Colina Sagrada,
Panteão de Salvador!

III

Olhando para o Brasil,
Vossa pátria celeste,
Elegestes na Bahia,
A cidade de Salvador, advieste,
Berço do progresso, penhor,
Miscigenação de raça e cor,
Templo divino – fonte de amor!

IV

O povo baiano consagrou
O legado dos pioneiros,
Entronizou o Senhor do Bonfim
Como santo luzeiro!
Deus aqui, - em todos os cantos,
Da Cidade Alta à Baixa - Barra e Ondina,
À Bahia de Todos os Santos.

V

Oh, Senhor do Bomfim!
Sou filho vosso – um brasileiro:
Vim de Quixadá – do Sertão do Ceará,
Para subir a Colina Sagrada, candeeiro
E como devoto contrito,
Prostrado aos vossos pés
Para vos adorar, adstrito!

VI

Perdão, meu senhor,
Mas, sois desafiador!
Vives o sincretismo religioso,
Dialogando no terreiro, altar e andor,
Mostrando à humanidade, no fervor,
A convivência harmônica,
Regida na lei do amor!



VII

Depois de orar eu vos peço,
Não quero abusar
Guia o brasileiro
Na hora de votar
Porque o sufrágio
É a única forma que temos
Para os Poderes da República alinhar.

VIII

O voto sendo inerte, ouve este pecador:
Leve a Brasília banho de cheiro,
E as baianas de Salvador!
Quem sabe faxinando
O Congresso Nacional,
Oficina da ética, da lei e da moral,
As transformações ocorram, afinal!



Abelardo Nogueira

É natural de Aracoiaba-Ce. Músico, poeta, escritor trovador e cordelista, premiado em concursos literários principalmente das UBTs e OMTs. Participa de inúmeras Coletâneas e Antologias físicas, inclusive, de Academias de letras em vários estados, além de virtuais, tanto nacionais como internacionais. É coautor principal do livro *Brixia Brasile in versi*, autor de várias obras e sócio fundador da UBT- Ocara/Ce.



CEARA, TERRA DE NÓS!

Eis um pouco de nós,
Tal cabra da peste!
Alegria agreste,
Qual sorte de ser.
De ser genial,
Nosso maior bem,
Como, enfim, ninguém,
Viera a nascer.

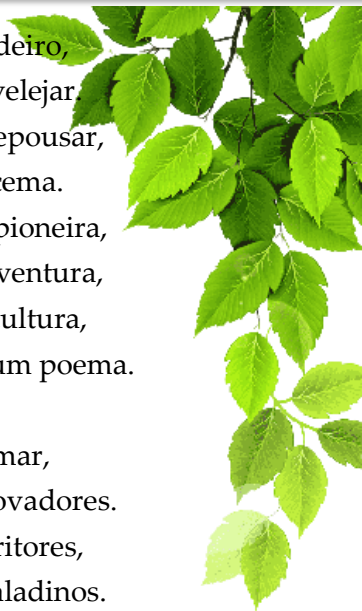
Eis o horizonte
Onde o sol nascente
Descortinadamente
Ousa contemplar
A vastidão da alvura,
A costa suntuosa,
A vista majestosa,
A praia, o infindo mar.

Eis as verdes serras,
Altivas, relevantes,
Vistas, mui distantes
Na imensidão.
O nobre sertanejo,
O brado dos vaqueiros,
Os vales quão brejeiros
A Caatinga, o Sertão.

Eis o humor latente
A decantar o gosto,
O sorriso no rosto,
A garra, o talento.
O herói de si
Que perdura avante
Sempre itinerante
Em contentamento.

Eis o jangadeiro,
Dragão, a velejar.
O Forte a repousar,
A doce Iracema.
Bárbara, a pioneira,
Sonhos de ventura,
Traços da cultura,
Versos de um poema.

Eis a declamar,
Chão de trovadores.
Poetas, escritores,
Grandes paladinos.
Vultos da história,
Nossa Fortaleza,
Juntos a grandeza
Dos Alencarinos.



Antônio Ferreira dos Santos

O seu Antônio, é um bom exemplo de sertanejo apaixonado pelo campo. Não possui nenhum título acadêmico, ou melhor, frequentou a escola durante um mês apenas, tempo suficiente para aprender a assinar o próprio nome, mas possui um talento nato pela música e poesia que impressiona a todos que o conhecem. Ele é coautor do livro quintal de poesia junto com suas filhas Neli e Leoneide Frutuoso.



BRINCANDO DE SER POETA

Ser poeta é fazer versos
É cantar, é escrever
Fazer planos todo dia
É competir é vencer
Ser pacato e esperançoso
Até na hora de morrer

Pode até não ser tão fácil
Mas devemos entender
A semente que germina
Ela pretende nascer
Mas precisa de cuidados
Para poder florescer
A vida de um poeta

É engraçada de ver
Lapidando seu talento
Certamente irá crescer
E os versos que ele canta
Eu dedico a você

Sou um poeta engraçado
E canto sem perceber
Toda rima que eu faço
Eu agradeço a você
Caro leitor eu confesso
És a razão do meu viver.

Antônio Charles Melo Feijão

Charles Melo é natural de Groaíras no estado do Ceará, poeta, cordelista, escritor e antologista, graduado em Administração pela FLATED (Faculdade Latino Americana de Educação); autor do seu primeiro livro de poesias intitulado Veredas Sertanejas e vários cordéis. É membro honorário da UBE (União Brasileira de Escritores); membro efetivo da ALCPN (Academia Literária Clube da Poesia Nordestina) e membro honorário da ALCS (Academia Literocultural de Sergipe).



AONDE ESTÁ A FELICIDADE

Procurei ver se achava
Aonde a alegria estava
E quanto mais eu caçava
Me perdia na verdade
Mas, ouvi de um companheiro
“No mundo não tem dinheiro
Nem se for do mundo inteiro

Que compre a felicidade".
E eu não acreditando
Com ele fiquei teimando
E muita coisa citando
Tentando ter a razão
Que dinheiro tira tédio
Tira dor, compra remédio
Compra casa, compra prédio
Mas ele me disse, não!

Você pode bem viver
Morar bem, se achar ter
Sentir até um prazer
Mas correndo o dia a dia
Vai se cansar na estrada
Ficar triste na morada
O dinheiro não valeu nada
Não comprou sua alegria

A felicidade está
Na criança a brincar
No amigo a abraçar
Na vida livre, tão bela
Na saúde, no sorriso,
Vida longa, bom juízo
Pra achar, pouco é preciso
O valor que se tem nela



Vai ver na tua velhice
Que tudo só foi tolice
E se caiu na burrice
Que o dinheiro te alegrou
Te digo, está enganado
Depois de está enrugado
Olha para todo lado
O dinheiro te abandonou

Pois quando é chegado a hora
Não adianta o que chora
A morte te leva embora
Não serviu a vida rica
Teve na visão ligeira
Que a vida é passageira
O que fez por ela inteira
Morreu e tudo aqui fica



Cainam Frutuoso Ferreira

É filha do seu Antonio Ferreira dos Santos e da Dona Francisca das Chagas Frutuoso. É Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Nove de Julho - UNINOVE. Ela é apaixonada pela arte, de modo muito especial pela música e pela poesia.



REFLEXÃO

Às vezes em simples conversas
Falamos a respeito do mundo
Olhamos para nós e dizemos
Quando eu me tornei tão profundo?
O tempo passou e eu não vi?
Ou cresci tanto em um segundo?

A questão é que a vida
Não espera por ninguém
Corremos atrás do saber
Mas com o tempo, ele vem
E assim vamos levando
As dores que a gente tem

Aprender a respeitar o tempo
E a tratar nossas dores
Saber que a vida imita a arte
Mas nós não somos atores
Colhemos o que plantamos
E nem sempre serão flores

Sim, nós estamos crescendo
E já não acabamos mais
Em lugares tão pequenos
Que antes eram normais
E agora são lembranças
Que já ficaram para trás



Edna Maria Mendes Rodrigues

É professora da Rede Estadual da Educação do Ceará e presidente da AGL – Academia Groairense de Letras. É graduada em Pedagogia (UVA/CE) com habilitação em Administração Escolar, Língua Portuguesa e Língua Inglesa. É especialista em Metodologia do Ensino Fundamental (UVA/CE), Gestão Escolar (UFJF/MG) e em Língua Portuguesa e suas Literaturas (FGF/Fortaleza) com mestrado em Filosofia (UGF/ RJ). A

professora Edna Mendes é poetisa, contista e autora dos livros: “Ao Inverso: Da Academia à Poesia”; ‘Groairas, a Grogró de Mel” e “Magia e Realidade – Contos Modernos com textos publicados em outras obras literárias.



O PODER DA CRENÇA

Era final de verão e as esperanças do sertanejo reacendiam aqueles corações na expectativa de que naquele ano vindouro houvesse inverno no seu castigado sertão. Há sete anos, as chuvas estavam escassas naquelas terras e a produção de milho e feijão não era suficiente para o sustento daquela família.

Eram pai, mãe e filhos. Três filhos: duas meninas e um menino. Dezembro chegou e o Sol castigava, enquanto Edson, o pai, já estava com o coração apertado. A vaquinha magra mal sustentava o próprio filhote com o seu leite e as poucas cabras e galinhas comiam os últimos grãos de milho.

A mãe, por nome Helena, era professora e ensinava seus filhos e os filhos dos vizinhos, na sua sala de visita. Ali havia um

pequeno quadro negro e uma grande mesa ladeada por dois enormes bancos de madeira.

Tudo era escasso. A situação era preocupante. O que fazer? E se o inverno não fosse bom? Então, naquele alvorecer de Dia de Natal, o sertanejo saiu sem rumo, andou, andou até cansar. Sentou-se ali mesmo debaixo do juazeiro e rezou. Clamou a Deus pedindo-lhe um bom inverno e forças para plantar, cuidar e colher e assim, a família e os animais sobreviveriam.

E Deus por ele intercedeu. Chamou a Mãe Natureza e sussurrou ao seu ouvido:

— Vai lá e socorre este filho. Convoque todos os seus amigos e juntos, resolva este problema.

A Mãe Natureza convocou o Sol, a Lua e o Vento para uma grande assembleia e em questão de segundos, o astro rei sumiu, as nuvens chegaram grandes e cinzentas trazendo consigo um vento suave, mas o suficiente para sacudir a folhagem do enorme juazeiro.

Edson continuava sentado com os olhos fechados e nem havia percebido o que estava por vir. Um raio cortou o horizonte e em seguida, o trovão esbravejou trazendo o fervoroso sertanejo à vida.

Não havia dúvidas, o inverno anunciava sua chegada e ali, diante dele, havia um presente: uma enxada.

O pobre homem olhou para um lado, olhou para o outro, levantou-se e ajoelhou-se em seguida, para agradecer as bênçãos recebidas.

Horas depois, Edson chegou em casa, molhado, com a enxada no ombro e contou à esposa o que aconteceu naquela tarde. Helena, usando de sua sagacidade, logo explicou:

— Há uma lenda nestas terras que fala de um espírito do bem, outros dizem se tratar de um anjo e ainda, há aqueles que

acreditam ser um sertanejo que descobriu uma botija de ouro e por medo, cometeu suicídio e a sua pena é ajudar àqueles que necessitam, por um determinado período.

O sogro, muito religioso, acreditava se tratar de um milagre, pois o genro e a filha eram boas pessoas, mas as crianças estavam convencidas de que tudo aquilo era magia.

Durante sete anos, o sertanejo não largou a enxada, que a cada dia parecia mais leve e ligeira. Ele acreditou, plantou, colheu e prosperou, mas nunca esqueceu de visitar anualmente o juazeiro e agradecer a quem o ajudou. A enxada? Desapareceu da mesma maneira que surgiu.

Hoje, a família está bem, na cidade. Já não são mais cinco, agora, são vinte e sete. São seis filhos, quatorze netos, seis bisnetos e Helena. Edson, este Deus o levou e o colocou ao seu lado. Para meus pais Edson Paulo Mendes (in memoriam) e Helena Mendes Rodrigues 02.05.2021

Francisca Narcisa da Silva

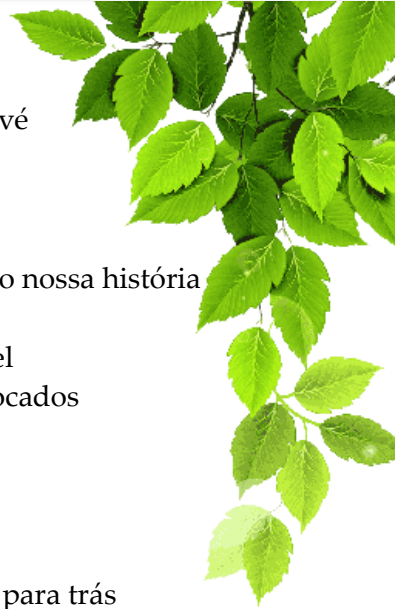
Meu nome é Narcisa Silva. Sou natural de Quixadá, professora e poeta. Tenho paixão pela escrita e pela leitura. A poesia é o que me encanta. Acredito no poder da fé, creio que Deus é fiel para com todos nós.



SILENCIAR SIGNIFICA DELETAR

Deletemos tudo aquilo que nos faz mal
Seguir é acreditar no nosso potencial
De maneira natural, deixemos a vida florir
Fortalecemos nossos laços
Sem grande embaraço
Para a vida despertar
Às vezes, silenciar,
Significa deletar aquilo que dói
Desatando os nós que a vida nos dar
Fico aqui a imaginar
Como faremos para os laços estreitar
E não deixar partir, quem nos faz sorrir
Acredito que a amizade tem esse poder
De um laço fortalecer em nossas vidas
Nos fazendo esquecer antigas feridas
Nesse momento, quero agradecer a Deus
Por realizar os sonhos meus
De maneira tão perfeita e tão divina

Sei Senhor, que sou a tua filha
Que em ti crer, para a vida fortalecer
Mantendo firme a minha fé, tu és meu Deus Javé
Aquele que não desanima
E sim, o que tudo determina
E faz a vida seguir
Seguimos deletando, apagando e reconstruindo nossa história
Tudo bem gravado na memória
E também em um papel, às vezes, a vida é cruel
E ficamos abobalhados, passamos por maus bocados
Mas seguimos confiantes
E acreditando que podemos encontrar alguém
Para juntos caminhar nessa trilha constante
Juntos, a caminhada é mais serena e segura
Fortalecendo a cultura de não deixar ninguém para trás
Pois nascemos para ser luz
Luz que ilumina nossa vida e a de quem próximo de nós está
Caminhe devagar, sem pressa de ser feliz
Curta cada momento, como se fosse o último
Confesso que fico insegura
Mas o amanhã não nos pertence
O hoje é a certeza do amor de Cristo por nós
Que nunca nos deixa a sós
E nos encontra no silêncio
Silenciar é deletar aquilo que dói



Francisco Antônio Guimarães Silva

Nasci em Fortaleza/CE no ano de 1962. Sou filho do Sr. Silva (falecido) e da Dona Railda. Gosto de versos livres, uma poesia sem parâmetros que faça o leitor apropriar-se de todas as sensações que viveu ou esteja vivendo. Sou formado em Pedagogia.



SENTIDOS

Um estranho e inesquecível perfume das flores...

O perfume nas flores que te dei,
Todas as noites me faz sonhar.
Pensando em lugares distantes sei
Que paciente preciso esperar.

Não importa, seja como for, vou esperar...

Nos teus olhos vejo o sol brilhar
E te imaginando quero enlouquecer.
Pelas tuas pegadas tento encontrar,
Quando tudo que quis, foi não te perder.

Senti o peito doer, sei como é perder alguém...

Dizer mentiras e esconder o que sinto,

Respirando fundo para me acalmar.
Sem acreditar, por piedade minto
E a solidão na boca senti amargar.

É triste, silenciosa e amargar uma desilusão...

Juan Di Brechó Guimarães



Félix Cordeiro de Almeida

Félix Cordeiro de Almeida é Quixeramobinense, formado em Tecnologia em Agronegócio, pela FATEC/CENTEC de Quixeramobim. É professor, escritor, músico, compositor, artista plástico e radialista. Livros publicados: Dona Guidinha do Poço – A Peça (teatro); A fuga (romance).



MANIFESTO

Pardos mulatos caçados
Bailados chorados exaustos em si.
Perdura a tortura, a má cura e fúria
Embutida deságua malvada maligna em mim.

Copiosa corrupta alcateia em querela sem fim...
Discutidos amorfos pautados debates, afins...
Pelo bem que tão bem escondido apresenta
Fantasia, tramoia, utopia. E assim fica assim.

Eis que já demasiado este fado
Em retumba o querer estado de agir,
Que permuta ideias sentidas no ato,
Celebrado escambo, suor – ai de mim.

Prisioneiro: agito, reclamo, debruço aos confins
Que tu és quem tu és, pesadelo sugando o que resta de mim.

Germá Martins dos Santos

Nasceu Tarrafas-CE em 1982. É Graduado em Letras e especialista em Gestão educacional. É Professor, Escritor e palestrante. Iniciou-se o gosto pela literatura ainda na época de estudante, quando começou a escrever os primeiros contos. Publicou o primeiro livro em 2014 através do Edital de Incentivo as Artes da SECULT-CE com o título “Que rádio é esse?” – contos. Ainda em 2014, lançou o curta-metragem “Que rádio é esse?” através do Edital do Cinema e Vídeo do Ceará. Em 2017 participou como Escritor convidado da XII Bienal Internacional do Livro do Ceará. Em 2018, venceu dois concursos literários, categoria poesia e seus poemas foram selecionados para as coletâneas “Poesia Agora” e “VIII coletânea do século XXI”. Ainda em 2018 participou da coletânea “Antologia poética: escritores do cariri” e do livro “Patronos” da ALB/Araripe-CE. Em 2019 publicou o livro de HQ “As aventuras de Rob Porto após ficar em 3º lugar no Edital de Literatura- Secult-CE. Em 2020, o conto “A dor do Pecado” ficou em 5º lugar em um concurso literário e foi publicado na coletânea Conte-me um conto. Ainda em 2020, foi um dos vencedores do Edital 3º mostra de poemas para Maria de Juazeiro do Norte. Em 2021 ficou em 3º lugar no 2º Edital de Cordel de Juazeiro do Norte. Além disso, o romance inédito Benjamim e Açucena foi um dos vencedores do Edital de Literatura – Secult –CE e será publicado em breve. É membro da ALB - Academia de Letras do Brasil/Seccional Araripe/CE, cadeira 26 e da ACE – Associação Cearense dos Escritores.



VISITA NORTUNA

Já era noite quando cheguei do trabalho. Preparei um lanche, assisti ao jornal na tevê e depois fui para o quarto. Deite-me na cama já tomado por uma sonolência incomum. Estiquei o braço e desliguei o abajur. Percebi que a escuridão, aos poucos, deu lugar a uma luminosidade branca com sombras nervosas,

incertas de um luar misterioso que invadia o quarto pelas frestas das telhas. Lembre-me das histórias mal-assombradas que meu avô contava nas noites de lua cheia, quando criança. Porém, eram lembranças vazias de significados e o cansaço me fez adormecer.

O sono é o melhor remédio para superar o cansaço diário. Dormi o primeiro sono, um sono profundo e reparador de quem palmeou o dia e sofreu os calores ardentes do sol impiedoso do sertão nordestino até que acordei de súbito. Por um momento, tive a impressão que não estava só. Algo incomum acontecer. Sempre costumo dormir a noite inteira, mas acordar daquela forma foi um tanto estranho.

Levantei, acendi a luz e fui à geladeira tomar um copo d'água. Percebi que a ventania sacodia as copas dos coqueiros nos quintais próximo da minha casa. Retornei à cama. O sono demorou um pouco a vir. Fiquei observando a luminosidade da lua até ter a ligeira impressão de dormir e acordar de supetão novamente. Abri os olhos e me deparei com uma pouca claridade diferente no quarto, mas foi suficiente para perceber que a porta estava aberta.

Tomei um susto, porque tinha quase certeza que havia fechado a porta antes de dormir. Levantei a contragosto para fechá-la. Enfiei a cabeça embaixo do travesseiro e, por alguns instantes, tive a certeza que dormi, porém, ao abrir os olhos, vi a porta aberta novamente. Estremeci do susto. Acendi a luz e percorri a casa para conferi todas as fechaduras. Tudo normal. Ainda abri a janela e espiei lá fora. A rua silenciosa esperava a madrugada trazida pelo vento rasteiro da meia noite. No céu, nuvens pretas faziam contornos sinistros em torno daquela que seria a última lua cheia daquele ano.

Retornei ao quarto um pouco receoso. Mexi a maçaneta com cuidado até escutar o estalo. Finalmente, a porta estava fechada. Deitei e quando estava adormecer, fui surpreendido por

um estalo. Arregalei os olhos avermelhados de sono. Acendi a luz e deparei-me com a porta aberta. Senti um arrepio tomar meu corpo. Havia em mim, naquele instante, todas as incertezas do mundo. A casa continuava intacta. Tenso, examinei o trinco. Rodei a chave de um lado para o outro. Por fim, tranquei a porta a chave. O medo era minha única companhia naquele momento. Deitei-me e enrolei-me dos pés à cabeça e esperei o estalo novamente. O estalo não veio.

Fechei os olhos com força. Porém, a ânsia fervente do medo impedia a dormir. Ao cochilar, as histórias mal-assombradas da minha infância vieram me visitar em forma de sonho, fazendo-me acordar sufocado. Esfreguei os olhos. Lembrei-me da porta. Ao espiar, dei um pulo da cama. Tive a sensação que a porta estava aberta. Acendi a luz, não estava. Fiquei confuso. Levei as mãos aos olhos, fechando-os, ao abri-los, dei de cara com a porta aberta. Assombrado, corri de rua afora no meio da madrugada.

Parei em uma praça. Sentei no primeiro banco para recuperar o fôlego. A ventania assoprava uma brisa pouco sombria que fazia meu corpo tremer, ora de frio, ora de medo. Depois que acalmei os ânimos, pensei em retornar para casa, mas antes de tomar em qualquer decisão percebi um papel vindo em minha direção trazido pelo vento. Não demorou muito para ele parar bem próximo aos meus pés. Baixei e com uma das mãos apanhei o papel. Era um papel simples amarrotado pelo vento e no interior dele, uma frase inscrita tirou-me o chão dos pés, com letras maiúsculas estava escrita “eu estou aqui”

Geneva de Queiroz Castelo Branco Neta

Me chamo Geneva de Queiroz Castelo Branco Neta. nasci em 10 de setembro de 2004, sou de Cipó dos Anjos, Quixadá-CE e tenho 16 anos. Sendo a escritora mais jovem da academia quixadaense de letras, desde criança sempre gostei de aprender coisas novas. sempre gostei do desconhecido, como uma forma de descoberta. Adoro escrever poesia mas sou fã de muitos outros estilos de texto. Sou movida pelos sonhos e acredito que esse é o primeiro passo pra ter e mente um futuro bonito. Acreditando que só sonhando pode se tornar realidade.



UM CANTO DE BELEZA E SAUDADE

Eu venho de um canto seco,
De solo quente e rachado.
Sou de um povo hospitaleiro,
Que não foge do trabalho!
Que luta, batalha, enfrenta,
E se cai, levanta e tenta
Mas não se deixa pra baixo.

De lá carrego a coragem
E a fé que é o bastante.
Sou a resistência de um povo
Numa seca agonizante,
Eu sou a mata fechada,
Seca e também torrada,
Mas Que enverdece e deslumbra.

Posso até não ser letrado
Mas de lá meu aprendizado
Riqueza nenhuma compra.

E se engana quem pensa
Que o Nordeste é pobre.
Aqui tem muitas belezas
E quem vem aqui descobre!

O verde de um inverno,
A fartura de uma colheita,
Um rebanho de gado pastando,
A água lá da biqueira.

Café coado na hora,
Cheiro do campo molhado,
Uma roda de conversa
Olhando o céu estrelado,
Um açude no inverno,
Não carece de mistério
Pois aqui é sossegado.

Apesar de ser tão bom
Também tem dificuldades.
Carece de atenção
Das nossas autoridades,
No verão há falta D'água,
São poucas as oportunidades.

De lá eu sinto saudades
Chega apertada o coração...
Mas tive que vir pra cidade



Buscar oportunidade,
Melhorar a condição.
São duas realidades,
Porém nada na cidade
Compra a paz do meu sertão



Israel Batista de Sousa

É cearense da cidade de Várzea Alegre, nascido em 22/02/1972, filho de Raimundo Nonato Batista e de Maria Lenilda de Sousa Batista, Israel reside em Recife Pernambuco tem mais de 150 trabalhos publicados entre livros livretos e cordéis é casado com a recifense Rosemary Borges Xavier assim como ele, escreve alguns poemas e pensamentos. Já participou de várias antologias em quase todo o Brasil.



DONZELAS

Diana, Deyse desde aquele dia, deixaram de dançar discoteque depois de Damiana dizer duas deduções discreta, dançar demais desgasta, descansar dependem delas.

Diana dorme, Deyse decora dever, Damiana diz descansada, deleitar de deidade do divino.

Dias desses duas donzelas duvidaram de Damiana dizendo:

- Damiana diga duas declaração de delitos.

Decepção! Damiana debochou das donzelas decidindo definir depois.

Diana, Deyse, Damiana damas das delicadezas, digo decididamente deusas

da devoção, dias dia dividirei dúzias de dengos deliciosos duvidas

Julietta Rocha de Almeida Lima

Cearense, natural de Quixadá-CE, nascida em 4/12/1963, filha de Antônio Martins de Almeida e Hosana Rocha de Almeida. Tem Bacharelado em Teologia, Licenciatura em Filosofia, Licenciatura em Letras e Graduação em Pedagogia. Especialista em Gestão Escolar e em educação Global, Inteligências Humanas e Construção da Cidadania. É presidente da Academia Quixadaense de Letras - AQL, como imortal da cadeira 24, cujo patrono perpétuo é o Padre Luiz Braga Rocha. Eleger-se presidente da agremiação, por dois mandatos, sendo a primeira delegação para o período de 13/08/2016 a 12/08/2018, e a segunda de 22/09/2018 a 22/09/2020, mandato que, em função dos protocolos de segurança da pandemia da COVID-19, estende-se aos dias atuais.



O MAGISTÉRIO EM MINHA VIDA

Imortal da Academia Quixadaense de Letras -
AQL - Cadeira 24. Crônica escrita em 17/04/2021.

O universo literário sempre esteve comigo, afinal é minha outra metade, meu mundo interior! Esta foi a constatação que fiz, ao despertar do sono matutino. Uma verdadeira saga exploratória das memórias, que amalei ao longo da vida! Despertei com um saudosismo que só eu sentira. E me embrenhei na retrospectiva de minhas memórias, tendo por início minha própria infância.

Estive na sala de aula, onde aprendi as primeiras letras. Ali, no colégio Educandário São José, revivi momentos ímpares, abraçando professoras, colegas e funcionários carinhosamente. Afinal, sou resultado do apostolado fecundo dos mestres, familiares e, sem dúvida, de meu esforço pessoal.

Na varanda de minha casa, em Dom Maurício, eu aproveitava o conforto da rede armada e, contemplava o céu pontilhado de estrelas. Lá, mergulhei em mim mesma e encontrei a constatação, que tanto me orgulha, a razão pela qual escolhi a docência como profissão. Só quem conheceu o amor na infância, e com ele cresceu, pode sentir o que sinto e se orgulhar, de ter abraçado o magistério. Em verdade, meus dias se tornaram alegres e experimento até hoje, a satisfação de ser chamada de professora.

O saber é algo maravilhoso, como maravilhoso, também, é a arte de compartilhá-lo, de aprender com o outro e de ensinar. E isso está em minha essência, acompanha-me desde a infância. Então, dentre as brincadeiras da meninice, a que mais gostava, era a de reunir a criançada da comunidade, para ensiná-las a ler, escrever e as operações matemáticas fundamentais. Em síntese, eu era uma criança ensinando às outras crianças. E não me faltavam materiais e nem assessórios didáticos, porque o quadro-negro era, sempre, as portas de nossas casas e o giz, era o carvão retirado das cinzas do figão à lenha.

Nada me tirava a alegria de ser a professora da meninada! Na realidade, o mérito de aprender, era de cada criança, porque em síntese, eu apenas ajudava a acender a luz do conhecimento, presente em cada uma delas. E me torno plena quando, hoje, já adulta, encontro com meus ex-alunos infantes. Em verdade, quase todos são mestres e doutores. Em parte, quase todos se tornaram professores, seguiram, sem dúvida, os passos da mestra...

Antes de tomar o café da manhã e seguir para mais um dia de trabalho, resolvi, ainda, subir à Serra do Estêvão e no topo da montanha agradecer a Deus, sussurrando baixinho em seu ouvido divino:

- Bom dia, meu Senhor e meu Deus! Sou eu, sua menina serrana, a professora Julieta... Vim, aqui, para vos agradecer e louvar pelos dons, pela sabedoria e por teres me oportunizado exercer a cátedra do magistério.

E durante o encontro eu passei a entender. Aquele que detém toda ciência, saber e poder, tornou-me o que sou. Então, eis-me aqui, profissional do magistério por excelência

O POETA

O meu pseudônimo é Jardim:

Julieta Rocha de Almeida Lima, está contigo dentro do nome, jardim.

I

Para falar de Juvenal Galeno

Antes, peço, inspiração superior

Para escrever, sua arte com amor

Ênfase, no homem eterno, pleno.

II

És tu, maravilhosamente, presente principal!

Para o Ceará, é, fenomenal!

Tens a nobreza, horizontal!

Para poesia popular, parâmetro, referencial!

III

O homem, o poeta, imensidão...

É arte, poesia, maestria...

É lirismo, perfeita simetria!

É caminho... És canção...

IV

Diante da jangada no mar
Também, podemos te encontrar!
Teu coração a nos amar!
Estás, nas ondas a balançar!

V

És do próprio lirismo, doação!
Eternizado, pela grandeza da ação!
Sangue latente, nas veias da realização
És para nós, poeta que amou o sertão!

VI

Teu jeito peculiar!
É pai da cultura popular...
Hoje, recebe a reciprocidade...
Na literatura a saudade... A nos encantar...

VII

Marcou com a vida... Período fundamental...
Que a história registrou nos anais... Essencial...
Na casa sem igual...
E nos palcos do recital...

VIII

Tua casa é patrimônio do Ceará...
Dos artistas ... Lar...
Cultura... Memorial...
Berço cultural... Primordial...

IX

Homem observador...
Dos costumes do interior...
Marcou no Ceará o romantismo... Seu criador...
Do Nordeste, pioneiro do folclore popular...



X

Algo sempre, inquietou seu coração...
A sorte do seu povo... Grande preocupação...
Primava pelas virtudes... Ação...
Para o amor... Poder e sedução...

XI

Nem mesmo, ofuscando a luz do seu olhar...
Deixou de amar e sonhar...
Sua literatura era essencial... Comunicação...
Latente doação nas veias de seu coração...

XII

Deixou a vida efêmera... Material...
Foi viver a plenitude...
Na grandeza do amor recital...
Com os anjos... No céu da solicitude...



A VOZ QUE VEM DO CORAÇÃO

Dizes que sou louca!
Será?
Definitivamente, louca:
Louca de amor!
Insana sem pudor...
Jamais compreenderás
A minha latente, essência!
O amor é soberana ciência:
Sentimento profundo...
É multiplicidade, meu mundo!
Foge completamente à razão,
Levado pela emoção,
Afinal, sou coração.

O que deseja tão somente amar
Sem explicar!
Único em si mesmo, herdeiro! Verdadeiro!
Inevitável, obreiro!
Multiplicidade dos amores,
Em seus primores,
Desejo, penhor
Profundidade de olhares...
Hoje, veloz, ingênuo...
Para a contemporaneidade?
Talvez!
Para o amor, tempo de felicidade!
Recomeçando, tudo outra vez



José Ademir Nogueira

José Ademir Machado Nogueira, de Morada Nova-Ce, para o Mundo poético, filho de Adelino e Luzamira, casado com Gorete Felipe, pai de Ademir Filho e Naiâni Felipe, poeta desde a década de 1979.



TURBULENTOS CAOS **DOM - 03.11.2019 - 11 H 19 M**

Abrindo a janela
De minh`alma,
Escalando o muro do mundo,
Só encontrei portas fechadas,
Mudas, cegas e surdas,
Travadas com Hipocrisias,
Pintadas de melancolias...

Delas me aproximei,
E por todas fechaduras
Suas, eu olhei,
E por mais que eu as
Visse, nada via,
Pois luz ali,
Não mais existia...

Subi em seu telhado,
E nada vi, que não fosse
Suas fechaduras vazias,
Enferrujadas pelo tempo,
Transformando seus dias,
Em cinzentas noites de agonias.
Com fachadas de seus SÓIS...

Sem lençóis,
Me deixando a sós,
Sem prato, sem prata
Sem lenço,
Ao menos,
Pra enxugar
Meu pranto...

Nesse presente
Conturbado, turvo,
Sem perspectiva
De amanhã,
Anoitecendo
Seu hoje em nada,
Tornando tudo em ontem...

ATÉ QUE:

Soprados por novos ventos
Despi-me dos meus medos,
E vi: Você, Tu, Eu, DEUS;
A luz trevas tocando;



O ontem ficando pra trás,
No presente dos nossos hoje.,
Vividos por cada um de nós.

PN



João Eudes Cavalcante Costa

Natural de Quixadá – Ceará, nascido em: 24/06/1934, filho de: Francisco Segundo da Costa e Maria Cavalcante Costa. Bancário aposentado, Banco do Brasil, escritor e memorialista, idealizador e fundador da Academia Quixadaense de Letras – AQL, Presidente de Honra da mesma. Autor de várias obras publicadas, Retalhos de Quixadá, Ruas que contam a história de Quixadá, e Escravo da Terra Seca. É cronista conceituado, é recolhido pelo seu trabalho de excelência e pelo amor a Quixadá.



ABORTO

Com os olhos fitos no firmamento, uma mulher, com lágrimas a lhe banhar o rosto, estática, parecia ouvir uma voz que descia das alturas. Era uma voz de criança. Perplexa, parou a respiração para escutar e não perder uma única daquelas palavras vindas do céu.

“Mamãe, eu tenho muita pena de sua solidão. Bem que poderia estar a seu lado, preenchendo este enorme vazio de seu coração. Tenho saudade dos dias que passei a seu lado. Pena que tenha sido tão pouco tempo, mas o suficiente para sentir o quanto seria grandioso o nosso amor, se não tivesse sido ceifado prematuramente.

Quando eu passeava em seu ventre, alegrava-me o seu sorriso. Não gostava de vê-la triste. Morei nos castelos que você construiu para nós. Dormi acariciado pelas suas mãos, que, me

tocando levemente, de olhos fechados e com o pensamento no amor, balbuciava, carinhosamente: MEU FILHO.

Quando você afagava, abraçava e beijava meu pai, naquela união bendita que somente o amor pode consagrar, estava, ali, sorridente, entre os dois, afinal era o filho legítimo daquela sacrossanta paixão.

Ficava contente com a sua demonstração de ternura, dividindo comigo os seus sentimentos, os seus sonhos e até o mais confidente de seus pensamentos. Já me sentia no mundo de vocês, sugando os seios que você oferecia, brincando com os seus cabelos, agarrando-me às suas mãos que não se cansavam de me proteger e ensinar os primeiros passos. Sonhava envolvido com os brinquedos que meu pai trazia e que você, não sem antes beijá-los, entregava a Papai Noel para colorir a minha inocência.

Sentia-me feliz passeando em seu ventre, testemunhando o grande amor entre você e meu pai. Foi num desses encontros de nós três que ouvi a minha sentença de morte. Não poderia nascer.

Os preconceitos sociais não me aceitariam. Seria a grande vergonha para a sociedade que aprova o crime e repudia o amor.

Apesar do impacto que senti ao ouvir a decisão, fiquei a pensar se valia à pena viver em um mundo em que se condena um inocente para esconder o delito dos que estrangulam a verdade e entronizam a mentira. Apesar da fraqueza de vocês, que se curvaram ao falho julgamento dos outros, compreendi. Continuei amando-os e os perdoei. Tive até pena da incapacidade do ser humano em lutar para preservar o que construiu com sacrifício e afeto.

Mesmo assim, fiquei triste porque em você e com você vivi meses de alegria, de sonhos e ilusões. De tão protegido em seu interior, o que ouvi julguei ser um pesadelo. Não acreditava que alguém tivesse a coragem e o poder de me agredir em suas entranhas. Para

mim, estava depositado num sacrário inviolável, que nem mesmo a maldade seria capaz de me atingir.

Um dia, porém, fui cruelmente torturado. Fugi. Tentei esconder-me. Resisti, mas fui impotente para lutar contra a força organizada do mal. Agarrei-me a você, enquanto pude. Inútil, na realidade era um pequeno indefeso. Grande apenas o meu coração que precisou crescer logo para acolher o grande afeto que já sentia por você, minha mãe.

Aquela mulher pálida ouvia estarecida a comovente confissão de revolta, amor e perdão. De súbito, como se despertasse daquele enlevo, passou, nervosamente, as mãos sobre o rosto, tentando enxugar as lágrimas de remorso que rolavam em abundância.

Parou, por um momento e, no mesmo estado de êxtase, ainda ouviu a voz do anjo, que, subindo às nuvens concluiu: “Não enxugue seu rosto mamãe. Deixe estas lágrimas, que brotam do mais profundo de seus sentimentos, lavar sua face sofrida. Tirar a sujeira da maldade com que o mundo a obrigou a sacrificar o seu grande amor. Deixa mamãe esta lágrima descer devagar, passeando em seu rosto, como se fosse um longo beijo de conforto e perdão. Não expulse esta lágrima de sua saudade e do seu arrependimento. Permita que ela fique um pouco mais. Esta lágrima, mamãe, que teima em ficar, que não a esqueceu e aprendeu a perdoar: “SOU EU”

Luiz Carlos Rodrigues Alves

Nasci no dia 11 de Setembro de 1960. Sou professor e poeta escritor e cordelista, membro da AQL-Academia Quixadaense de Letras. Amo minha terra.



BELEZA ÍMPAR

Esses monólitos, lindos gigantes,
Legítimos símbolos de fé e amor
Fazem lembrar de Deus, o criador
E atraíram muitos emigrantes.

A nossa terra é linda desde antes
Daqui, faz gosto ver o Sol se por
As nossas matas possuem mais cor
E o Cedro tem as mais belas vazantes.

Essa beleza não é fantasia
A terra fértil que, produz e cria
Mostra uma imagem mais do que real.

E o progresso por aqui não para
É Quixadá, cidade joia rara,
Beleza ímpar do Sertão Central

Maria Leoneide Frutuoso Ferreira

Nasceu no dia 05 de outubro de 1984, no município de Saboeiro, Ceará. Filha dos agricultores Antônio Ferreira dos Santos e Francisca das Chagas Frutuoso, que apesar das limitações e dificuldades financeiras criaram os filhos com muito amor, carinho e respeito, esforçando-se sempre para dar uma vida digna a Leoneide Frutuoso e aos seus sete irmãos. Desde cedo aprendeu a enfrentar os desafios com muita fé e coragem, acreditando sempre que dias melhores viriam. Hoje ela é professora,

graduada em História e Pós-graduada em Gestão e Coordenação Pedagógica. Gosta de brincar com as palavras: quadrinhas, versos rimas, paródias, enfim, todo o encantamento que a arte e a literatura nos proporcionam.



PENSAMENTOS

Quando não quero pensar
É que o pensamento vem,
Eu me deito mais não durmo
E das palavras sou refém
Surge então mais um poema
Inspiração que vem do além

Pois o poeta escreve
Não quando quer escrever
Ele é só um instrumento
Usado para descrever
Uma ideia, um sentimento
Que não pode se perder

Ser poeta é dar vida
A um sentimento profundo
Que se torce se contorce
E de repente, num segundo
Em versos, métricas, rimas
Se espalha pelo mundo

E leva a felicidade
A quem não tem esperança
O amor supera o ódio,
A amargura, a vingança
O velho volta a ser jovem
Livre como uma criança



Manoel Jozenias de Oliveira

Jorge Oliveira é filho natural de Ibaretama. É professor da rede estadual de ensino do Ceará, lotado na EEM Gonzaga Mota em Quixadá. Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará com especializações em planejamento, gestão, valiação e metodologia de ensino. Admirador da literatura de cordel utilizando-a na prática pedagógica cotidianamente no **Projeto Educordel** – Educação como ação e reflexão e/m literatura de cordel. Sei que pensar é preciso.



LAÇOS E NÓS

(Jorge Oliveira)

Sei que pensar é preciso,
Mas dá um nó no meu juízo
Quando eu penso em nós.
Vem cá. Me dá um abraço.
Fortaleçamos os laços.
Vamos conversar a sós.

Cá entre nós: nó ou laço?
A pergunta que me faço
Gostaria de te fazer.
Nó serve para amarrar.
Laço é para enlaçar.
O que isto quer dizer?
Um nó é um laço forte.

Um laço é um suporte.
Nó é um laço apertado.
Se nó é impedimento,
Laço é fortalecimento,
Nós já estamos laçados.

No nó de caminhoneiro,
Na laçada do vaqueiro,
Nas cordas. Nos
entrançados.
Na laçada do peão.
Nas cordas do coração.
Nós aqui, entrelaçados.

**Você já jogou o laço.
Por você eu fui laçado.
Vem cá. Me dá um abraço.
Quero ficar abraçado.
Vem cá. Me dá um abraço.
Vamos ficar abraçados.**

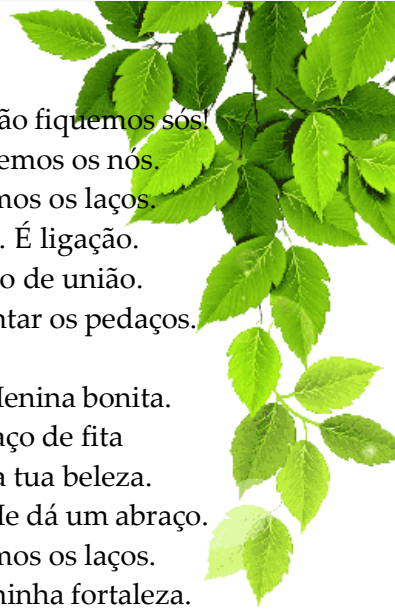
Nó forte é de pescador.
Nó cego é nó de amor.
Tem nó para engravatar.
Nó para laçar a gente.
Na laçada do presente
Tem laço para enfeitar.

Nó seguro é arrochado.
Laço fraco é desatado
Com muita facilidade.
Laços são pontas unidas,
Pessoas comprometidas,
Laçadas pela unidade.

Vamos! Não fiquemos sós!
Desamarremos os nós.
Fortaleçamos os laços.
Laço é elo. É ligação.
É sinônimo de união.
Vamos juntar os pedaços.

Vem cá. Menina bonita.
Bota teu laço de fita
E mostra a tua beleza.
Vem cá. Me dá um abraço.
Fortaleçamos os laços.
Vem ser minha fortaleza.

**Vamos juntar nossos braços
E mostrar nossa grandeza.
Vem cá. Me dá um abraço.
Vem ser minha fortaleza.
Vem cá. Num grande abraço.
Abraçamos Fortaleza**



Murilo Ponciano Lima

Nasceu em Cedro/CE, aos 17 de Junho de 1959. Conduz o pseudônimo Murilo Barroso, em homenagem a seu pai. É poeta, cronista, já lançou dois livros e dezenas de cordéis. É técnico em edificações. Tem uma união estável com Lucilene Mendes, e é pai de três filhos. Trabalha na Prefeitura Municipal de Iguatu, cidade que lhe deu Título de Cidadão.



ARAPUCA-UMA CONTRAVENÇÃO ELEITORAL

Fique esperto eleitor
Seja ouvinte do que digo;
Quero ser seu defensor,
Afastando-lhe o perigo,
Candidato eu não sou
Sou apenas seu amigo.

Cuidado, cuidado, cuidado!

Cuidado com a cilada
Armada no seu terreiro,
Na noite, na madrugada
Por político eleitoreiro.
Esse tipo trapaceiro
Que na véspera da eleição,

Leva um monte de dinheiro
Desviado da nação;
Se apresenta lisonjeiro
E com golpe sorrateiro
Quer fazer tapeação

Fique atento por aí
Se este cara aparecer
Querendo lhe extorquir
Não se deixe corromper.
Mostre que é dono de si
Pois este cara ardiloso,
É um bicho perigoso
Querendo lhe engrupir.

Essa grana é do povo
Da nação já foi roubada,
Não deixe roubar de novo
Desarme essa cilada;
Se livre desta quadrilha,
Não caia nessa armadilha
Não entre nessa jogada.

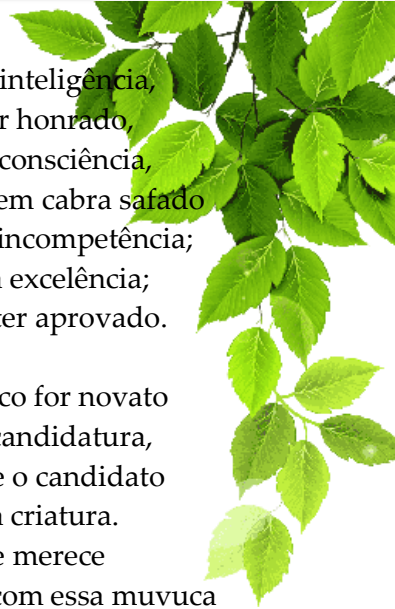
Ligue p'ras autoridades
Justiça da região,
Conte-lhes toda a verdade
Provando que é cidadão;
Entregue este bandido
Vistoso, porém fedido
Periculoso e ladrão.

Se não quiser denunciar
Temendo a represália,
Pegue a grana do canalha
Dizendo que vai votar;
Seja bem astucioso
Se livre deste sebosó
E comece a gozar.

Não entregue documento
Pois a coisa fica feia,
Você se torna detento
Merecendo entrar na peia.
Não cometa esse erro
Ele entra no governo
E você vai p'ra cadeia.

Use a sua inteligência,
Seja eleitor honrado,
Vote com consciência,
Não vote em cabra safado
Não eleja incompetência;
Só vote na excelência;
Com caráter aprovado.

Se o político for novato
Primeira candidatura,
Investigue o candidato
Examine a criatura.
Veja se ele merece
Cuidado com essa muvuca
Porque quando o voto desce
Tá selada a arapuca.



Neli Frutuoso Ferreira Raulino

Nasceu no município de Saboeiro/CE, é filha de Antonio Ferreira dos Santos e Francisca das Chagas Frutuoso. É Bacharel em Biblioteconomia pela UFC - Universidade Federal do Ceará. Sendo coautora do livro "Quintal de poesia", também tem participação em alguns concursos literários, o que resultou em poesias publicadas em antologias poéticas. Desenvolve projetos sociais de incentivo à leitura e à escrita. É membro da AVLPL - Academia Virtual de Língua Portuguesa e Literatura.



VIVA PLENAMENTE

Se na tua vida
Fores atingido, pelo mal
Não lamente
Cure suas feridas
Com amor sem igual
Viva plenamente!

Que em tua jornada
Paz e harmonia
Se façam presentes
Siga tua estrada
Busque a alegria
Viva plenamente!

Pensamentos positivos
E sonhos concretos
Guarde em tua mente
Viva o teu destino
E faça o que é certo
Viva plenamente!

Para os que te amam
Amigos, família
Se faça presente
Com os que te estimam
Siga nesta trilha
Viva plenamente!

Leia um bom livro
Escreva um poema
Plante uma semente
Seja sempre livre
Esqueça os problemas
Viva plenamente!



Simião Alves da Silva

Casado com Maria Zeneide, pai de Samyr, Saulo e Sadraque. Pedagogo e Professor.

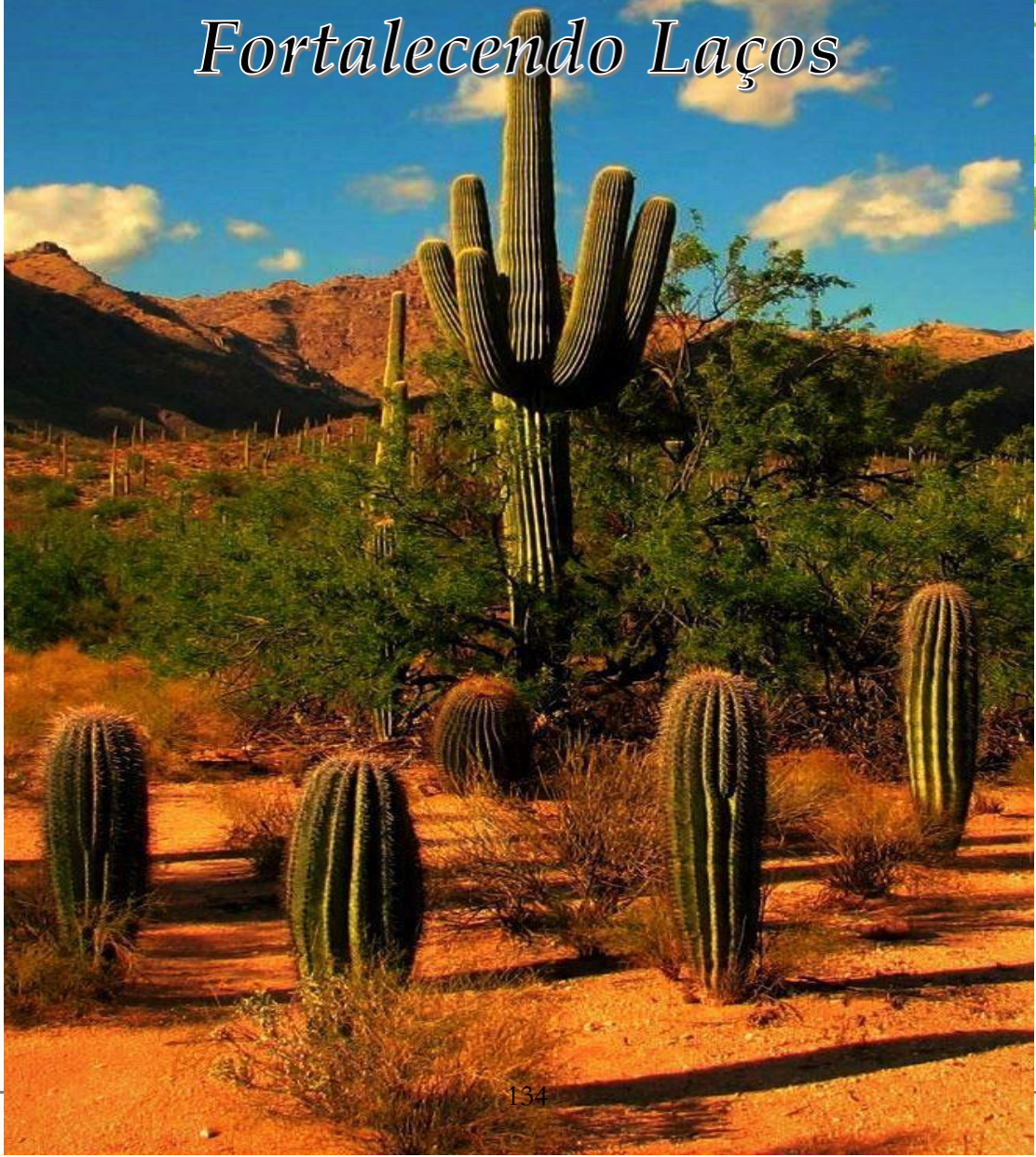


ALGUÉM ME DISSE QUE SOU POETA

Alguém me disse que sou poeta
Mais eu nunca escrevi
Na verdade já, alguma coisa
Várias coisas, algumas poesias
Ora, efervescente cheias de vida
Ora estranhamente, rimas vazias...
Mais nunca mostrei a ninguém...
Talvez tenha lido para alguém
Não me lembro bem para quem
Porém...
Não me senti poeta
Depois joguei fora
Os sonhos de outrora
Devaneios da aurora
Nostalgia do ocaso
Não sei bem o que escrever
Nem sei se sei sonhar
Nem sei se sei amar
Todavia...

ALGUÉM ME DISSE QUE SOU

Coautores Convidados
Fortalecendo Laços



Ana Cristina Duarte Queiroz Tracaioly da Silva

É Natural da cidade de Macapá-AP. Graduada e Licenciada em Letras/Português pela Universidade Federal do Amapá- UNIFAP. Especialista em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Internacional de Curitiba (FACINTER). Mestre em Educação pela Universidad de lá Integración de las Américas-UNIDA/PY. Servidora pública pertencente ao quadro Federal do Estado do Amapá, exerce suas atividades educacionais na Escola Estadual Irmã Santina Rioli, na cidade de Macapá, Estado do Amapá e membro da ALIAP (ASSOCIAÇÃO LITERÁRIA DO ESTADO DO AMAPÁ) desde 2019.
E-mail: ctracaioly@gmail.com.



LIBERDADE

Liberdade,
tesouro da humanidade
Joia preciosa sem igual
LIBERDADE,
Essa busca constante
Sofrida e incessante
De um povo errante.
Da liberdade de pensar
Liberdade de querer
Liberdade de fazer
Liberdade de expressar...

Quero te falar
Vou te confessar:
Liberdade mesmo,
nunca se teve.
Nem para rezar!...
O homem quer doutrinar
Nossa vida dominar
Mas não podemos deixar
Sei que podemos mudar
Se em Deus acreditar
Só Ele pode nos ajudar.

Fizeram-nos calar
Fizeram- nos escravizar
E o povo passou a gostar...
Tudo vai passar!
Deus vai nos abençoar
Da opressão vai nos libertar
E vamos saber amar
E nossos irmãos respeitar.

(Ana Cristina Tracaioly)



Ana Cláudia Sousa Mendonça

Doutoranda e Mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe/UFS. Pedagoga com habilitação em Administração Escolar. Especialista em Psicopedagogia Institucional e em Gestão e Educação. Professora da Rede Estadual de Sergipe. Membro dos Grupos de Pesquisas NÚPITA/UFS, Educon/CNPq/UFS e Membro Fundadora da ALCS. Com pesquisas e publicações na área da Educação Especial, da Educação Inclusiva e poesias. Nascida no povoado Itaperoá, natural de criada em Nossa Senhora das Dores e atualmente residindo em Aracaju. Filha de José Artêmio de Mendonça e Marilene Maria Sousa Mendonça.



Siriri/SE,

MOMENTO MÁGICO

Desfruto do seu corpo molhado
Um tanto quanto suado
De tão bem me amar.
Quero beijá-lo, amá-lo,
Quero encantá-lo,
Gosto de tê-lo e vê-lo
Sorrindo entre os meus braços.
Gosto do brilho do teu olhar
A me olhar, a me amar.
Vislumbro e vibro com a união
Dos nossos corpos cansados e ávidos,
Contentes e cheios de magia,
Do pleno momento de magnetismo
Total, fatal, final, mágico...só nosso.

Ébano

O brilho do teu olhar
Reflete no teu corpo
Que exala paixão, emoção e o teu cheiro,
Ah, o teu cheiro,
Que inebria e liga nossos corpos
Sedentos de desejos, querer
E permanecer grudados
No calor do nosso amor.
Você é o ébano dos meus sonhos secretos,
Ardentes, magnetizados no seu eu,
Tão meu, tão nosso.
No aconchego do teu cheiro,
Na tua melanina que ensandece
As minhas narinas,
Viro menina serpentina, purpurina,
Sacolejando no teu olhar,
Ah, teu olhar, só meu.



Antônio de Pádua Galvão

Poeta **Antônio Galvão**, Belo Horizonte, economista CMBH, professor, assessor parlamentar, produtor de cultura, formação em psicanálise, publicou 06 livros, 15 antologias coletivas, criador (YouTube) TV POETA & POESIA e curador: MURO DOS POETAS & POESIA.



SOZINHO COM DEUS

Nascemos, viveremos e
Morreremos sozinhos
Na companhia de
Muitos afetos
Na memória

Somos paciente
O enfermeiro e
O médico
De nós mesmos

Na convalescência
Procuramos deixar espaço
Para os três tratarem
Da doença imprevisível
Que surgira de repente
Sem aviso
No auge do expediente

O impaciente teima
Em trabalhar no torno
Poético e literário
Até a febre, mal-estar e
a fadiga virarem versos

O enfermeiro é super
Amigo e cooperativo
Entrega as drogas
Faz o chá quente
Leva ao banho

O médico sisudo
Cheio de recomendações,
Prescrições e amostras grátis

Todos três equilibrarão
Dentro de nós
Na busca da saúde e paz
Mas todos confiantes
No amor, na medicina
E na Fé.

Afinal tudo passará
Rumo a eternidade
Abrandará nossos
Corações isolados de
Amar



Ângela Simone Ferreira

Pedagoga, membro da Academia Internacional Mulheres das Letras, entre outras, participou de antologias e coletâneas diversas, poetrix na confraria literária Ciranda Poetrix, publicações em revistas, blogs e redes sociais, contadora de histórias infantis na Rádio Heliópolis e Zummm 87,5 FM pela APEOESP. @angela.ferreira3;



VÍCIO

Necessidade de algo
Que não faz parte de mim
Ou será que sim?
 Às vezes me domina
 Às vezes me alucina
 Me deixa tonto, me acelera
 Entorpece
Mexe com meu inconsciente
Com meu ego
Com minha mente
 Batimentos acelerados
 Descompassados, sentidos no peito
 Tudo compõe o desatino
 E a falta que me faz
Nesse jogo de sorte
Quem vai ganhar?
O verso ou a prosa?
 Quem sabe desenrola
 Nesse vazio persistente

Você presente
Preencher e dar sentido
No repente ou no Rap
A disputa é acirrada
Tem que estar consciente
Se atentar à troca
Alimentar desejos
Observar os exageros
Tantos são os segredos
Da vida experimentar
A composição da obra
Entoa a palavra, paixão
Causa um tesão incontrolável
Parece nunca findar



Angela Ferreira

Alex Sandro Rufino da Silva

Nascido em São Luís do Quitunde – AL. Publicou seis livros, é coautor de dois livros e participou de seis Antologias. É sacerdote da Igreja Católica Apostólica Romana. É licenciado em Filosofia, bacharel em Teologia, especialista em Ensino de História e Geografia e mestrando em Bioética. Membro efetivo da Academia Maceioense de Letras, membro efetivo da Academia Quitundense de Letras, membro

fundador da Academia Maribondense de Letras e Membro Correspondente da Real Academia de Letras de Porto Alegre. Lecionou bioética no curso de Teologia do CESMAC, Ensino Religioso na rede municipal de ensino da cidade de Santa Luzia do Norte – AL e professor de Ensino Religioso na Escola Salesiana Pe. Rinaldi de Carpina- PE. Detentor de três comendas, de um prêmio nacional de cultura, de dois títulos de cidadão benemérito e dois títulos de cidadão honorários. Atualmente é pároco da Paróquia de São João Maria Vianney – Clima Bom I, em Maceió.



MARIAS DE TANTAS LUTAS, FIRMES GUERREIRAS

Meiga menina quando sonha
De alma pura, não mergulha em tristeza
Crescendo, seus ideais lhe acompanha
Torna-se generosa, humana e faceira
Mesmo que a luta lhe seja pesada e enfadonha
Dedicada em tudo, fina joia, que beleza.

De fibra, em nada se deixa abalar
Enfrenta destemida a vida em sua dureza
Ri em certos momentos quando devia gritar
Levando um não, segue a vida com firmeza
Chorando de dor, renova na fé o seu cantar
Não se assusta com o mundo em sua frieza.

Quando nada parece dar certo, ela tenta
Na vida, tudo enfrenta, uma empreendedora
Corajosa no fracasso se reinventa
Dos filhos uma dinâmica protetora
Delicada, quando contrariada não é violenta
Uma lição de conquistas, uma inovadora.

Marias de tantas lutas, firmes guerreiras
Obra primorosa de Deus, uma riqueza
Na profissão é dedicada e verdadeira
Levando a vida a sério até na tristeza
Seja professora, agricultora, merendeira
Médica, do lar, doméstica, advogada e enfermeira
Embeleza o mundo com sua doçura e nobreza.

SÃO LUÍS DO QUITUNDE TERRA RICA E COLOSSAL

São Luís do Quitunde de gente hospitaleira
Privilegiada em beleza pela natureza
De ricas matas e lindas cachoeiras
Colossal e variada é a tua feira
Com Largas avenidas, verdes montes e ladeiras
Vastos canaviais e usina açucareira.



São Luís pelos seus filhos, muito lembrada
Cidade alagoana nas páginas destacada
Em Alagoas a primeira comuna projetada
Joaquim Cavalcanti pediu ao seu amigo camarada
Que uma povoação em gaviões fosse edificada
Não demorou e a obra estava começada.

Passeando pelas tuas ruas asfaltadas
Escutava a Moreninha gritando agitada
Moreninha tropicana é uma boa cocada
“Compre seu moço e toda rapaziada”
“Pra ficar com a vida toda adoçada”
Dulce era uma figura engraçada.

Outras figuras eram encontradas
Bastava andar ou ficar na calçada
Vi gente divertida e até embriagadas
O nego Perigo com suas cantatas
Fogo-pagou era sua música amada
Dizia que música igual a do Gonzaga

Não podia no mundo ser encontrada.
Lá vem o Berré com sua Maria Amada
Unida ao seu marido até na cachaçada
Por onde passavam tomavam uma lapada
Não dispensavam uma boa bicada
Na bodega ou em qualquer parada

Maria Berré saia toda animada.
São Luís, cidade de homem trabalhador
Logo cedo já estão no batente para o labor
Seja na lavoura um corajoso agricultor



Ou nos rios um esperançoso pescador
Satisfeitos com tudo agradeciam ao Senhor
Num certo dia até que um reclamou
Que o rio foi assoreado e poluído ficou.

Há muita coisa ainda para contar
É bom até parar e meditar
Na reza que o padre estava a ensinar
Lições de vida que esteve a indicar
Que “não se deve ao preto discriminar
Para ninguém mais sofrer nesse lugar”.



Alveriano de Santana Dias- PB

É recifense, com residência fixa em Picuí na Paraíba desde 1980. É membro efetivo da Academia Paraibana de Letras Maçônicas (APLM). É poeta e escritor, com participação em mais de dez antologias. Tem vários artigos publicados pela revista maçônica O Buscador. Publicou o livro de poesias, intitulado: ENCANTOS DA POESIA.



FORTALEZA NORDESTINA

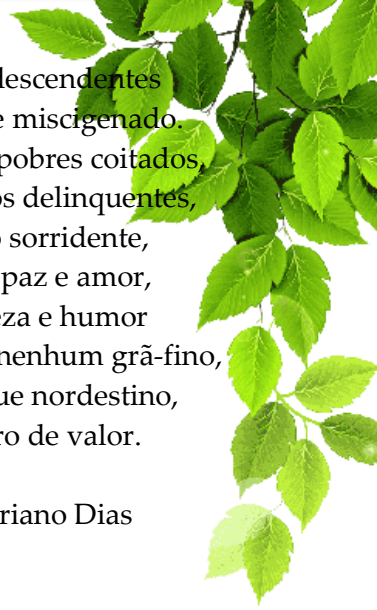
Vou falar do meu Nordeste:
Terra dos meus carnavais
E de muitos coqueirais.
Falamos cabra da peste,
Essa fala não conteste.
Somos povo de calor,
Livres como um beija flor,
Seguindo o nosso destino,
Tenho sangue nordestino,
Sou guerreiro de valor.

Nós temos muita cultura
Para todo mundo ver.
Venha pra cá aprender
Com a rezadeira a cura,
Não pense que é loucura
Quando não sentir mais dor.
No nosso jardim tem flor,
Nossas catedrais têm sinos,
Tenho sangue nordestino,
Sou guerreiro de valor.

Tem registro na história,
Que era a nossa vontade,
Lutar pela liberdade.
Coroados na vitória,
Nós alcançamos a glória.
Somos povo sem temor,
De muita fé e calor,
Com proteção do divino,
Tenho sangue nordestino,
Sou guerreiro de valor.

Somos afrodescendentes
Com sangue miscigenado.
Não somos pobres coitados,
Muito menos delinquentes,
Somos povo sorridente,
Felizes com paz e amor,
Temos tristeza e humor
Não somos nenhum grã-fino,
Tenho sangue nordestino,
Sou guerreiro de valor.

Alveriano Dias



Alexandro de Lima Pereira

Professor, escritor, revisor e antologista de Paulo Afonso-BA. Autor de Cinquenta Tons de Poesia (2016) e coautor em cerca de 50 antologias. Organizador do projeto Encantos Nordestinos (@antologia_encantos_nordestinos).

Membro da União Brasileira de Escritores, da Sociedade Brasileira de Poetas Aldravianistas, da Academia Independente de Letras, da Academia Internacional de Literatura Brasileira, da Academia Internacional de Literatura e Artes Poetas Além do Tempo. Instagram: @xelalima_alex



MICROCONTOS

I

Era feito o choro de uma criança desamparada. Compadecida, deu-lhe um teto e um nome na praça. Hoje, é ela quem chora, sem saber por quê.

II

Quando o amor chegou ao coração, colocou-lhe um brilho nos olhos e uma certeza no peito. Mas a sociedade disse que era coisa do cão.

III

- O que eu faço com esse troço?

- Rebola no mato, mulher!

Dizem que ele foi visto recentemente numa baixa de capim.

Adélia Maria de Amorim Magalhães

Natural de Anadia Alagoas Formação acadêmica UFAL e CESMAC Universidade Federal de Alagoas: Bacharelado em Serviço Social. CESMAC: Centro de Estudos Superiores de Maceió. Curso de Educação Artística pós-graduação - Mestrado em História da Arte. Membro efetivo de várias academias literárias: AML- Academia Maceioense de Letras AALA - Academia Anadiense de Letras e Artes SMCG

Sociedade Musical Carlos Gomes (Presidente) ALAPA Academia de Letras Artes e Pesquisa de Alagoas GLA Grupo Literário Alagoano Adélia Magalhães : Poeta , Escritora com 12 livros publicados, Declamadora, Atriz , Cantora, Compositora, Contadora de História... Pessoa de atividades múltiplas, possui significativa soma de prêmios literários, várias comendas e títulos na área da Literatura.



EU VENHO DE LÁ...

Eu venho de lá,
do interior a dentro...
Venho dos campos, da roça,
onde os passarinhos
cantam ao amanhecer
e o riacho menino
vive a correr sem parar...
Venho de lá,
onde as nuvens
andam devagar
e se transformam
em bichos,

em gente,
em figuras engraçadas...
Venha de lá,
dos matos,
onde o chão é de terra
e a cancela bate ao longe avisando
que vem chegando alguém...
Venho do campo,
onde os cavalos relinham
e os carneiros conversam
chamando, “Bé” e respondendo, “Bé”!
Eu venho de lá,
onde a terra cheira
a esterco de boi.
E eu colho cebolinhas e rosas
no meu canteiro ao lado.
Eu tenho macaxeira e feijão
batata, caju e mamão,
assim, de graça, ao alcance da mão!
E se eu tenho em mim, um lugar tão especial.
Não preciso de outro para viver!
Eu venho de lá,
do interior a dentro...
Venho dos campos, da roça,
onde os passarinhos
cantam ao amanhecer
e o riacho menino
vive a correr sem parar...
Venho de lá,
onde as nuvens
andam devagar
e se transformam



em bichos, em gente,
em figuras engraçadas...
Venha de lá,
dos matos,
onde o chão é de terra
e a cancela bate ao longe
avisando
que vem chegando alguém...
Venho do campo,
onde os cavalos relinham
e os carneiros conversam
chamando, “Bé” e respondendo, “Bé”!
Eu venho de lá,
onde a terra cheira
a esterco de boi.
E eu colho cebolinhas e rosas
no meu canteiro ao lado.
Eu tenho macaxeira e feijão
batata, caju e mamão,
assim, de graça, ao alcance da mão!
E se eu tenho em mim, um lugar tão especial.
Não preciso de outro para viver!



Betinho de Saubara

Natural do município praieiro de Saubara – Bahia. O poeta, escritor, colunista social, pesquisador Betinho de Saubara é professor licenciado em Geografia (UEFS) e História (UFRB). Membro fundador da Academia de Letras de Santo Amaro (ALSA). Ocupa a Cadeira Sete, que tem como patrona a professora e poeta Amélia Rodrigues. Participou de inúmeras coletâneas, dentre elas: “Transpoema”, “Azuéla, meu povo” e “Sinfonia poética”

(CEPA – Salvador / BA); “Valores literários do Brasil” (Agência de Notícias Brasília / DF); “Destques poéticos brasileiros” (Realce Editora / SP); “Mil poetas brasileiros – 1995” (Instituto da Poesia Internacional – Porto Alegre / RS); “Nova poesia brasileira” (Shogun Arte / RJ); “Bahia novos poetas”, “Corpovivo” e “Pássaro de fogo” (CONTEMP – Salvador /BA).



NA CALADA DA NOITE

Na calada da noite penso em ti
que também pensa em mim!

Na calada da noite te desejo
que na certa me deseja!

Na calada da noite desejo te encontrar
como de outras vezes!

Na calada da noite estou solitário
sem ter a tua companhia!

Na calada da noite tento te buscar
na imensa distância!

Na calada da noite quero te achar
em qualquer lugar!

Na calada da noite te procuro
mesmo sem saber o teu rumo!

Na calada da noite sonho
os mais lindos sonhos contigo!

Na calada da noite durmo
pensando estar ao teu lado!

Na calada da noite acordo
pensando estar em teus braços!



Betinho de Saubara

Bruno Vinícius Santos Pinheiro

É Neoacadêmico da AJEL- Academia Japoatanense de Letras Estudantil de Japoatã SE, e membro do Projeto Viajando na Leitura em Amparo de São Francisco- SE, tem 12 anos, estuda o 7º ano na Escola Municipal Ivany da Glória Freire, em Amparo de São Francisco. Já publicou uma poesia na revista Atração e participou de várias Antologias e pretende lançar seu primeiro livro na 6º Bienal do Livro em Itabaiana SE, no ano vindouro de 2021.



ESCURIDÃO

Quando a escuridão chega
E a noite cai
O medo de dentro da gente
Infelizmente sai
E na nossa mente
O terror sobressai.
Não podemos falar
Não podemos agir
Só podemos fazer duas coisas
Desejar sair dali
E gritar
Torcendo para alguém nos ouvir.
Quando estamos sozinhos
Em meio à escuridão
O medo fala tão alto
Que acelera o coração

E a adrenalina no sangue
Aumenta a preocupação.
Quando isso acontece
Arma-se que nem um canhão
Nosso cérebro se prepara
Para a explosão
Isso pode ser bom
Sim ou não.

Mas se enfrentarmos o medo
E em Deus a gente crer
Não precisa se assustar
E nada temer
Pois a escuridão
Logo vai desaparecer.



Bruno Vinicius Santos Pinheiro
21/10/2021 às 14h00min horas

Carla Cristina de Oliveira Gomes

Formada em Pedagogia com habilitação em Administração Escolar e pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Servidora Pública. Atualmente, exerce a função de pedagoga e psicopedagoga nas redes de ensino pública e particular. Acredita que a família é o centro de tudo. E que o Amor, a Humildade e a Fé abrem todas as portas.



VIVER E GRADECER

Não podemos negar
A grandeza que Deus criou
A vida, os verdes das matas
Com pitadas de muito amor
Nos deu o ar, a família
Os filhos, alguém para amar
Nos deu a sua presença
Para sempre nos guiar
O mais precioso da vida
É cuidar, é se doar
Ser sempre o amigo fiel
Pra quem mais necessitar
Ser aquele que escuta
Quando a saudade apertar
Ser aquele que se importa
Quando seu mundo desabar...
Já nascemos reclamando da vida

A vida é bela a vida é linda
Agradecer por tudo que acontece
Tanto bom como ruim ,pois tudo
É aprendizado para vida
Viver e não saber viver não é vida
E não saber agradecer é ser uma
Estrada sem vida
E como agradecer se só temos tempo
Para reclamar ?
Como vou viver se não consigo
Enxergar o melhor da vida ?
Então agradeça pela vida !



Carla Cristina de Oliveira Go

Carla Emanuele Extraordinária

Presidente da Academia Arapiraquense de Letras e Artes – ACALA. Presidente da União Brasileira de Escritores – UBE – Núcleo Arapiraca. Sócia da Editora Performance. Professora, escritora, pesquisadora e consultora educacional.



AMIZADE VERDADEIRA

Amizade verdadeira é sincera
É aquela que ajuda e não espera
Escuta com paciência nossas mágoas
E uma palavra já é conforto pra nossa alma

Amizade é um sentimento sublime
É uma relação que acolhe e não oprime
Prevalece a cumplicidade e a união
É uma mistura de amor e compreensão

Ilumina nossa mente e nosso coração
Um conselho soa como uma canção
Para muitos é até um remédio
Conversa, desabafa e sai do tédio

É algo tão bom que não se explica
Tudo entre amigos se comunica
Com sinceridade, sem falsidade
Confiança, serenidade e verdade

Sem inveja, competição nem hipocrisia
Se um amigo se destaca, será uma alegria
Admire e valorize suas qualidades
O vínculo só existe quando há reciprocidade

Seja primeiro o amigo que gostaria de ter
Com este perfil, você vai entender
Que não é o outro que precisa melhorar
Mas sim você que precisa primeira se amar

Para poder manter relações verdadeiras
Mesmo sem você ter eira nem beira
Serás amado pelas suas amizades
Que independente da sua realidade
Sempre te apoiará e estará a disposição
Você tendo uma vida boa ou não!

Se você tem pelo menos um amigo
Terás sempre um porto seguro, um abrigo
E isso não há dinheiro de pague
Por que é rara uma verdadeira amizade!



Cláudia de Medeiros Lima

Claudia de Medeiros Lima é brincante palavras. Doutoranda em Educação (UFS) Mestra em Educação (UFS). Pedagoga (UFBA) e professora do Instituto Federal da Bahia (IFBA).



AEROPORTO

Outra vez no aeroporto, voltando exausta do trabalho, com fome, sono, falta de banho, mas com um sorriso de contentamento no rosto, porque sei que voltarei para casa. Só mais algumas horas de espera para o embarque.

Saio à procura do número do portão no painel.

— Ué? Não aparece mais o número no portão. — perguntei e a funcionária do aeroporto me respondeu que a administradora agora só anuncia 1 hora antes do embarque.

— Mas já está na hora da decolagem! — retruquei.

— É melhor a senhora procurar a companhia aérea. — recomendou-me.

Telefone. Óbvio que a empresa não sabe informar sobre o atraso. Afinal, que obrigação eles têm de informar ao passageiro sobre a não chegada do voo?

Desembarco, sem nem ter embarcado, na tentativa de buscar alguma informação no guichê da companhia. A atendente está com a expressão de quem já está cansada de

responder ao mesmo questionamento, o suficiente para adotar o tom de deboche.

— Senhora, o seu embarque está confirmado para as 2h45 da manhã. — falou pausadamente.

— No cartão de embarque a decolagem está prevista para 00h55. Você pode ao menos dizer o que está acontecendo? — perguntei.

— Estamos aguardando a tripulação que está vindo... — ela tentou explicar.

Nesse momento já não me interesse em saber se a tripulação viria da China ou da lua.

— Oi?! O voo está atrasado por que estamos esperando a tripulação? — imagino que o meu tom não tenha sido agradável.

— Isso mesmo que a senhora ouviu, não podemos mentir. — respondeu raivosa a atendente da companhia.

É... Mentir vocês não podem, assim como também não podem dar satisfação aos clientes no serviço de som do aeroporto. Assim como também não deveriam poder vender passagens com horário marcado, afinal agora a tripulação só aguarda os passageiros nas propagandas da televisão.

Enquanto isso, são duas da manhã e nem sinal de qual portão embarcarei. A tripulação deve ter tido algum outro contratempo, mas eu espero. Afinal sou apenas uma consumidora exausta, sentada em uma poltrona desconfortável, que está de pé desde as 6h da manhã do dia anterior, com dor de cabeça e sem fazer uma refeição decente. O sorriso no rosto já desapareceu, mas alegria de voltar para casa continua e continuará sempre!

Cataline Leão Otílio

Atualmente é professora de Língua Inglesa na rede básica de Ensino, lecionou no Curso de Mestrado em Ciências da Educação: Formação Educacional, Interdisciplinaridade e Subjetividade CEAP\UNASUR. Graduada em Letras /Inglês, e suas literaturas (UNEAL). Especializações em: Metodologia em Línguas Inglesa e Portuguesa, (Faculdades Integradas de Amparo); Língua

Inglesa (CESAMA); Metodologia do Ensino de Língua Inglesa (EAD), Faculdades São Luis. Mestrado e Doutorado en Ciencias de la Educación (UAA). Mestrado em Letras e Linguística (UFAL). É participante de algumas antologias. Tem interesse por leituras diversas e Ensino de Línguas e atualidade.



MINHA MÃE (UMA MULHER VITORIOSA)

Em meados de Abril do corrente ano, és que recebo um convite para participar de um Sarau Literário Especial Dia das Mães, promovido pela Acala – Academia de Letras e Artes e a UBE União Brasileira de Escritores. Mãe é um ser de luz, exprime amor, proteção! Você ainda tem a sua? Nós, enquanto filhos somos gratos pelo trabalho de nossas genitoras;

Pensando nisso, vem em minha mente escrever sobre uma grande mulher! Ela é mãe, força, fé, coragem e determinação. São muitos os adjetivos que irão definir quem é dona Verônica: guerreira, vitoriosa, dedicada, generosa, abençoada! Mulher de origem humilde, vindo de família

política tradicional de Arapiraca Alagoas, iniciou sua tabuata num pequeno salão lecionando para crianças.

Graduou-se na Funesa em Português \ Francês. Foi aprovada em dois concursos como professora do Ensino Fundamental nos níveis Municipal e Estadual. Orgulha-se em ter cinco filhos lindos, todos funcionários públicos concursados. Formou duas professoras, um enfermeiro, um advogado e agente de trânsito e um juiz federal. Dessa prole resultou sete saudáveis e abençoados netos!!

Hoje, aos 74 anos encontra-se aposentada como docente, com 48 anos de casamento, bem recentemente acompanhou seu esposo até seu leito de morte. Ela merece homenagem o ano todo!!

I love you Forever!!!

Célio da Silva

Nascido em 23/09/1967 Em Arco Iris SP
Casado, Técnico em Contabilidade,
Técnico em Design de Interiores,
Técnico em Desenho de Construção
Civil. Autor de dois livros d POESIAS
Misturando as Palavras e Palavras do
Coração.



PRA ESCREVER O FUTURO

Nos versos que escrevi
Não encontrei as rimas
Falei de sentimento
Que estava guardado em minha mente

Nem tudo que falei
Rima com o meu sentimento
O amor que eu guardei
Se perdeu com o passar do tempo

Me perdi nas palavras
Nas vírgulas que nos separa
Nos verbos que nos ligam
Eu fiz a separação

De um lado o sentimento
Do outro nossa paixão
Naquilo que não entendi
Coloquei um ponto de exclamação

Nos versos que escrevi
Deixei uma parte em branco
Pra escrever o futuro
Dentro do nosso presente



Carla Daniely

Educadora, escritora, romancista, poetisa, contista, cronista, antologista, revisora/editora de textos, redatora, roteirista Atualmente reside na linda e acolhedora cidade Porto da Folha/SE. Licenciada em Pedagogia; Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional e Clínica; Pós-graduada em Gestão Escolar, Coordenação e Orientação Pedagógica, Membro da Diretoria da Academia Virtual de Letras de Serra Talhada-PE. Organizadora da Antologia Entrelinhas do Amor. Organizadora da Antologia Erótica Entre Sussuros & Poesias. Escreveu três livros ainda não publicados. Apaixonada por letras, romances, versos e poesias. Instagram: @essenciadapalavra / @carladhaniely Email: escritora.carladaniely@gmail.com



PÁSSARO AZUL

O lindo pássaro azul na perfeita montanha, onde as nuvens alcançam o sol radiante, o canto melancólico do pássaro azul, faz-me entender que o lugar é fascinante nos contrastes naturais junto à realeza dos outros animais.

Outrora o vento traz a leveza de um espírito reluzente, necessitando da minha presença humana numa sintonia celestial.

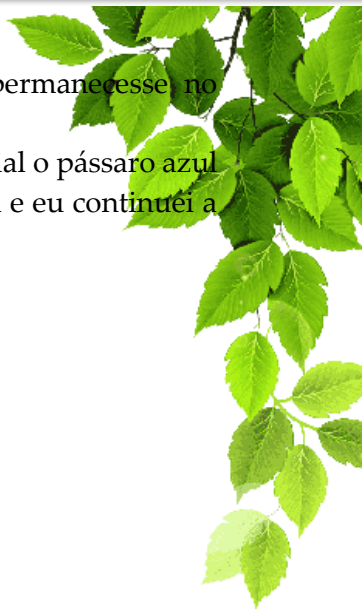
Era o pássaro azul envolvendo-se ao meu corpo trazendo-me a paz que eu tanto precisava no momento, no meu semblante lágrimas deslizaram como chuva no solo fértil. Senti o espírito santo invadindo o meu ser na majestade do encanto e conduzindo-me até o céu, onde o meu pranto desmanchou-se no paraíso das flores.

Surgiu um lindo jardim naquele lugar infinito entre

ventos e calma.

Clamei ao meu Deus para que eu permanecesse no paraíso para todo o sempre.

Na divindade da minha alma tão especial o pássaro azul estava a se transformar em um lindo lago azul e eu continuei a me encantar.



Cláudio Dortas Araújo

Desde de Itabuna, do Estado da Bahia. Reside na Cidade Berço da Cultura do Estado de Sergipe, ESTÂNCIA. É Coautor de mais de 70 Antologias Nacionais e Internacionais. Autor de (O6) Seis Livros de Poesias. É Membro das Academias de Letras: Internacional de Litera Brasileira, Feira n.º 305. Independente de Letras, AIL/Ordem Scriptorium A AUTENTICIDADE, Cadeira 129. Nacional de Letras do Portal Do Poeta Brasileiro, ANLPPB, Cadeira n.º 41. Letras do Brasil Suíça, Núcleo de Sergipe, Intercontinental de Letras, Artistas e Poetas, AIAP, Cadeira n.º 91. Colaborador da Imprensa Escrita do Estado de Sergipe e Além Fronteiras, (1982/2021). Sócio Fundador do Clube dos Poetas Estancianos Entidade de Utilidade Pública, Leis: 19/1991 e 8.092/2016. Fun-Dadocem: 24/02/1991.



ALENTOS!

Estados colapsados
São retratos fidedignos e tétricos,
De momentos pandêmicos
Criados por de descompromissados.
Que deitados em “berços” esplêndidos,
Se escondem “detrás” de seus bureaus
E regalam-se no sangue e no vinho
De humildes e bem intencionados
Que vivem e sobrevivem do Trabalho.
Inoculados de encargos,
Não mais tem de viveres, o direito,
De ter à sua mesa a fartura do instante farto,

Dum trabalho conquistado, com lágrimas e suor.
Que caminham, a passos largos,
Sem o alento do porto seguro,
Cabisbaixos, só lhes restam o cânhamo,
Como o alento para o seu espírito há muito cansados!
Mas os seus olhos inda fitam “o horizonte”
Mesmo nos estertores dessas dores,
Muitos ainda esperançosos,
Querem vislumbrar, Da Luz, A Face.



Daniele Ferreira Batista

Palmeira dos Índios, interior de Alagoas. Mãe de Arthur e dos gêmeos, David e Miguel, está, atualmente, concluindo o curso de Letras-Português pela UAB_IFAL. Já participou do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, PIBID, entre os anos de 2018 a 2019. Tem na escrita, uma terapia de libertação para seus gritos omitidos. Movida a sonhos, carrega a esperança de que em breve, os abraços retornem mais aconchegantes e repletos de vida.



CARRO DO OVO

São 30 ovos por 10 reais
Só por 10 reais
Todas as manhãs
Desperto-me ao som do carro do ovo

E assim, do recanto da janela
Observo atentamente
O vendedor de ovos
Que atende gentilmente a clientela

Porém, a satisfação das vendas
Decai sobre uma feição de cansaço,
Que logo cedo
Tem a missão

De encher o carro e o bucho
Dos que não se dão ao luxo
De um tiquinho sequer de carne

Espero
Do fundo de minha alma
Que a temida inflação
Não aumente o preço do ovo
E nem diminua o pão da nossa nação.

Daniele Batista



Danielle de Paiva Pereira Lopes

Professora da Rede Pública de São Paulo. Especialista em Literatura Infantil e Juvenil. Mestre em Literatura Portuguesa e doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.



UMA LÁGRIMA DERRAMEI

Uma lágrima derramei
ao lembrar-me dos beijos seus
e de suas mãos afetuosas
Ao tocar no rosto meu.

Não sei o porquê da lágrima,
se é de alegria o momento.
Tão só felicidades,
nenhum lamento.

Mas, então, o que ocorreu?
Sentimento derramado
de um íntimo
sensibilizado.

Débora do Prado Lisboa

Mineira de Belo Horizonte,
apreciadora de boas histórias e da vida.



BATISMO DAS ÁGUAS

A água desce a ladeira afoita,
Carregando os chinelos dos meninos.

Arquiteta lagos e rios; Cheira a terra e lhe diz adeus.
A água da chuva cai no chão impetuosa fazendo a noite esfriar.

Deus prende as águas em densas nuvens, se assim não fosse,
águas impetuosas teriam passado sobre a minha alma.

A água da chuva sossega tão calma no ar, mais parece um
sussurro, fazendo um som fresco.

Pego um pouco de água, joga na cabeça ela faz cocegas no meu
pescoço desaparece e volta para o céu.

Domingos Pascoal de Melo

Nasceu no Cantodoamaistempo município de Groaíras, no Ceará. Mora em Sergipe, filho de Sebastião Ximenes Melo e Lídia Ximenes de Melo, casado com a magistrada Maria das Graças Monteiro Melo e pai da estilista Ana Rita Monteiro Melo, estudou Filosofia e Ciência Jurídicas, pós graduou-se em Gestão Estratégica de Pessoas. É professor, palestrante, jornalista, advogado, radialista escritor, antologista e ativista cultural, é membro da Academia Sergipana

de Letras tem contribuído na criação de Academias Literárias em Sergipe e noutros Estados. É Membro Efetivo, honorário, benemérito, correspondente ou presidente de honra de quase todas as Academias de Sergipe e de algumas noutros estados. Criador e organizador de Encontros de Escritores, Concursos Literários, Antologias, e Seletas. É Curador e um dos organizadores da Bienal do Livro de Itabaiana e cede o seu nome para o evento literário, “Dpascoal de Cultura e Arte de Japoatã”.



A ERA DA INDELICADEZA

Nunca devemos carregar nos braços quem tem condições de andar com as próprias pernas.

Sobre a indelicadeza entre as pessoas, na atualidade, contam uma estorinha:

Dizem que, certa vez, uma senhora encontrava-se num coletivo e não havia um só assento desocupado. Inesperadamente, um jovem, que estava confortavelmente instalado à sua esquerda, levantou-se e, dirigindo-se a ela, educadamente, disse:

— Senhora, por favor, sente-se no meu lugar.

O choque com aquela gentileza foi tão grande que a passageira, incrédula e emocionada desmaiou.

Refeita, no entanto, encarou amavelmente aquele rapaz e num tom afetuoso disse:

— Muito obrigada moço, você é muito gentil.

Aí foi o rapaz quem desmaiou.

Exageros à parte, mas, a cada dia estão mais escassas as gentilezas. Onde andam as saudações tão rotineiras, nos tempos idos, os sorrisos de felicitações, “o bom dia”, o “obrigado”, o “com licença”, o “desculpe”, o “por favor”, o “posso ajudar”? O “Pode passar” ou, “a senhora primeiro”.

Pequenas palavras, frases curtas, gestos simples, atitudes brandas, mas de um efeito incomensurável. Ah, que saudade do tempo em que o filho respeitava o pai, os mais moços respeitavam os mais velhos, os alunos respeitavam os professores, os fiéis respeitavam seus pastores, os bandidos respeitavam a polícia e, sobretudo, todos se respeitavam mutuamente. Que pena esse tempo, infelizmente, passou.

É bom esclarecer que não nos é difícil constatar de onde vem esta subversão da ordem e dos bons costumes.

Estamos na verdade vivendo um paradoxo lastimável, onde os reais valores estão invertidos: é o filho quem “educa” o pai, a vítima conta menos que o delinquente, o professor não pode reprovar o aluno para não traumatizar o mau estudante, o bandido está solto armado perigoso e impune, enquanto o cidadão padece desprotegido atrás de grades em seus cubículos, os chamados “direitos humanos” não se prestam aos que sofrem o dano e sim àqueles que o praticam.

Acabaram com a nossa educação de excelência, as escolas boas são aquelas que dão os melhores “bizus”, as melhores dicas; no lugar da escola de excelência ficou a do “jeitinho”, a do

“remendo”, foram-se as aulas de etiquetas, de boas maneiras, de artes manuais, de filosofia, de sociologia. Em seu lugar ficaram as “colas”, as “pescas”, as “recuperações”, as “re-recuperações” e as “re-re-recuperações”.

Estão fabricando modos de aprovação para o preenchimento de estatísticas, não para preparar cidadãos.

É bem visível a distância de um jovem dos anos setenta/oitenta e um atual. Quem não se recorda da disciplina familiar à custa da regra definida pelo Pai ou pela Mãe.

Onde que um aluno daquela época poderia tratar, por exemplo, um professor pela alcunha de “cara” ou “coroa” ou, pior ainda de “velho”, ou “velha”. Havia, sim, o respeito à hierarquia, à obediência e, sobretudo, à disciplina. Lembram-se que sabíamos cantar o hino nacional, o da bandeira, e o da independência?

A onda desenvolvimentista dos últimos anos, ainda na ressaca da desenfreada busca pelo tempo perdido das décadas de recessão, a Constituição Cidadã surgida no vácuo da falta de liberdade, a tecnologia que ultrapassa a ela própria em ciclos de tempo cada vez menor, nos jogando de encontro a uma realidade onde não conseguimos entender nem o próprio presente.

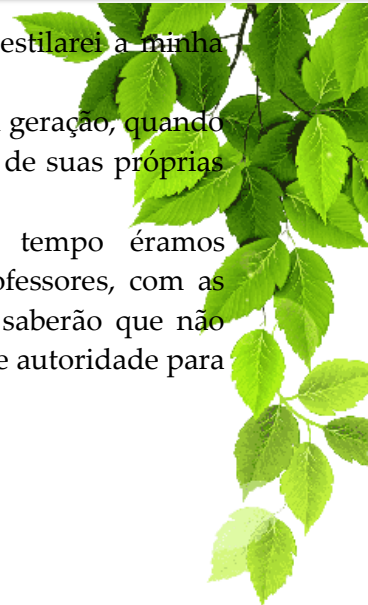
E o futuro? Bem, o futuro este é absolutamente imprevisível. No campo comportamental, não há como prevermos aonde chegaremos nos próximos cinco ou dez anos. De repente, fomos jogados muito para frente no tempo. As coisas andaram depressa e, como disse aquele índio que pegou carona num possante automóvel: “... Pare, por favor, pare, pois você andou depressa demais e a minha alma não conseguiu acompanhar”.

Estou ciente de que esta lengalenga é coisa antiga. Desde os primórdios dos tempos os mais idosos reclamam do procedimento rebelde dos que estão chegando. É natural, eu

entendo, mas, não me conformo. Portanto, destilarei a minha insatisfação e a minha inquietude.

Assim, preocupa-me, até o que ocorrerá a esta geração, quando chegar a sua hora de reclamar dos que virão de suas próprias entranhas. O que alegarão em suas defesas?

Dirão, por exemplo: — no meu tempo éramos respeitosos com os mais velhos, com os professores, com as autoridades? Se esta for a afirmação, todos saberão que não condiz com a verdade. Terão, então, coragem e autoridade para dizê-la, sem sentir remorsos? PENSE NISSO



Denerval Paulista dos Santos

Denerval Poeta, escritor a mais de 40 anos. Já escreveu mais de 50 livros de poesias e mais de 50 livros infantis. Incluiu também em suas escritas outras obras como poesia infantil e infanto juvenil.



A CAVERNA

Pelo deserto havia
Uma caverna muito abandonada
Com muitas pedras amontoadas
Nos grãos de areia, nos matos pequenos As formigas ficavam
desinquieta
Caminhando pelo chão.
Existia na caverna pequena os bichos. Eles conseguiam
esconder no seu esconderijo Ficando afastado dos predadores
Depois dormiam.
Mas ali, tinha um imenso sombrio
E o vento ventava naquela gruta.
Os raios solares brilhavam,
Por cima da própria caverna.
Mas, fazia calorão ao redor.
Vários insetos barulhando, logo em seguida Brincando com
seus companheiros.

Rapidamente caia a garoa da chuva fria.
E os animais ferozes passavam
Por dentro da caverna escura
Andavam pelo trecho fechado.
E a lua cheia começava a clarear
Os pássaros continuavam a voar
Pousava no galho da árvore e os grilos a cantar.



Denilson de Souza Santos

Denílson de Souza Santos é escritor, revisor e antologista de Santa Brígida. Professor da rede municipal de Paulo Afonso-BA. Coautor em diversas antologias nacionais e internacionais. É organizador da Academia Estudantil de Paulo Afonso e do Projeto 300 Vozes. É membro da União Brasileira de Escritores - UBE, da Academia Internacional de Literatura Brasileira - AILB, da Academia Santabrigidense de Letras e Artes – ASLA.



LAÇOS DE AMOR

I

dois corações,
vidas distintas,
histórias resenhas,
dia marcado,
quinta

II

tempo certo
união prescrita
deus programou
redação pronta
escrita

III

muito opostos
diálogos reais
amor presente
batalhas juntos
leais

IV

relação séria
planeja futuro
meio dolorido
nosso porto
seguro

V

segredo único
navegar fervor
união sólida
palavras líquidas
amor



Diógenes Rodrigues Pereira

Diógenes Pereira é Alagoano, natural e residente de Santana do Ipanema, Psicólogo Clínico, Especialista em Avaliação Psicológica, Poeta Repentista, Cordelista e atualmente está na Presidência da AALC – Academia Alagoana de Literatura de Cordel, ocupando a 23ª cadeira.



CADA PROFISSÃO TEM SUA IMPORTANCIA

Dois objetos cortantes
A gilete e o machado
Barbeiro com a gilete
Faz um belo barbeado
O machado é de primeira
Serve pra cortar madeira
Numa broca do roçado.

Lenhador com o machado
Não faz a barba aparada
O barbeiro com a gilete
Não deixa a lenha cortada
Que te sirva de lição
Ferramenta e profissão
Deve ser valorizada.

No mundo das profissões
Cada um tem seu talento
Pra cada especialidade
Existe um fundamento
Saiba que seu conteúdo
É resultado de tudo
De pratica e treinamento.

Cada profissional
Segue seu itinerário
Para cada ferramenta
Tem seu papel necessário
E no produto final
É sempre especial
Útil e originário.

Nunca critique o preço
Do trabalho de alguém
Se acha rápido e fácil
Se vire com que tu tem
E faça você calado
Pois se algo der errado
Tu não vai culpar ninguém.

Quem quer viver do barato
Não encontra qualidade
Quando eu vejo alguém
Buscando agilidade
No mundo do improvisado
Termina em prejuízo
Quem buscou facilidade

Não olhe apenas o preço,
Enxergue bem o valor
O tempo que é necessário
Qualidade é o fator.
Um cliente satisfeito
Zela um serviço bem feito
Com gratidão e amor

Trabalhe busque sucesso
Sem a ninguém desprezar
Na vida para vencer
Não precisa disputar
Se dedique com prazer
Pois você só vai colher
Tudo aquilo que plantar.



Evanilson Oliveira de Santana-Tinho Santana

Tinho Santana é poeta, escritor, cordelista, Jornalista DRT-2052/SE, um amante das letras e das artes. É Graduado em Administração pela Universidade Tiradentes, especialista em Gestão, Supervisão e Orientação Educacional pela Faculdade Cândido Mendes; está cursando uma especialização em Gestão de Empreendimentos Turísticos pela UFS. Autor do Livro Versos Sertanejos



e do Cordel Uma Canindé de Sonhos. Participou de diversas antologias como o: Encontro dos Escritores Canindeenses (idealizador), este ano em sua 8ª Edição, I Encontro Aracajuano de Escritores, Encontro de Escritores Montealegreses, I e II Encontro de Escritores Sertanejos, Antologia Poemas do Brasil, Escritos do José (organizador), Abrindo ALAS I e II, EGEL, I Antologia Poética de Sergipe, Retalhos da Alice (idealizador) entre outras, editor chefe da Revista Sertão na Mídia e também é imortal fundador da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano – ALAS e Presidente fundador da Academia Canindeense de Letras e Artes – ACLAS. Contatos: (79) 9 9603-5842 e-mail: tinhosantana.adm@hotmail.com

VOCÊ NO HODIERNO MOMENTO

Ah! Como eu queria
aqueles seus lábios a encostar os meus,
que no anelo enraizado em meu ser
sentia o mais saboroso beijo de amor.
Minha dama, dona dos meus sonhos
que no póstero estará comigo
em corpo, alma e coração.

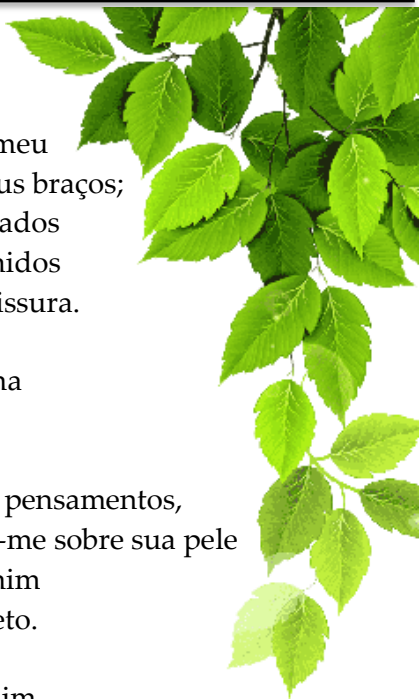
Ah! Como eu queria
sentir esse corpo sobre o meu
acalentado sobre o calor dos seus braços;
sentir os sussurros provocados
ao meu pé do ouvido, gemidos
que provocam arrepios de fissura.

Em mim sobe uma flama
que aquece a alma
e enobrece o meu ser.
Assim vivo flanando sobre os meus pensamentos,
esperando o dia em que possa debruçar-me sobre sua pele
para senti-la entrar em mim
e realizar-me por completo.

Ah! Como eu queria
minha doce Rosa do jardim
que exala o perfume que me embriaga;
que com suas pétalas amacia minha pele
e com sua beleza apaixona-me.

Ah! Como eu queria
esses dedos por entre o meu peito
a arrepiar-me de volúpia;
esses pomos a deslizar-se por entre meus lábios
sentindo assim o mais puro pecado
através dos belos mamilos a serem tocados
por uma bailarina língua.

Queria também
sentir seu suor, seu cansaço
e ver seu fulgor
ao deslizar sobre meu corpo.



Queria sentir seu gosto,
seu cheiro,
seu amor.
Não no pósterio,
mas agora,
no hodierno momento,
como eu queria você.

Tinho Santana, 25 / 07 / 2020 às 11:26



Edna Santos

É Psicanalista e Poetiza. Membro da Academia Passagense de Letras (APAGEFRAN), ocupante da cadeira 39. Participou das coletâneas Poemas entre Gerações, Experimentos Poéticos, Encantos Nordestinos, O bebê e o outro, das antologias Superação, Determinação, das revistas “O Piagüi” edição especial de quarentena 1 e 2, entre outras publicações. Escreveu para o Jornal Meio Norrte na Coluna: Qual é a dúvida?



LAÇOS FAMILIARES

Chego de Teresina
De uma imersão familiar
Laços resgatar
Emoções vivenciar
Beijos, abraços...
Bons tratos.
Cortesias e gentilezas
Vividas no seio familiar
Viver o melhor que há.

Alegria e bem estar
Não há o que negar
Esta é minha Filosofia
Baseada na Psicologia
Que sustenta o meu dia a dia
Com a energia que me dá.

Para seguir a magia
E fazer a metamorfose
Transformar as fases
Vivida no momento
Sem nenhum sofrimento
Só prazer e gratidão
De todo o meu coração
Faz parte do meu viver
E tudo que sei fazer.

Fiquei edificada
E muito motivada.
Para a vida prosseguir
Realizar sonhos
É tudo o que proponho.



Elaine Oliveira da Rocha

Filha de Zenilta e Jorge, mãe de Roger e Emily, nasceu em 13/11/1974, às 18h, na Cidade de Aracaju. Professora Pós-graduada, foi alfabetizada desde os 5 anos de idade enquanto sua mãe ensinava seu irmão; cursou o Ensino Fundamental em Aguada e Carmópolis. Normalista no Ensino Médio e graduada na UFS pelo PQD e pós-graduada em Pedagogia do Mov. Do Ens. Fund. E Médio.



Começou a ler e escrever pelo incentivo da professora Gisélia Mendes. Com seus textos participou de concursos de poesia nos municípios do Estado de Sergipe e Alagoas. Uma das fundadoras do Café com Poesia e tem cadeira na AMS Academia Municipalista de Sergipe.

EXPLOSÃO DE SENTIMENTOS

Certo dia em um turbilhão de sentimentos desconexos,
Embaixo de uma árvore sentei e tentei escrever Porém não
consegui. Não tinha palavras e resolvi me calar... Neste meu
silêncio, algo estranho aconteceu. Um beija-flor pairou na
minha frente e disse: **olhe-me!**

O vento em sua brisa sussurrou: **ouça-me!**

Um raio solar iluminando-me disse: **toque-me!**

A terra descalçou-me e disse: **sinta-me!**

Os animais chegaram alegremente e disseram: **siga-me!**

As flores, **cheire-me!**

E numa explosão de sentimentos:

Transbordando de alegria

As palavras brotaram em minha mente.

E eu olhei, ouvi, toquei, segui, cheirei e acima de tudo senti
Senti que no meu silêncio tudo gritava: olhe-me, ouça-me, sinta-
me e eu senti.

Me emocionei;

Chorei!

Senti;

Vivi ...

Sinto!

Vivo!

Sem palavras ?! Nunca mais. El Marcolina



Eliane Silva

Menina e mulher; meiga e bruta; simples e sofisticada. Depende do dia ou da fase, hoje aprendeu a escrever e colocar no papel toda a sua sensibilidade. A alguns anos começou a publicar seus poemas nas redes sociais e em algumas antologias. Mãe leoa de 3 crianças lindas, empreendedora, guerreira sonhadora.



POESIA (ELIANE SILVA – PARANÁ / BRASIL)

Quem é ela ...

que me acompanha dia e noite
e muitas vezes durante a madrugada.

Que me faz sonhar,
imaginar e me
convencer que muitas vezes
tudo o que sonhei
tornará realidade.

Aquela que faz lembranças
ficarem para sempre
gravadas ou até mesmo
nunca mais serem lembradas.

A mesma faz meus dias de chuvas
serem lindos e abençoado e a cada
pingo caído sobre a terra molhada.

Aquela que faz os raios do sol
serem os mais brilhantes
os mais radiantes e fascinantes
ao amanhecer e entardecer.
Aquela que faz meus dias chatos,
conturbados e sofridos

ficarem leve, animados e felizes
a serem compartilhados.
Que me faz amar ser amada
apaixonar ser apaixonada
Deixar inspirar ser inspirada
ser poeta, poetisa...
Simplesmente você querida poesia.



Evson Souza Santos-(Vinho Souza)



ORGULHO DE SER NORDESTINO

Tenho orgulho em te dizer,
Preste atenção meu amigo
Negar as minhas origens
É coisa que não consigo
Nordeste lugar de homem,
Honesto e trabalhador
Terra de mulher guerreira
Que também tem seu valor

Desde cedo a mãe da gente
Vem nos incentivar
Para focar nos estudos
E um dia se formar
Fala sobre a pouca sorte
Que tiveras no passado
Mas a missão dessa vida
É ver o filho formado

Tradição da minha terra
Preservo desde menino
Sou filho de gente simples
Que trabalha com afinco
Escute o que vou dizer
Parece que é meu destino
E já deu para perceber
Que eu sou um nordestino

Das tradições nordestinas,
Admiro a poesia
O dom de fazer a rima,
É o que me traz a alegria
Também sou cabra da
peste
Nascido lá no Nordeste
Minha origem que me orgulho
No interior da Bahia.



Elza Bernardes Rabelo dos Santos

Inter. POEBRAS-Formosa. Participante das: "Col. 300 Poemas de amor"- Ant. Mulheres Brilhantes escrevem poesias". "Col. de poetas além do tempo". "Poemas de Quarentenas". " Natal com Poesia 2020". Um Grito A Cor Da Pele.



PORTO SEGURO, NORDESTE, SUL DA BAHIA.

Anos atrás fomos em férias num agradável passeio à beira mar. Família unida, procurando merecido descanso, num confortável carro seguimos rumo à Costa Brasileira, despreocupados e alegres! O neto juntinho da vovó/Eza; como era chamada quando pequeno.

Vários dias ao lado do neto conhecendo cidades acolhedoras e paisagens belíssimas! Conversas, aconchego e abraços sublimavam neste encontro. Fotos registravam oportunidades perfeitas com toda a família.

Passeios turísticos e históricos são ocasiões que se completam, valorizando assim nossa Nação Brasileira.

A beleza natural contracenada com o aprimoramento humano é visível.

Foram dias prazerosos, agradáveis. Mas...
A tristeza guardada em mim, será externada aqui.

Nos humanos, muitas vezes, desleixados, sujamos as areias puríssimas!

É lastimável aquela imensidão, santuário Divino e magnífico devolvendo, através das ondas; o lixo!

Areias num colorido único, sobressaindo inúmeras cores deixadas ali.

Necessitamos urgentemente sermos mais cuidadosos! Toda a Costa Brasileira com sua beleza única, ficaria agradecida se cuidássemos mais! Recebemos o presente "natureza" compreendendo a pureza entranhada nos mínimos detalhes!

Nós humanos, aprendamos valorizar este Universo perfeito! Hoje as praias estão dizendo às ondas: Estamos limpinhas.

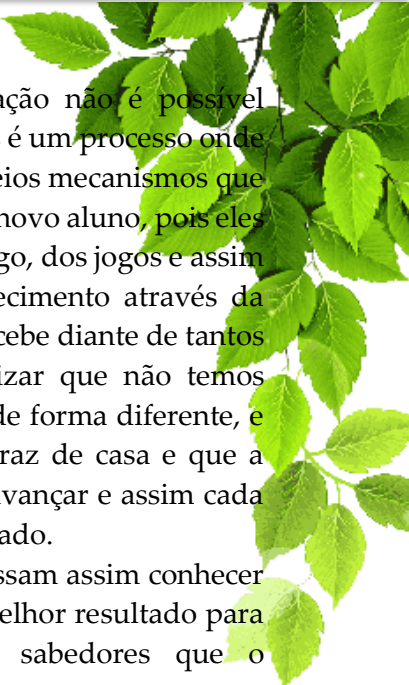
Fátima Stela Bezerra Viana Barbosa

Doutoranda em Ciências da Educação (2020) possui Mestrado em Ciências da Educação (2013). Membro efetivo da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil – AJEB-MA. Publicou o livro *Participação dos pais na gestão escolar* (2018). Coletânea Editora Atena – *A Língua Portuguesa em dia* (2018). Artigo na Revista *Cocais do Saber – Afetividade no processo de alfabetização* (2019). Revista *Psicologia & Saberes – As contribuições da educação popular*, no livro *da Pedagogia do Oprimido segundo Paulo Freire* (Revista Qualis – 2020). Prestou serviços como professora na Universidade Estadual Vale do Acaraú, Instituto Florence de Ensino Superior, na Secretaria Municipal de Educação em Caxias – MA, atuou como Diretora de Ensino (2017-2020) e logo depois como Secretária Municipal de Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação – SEMECTI (2020) em Codó – MA, atualmente é Diretora de Educação na Unidade Regional de Educação – URE/CODÓ.



ARTIGO DE OPINIÃO ALFABETIZAÇÃO E SEUS DESAFIOS

A alfabetização é uma etapa fundamental na educação. Ser alfabetizado não significa apenas codificar e decodificar as letras que formam palavras, mas incluir as habilidades de letramento e numeramento. O investimento nos primeiros anos de ensino tem sido algo constante nos sistemas de governo, seja ele federal, estadual ou municipal e os avanços já começam a ser evidenciados, mas ainda há muito o que se fazer para que os objetivos de alfabetizar novas crianças sejam realmente alcançados.



Precisamos entender que a educação não é possível trabalhar como sendo algo individual, pois é um processo onde podemos confirmar que recebemos dos meios mecanismos que interfere diretamente na aprendizagem do novo aluno, pois eles aprendem através da observação, do diálogo, dos jogos e assim acabam construindo o seu próprio conhecimento através da realidade que vive e convive. O que se percebe diante de tantos estudos em relação a prática de alfabetizar que não temos formula certa, pois cada criança aprende de forma diferente, e que cada um tem um aprendizado que traz de casa e que a escola precisa explorar e aproveitar para avançar e assim cada um tenha o seu direito de aprender respeitado.

É necessário que os educadores possam assim conhecer as metodologias que venham trazer um melhor resultado para o aprendizado do seu aluno. Somos sabedores que o analfabetismo precisa ser bem trabalhado para que a nossa educação melhore, pois sem aprender a ler e a escrever jamais dominaremos as outras áreas de conhecimento. É necessário que cada um de nós educadores vejamos o que podemos fazer como profissional para melhorar o aprendizado e ensinar os alunos o que é mais essencial e importante que é ler e escrever. Com isso precisamos definir qual é o objetivo real das nossas escolas, de forma que o nosso aluno perceba a função social de tal aprendizado e assim estabeleçam um diálogo com o mundo.

Geóz Rodrigues de Melo

Nasceu na cidade pernambucana de Águas Belas, onde ainda reside. Leciona no Ensino Fundamental há mais de 20 anos. Adentrou no universo da leitura desde pequeno. Passa essa paixão para seus alunos. Em momentos de descontração escreve contos, poemas, fábulas e crônicas. Possui um livro infantojuvenil ainda não publicado.



A BOTIJA

Vicente olha para o alto e percebe a enorme lua cheia brilhante no céu. Começa a andar entre as sepulturas do cemitério sem ter recordação de como chegou ali. Alguns instantes depois, se detém diante da estátua de bronze em tamanho natural do arcanjo Miguel empunhando sua espada.

– O escultor fez um magnífico trabalho – comenta para si próprio ao passar a mão de leve nos detalhes da estátua.

Percebe um som incomum vindo em sua direção. À primeira vista, pensa ser o som estridente produzido pelas rodas de um carro de boi, mas logo descarta a possibilidade. O coração acelera ao ver a figura de um homem decrepito, usando farrapos e arrastando grossas correntes de ferro. O pavor deixa Vicente imobilizado enquanto o homem se aproxima cada vez mais.

– Não se assuste. Não vou lhe fazer mal – fala a voz do espectro.

– Coronel Abelardo! – Exclama surpreso.

– Preste atenção, pois meu tempo aqui é pouco.

Vicente assentiu com a cabeça.

Quando criança eu ouvia histórias de pessoas avarentas que transformavam todos os seus bens de valor em ouro que era guardado em botijas. Você já deve ter ouvido essas histórias de Trancoso, não é Vicente?

– Sim, coronel.

– Eu nunca acreditei nelas e fiz tudo que elas mandam não fazer. Eu tinha medo do futuro, por isso juntava e juntava. Nunca ajudei ninguém, nem mesmo os mais necessitados. Os bens que deixei geraram discórdias e inimizades entre meus parentes.

O consternado fantasma recorda de várias situações que sua avareza causou, mas não tem coragem de contar.

– Meu castigo é ficar vagando entre os mundos levando comigo estas correntes malditas até que alguém encontre minha botija. Eu não posso lhe contar diretamente como encontrá-la, mas posso lhe dar esta pista: São Miguel aponta a minha riqueza.

O espectro some no ar. No mesmo instante Vicente desperta de seu sonho lúcido e passa o restante da noite em vigília pensando no que acaba de lhe ocorrer.

Ao nascer do sol se encontra no portão do cemitério. Segue em direção a estátua e começa a observar seus mínimos detalhes. Seu olhar se detém na espada que aponta para a capela do cemitério e lembra-se das últimas palavras do espectro: “São Miguel aponta a minha riqueza”.

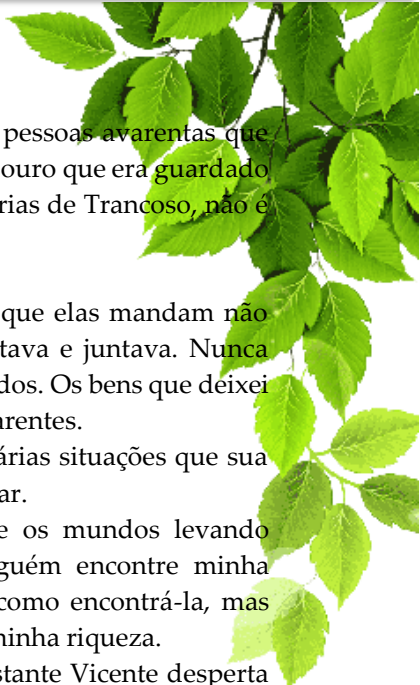
A conclusão óbvia é que a botija está enterrada na capela, mas não sabe com isso é possível. Contudo sua religiosidade jamais o deixaria profanar solo santo. Segue em direção à saída muito triste, inconformado e cabisbaixo. Mas antes mesmo de chegar ao portão uma voz inaudível, a que muitos chamam de intuição, lhe diz:

– Fale com o padre!

Segue em direção a igreja, sem pensar duas vezes.

– A sua benção, padre.

– Deus te abençoe, meu filho. Veio assistir a missa das seis?



– Na verdade, não. Eu fui ao cemitério logo cedo. Pensava em como a vida é curta quando me espantei com a beleza da estátua de São Miguel.

– Ela é gloriosa. Foi um presente do finado coronel Abelardo que Deus o tenha.

– Um presente do coronel?

– Sim! Eu fiquei tão espantado quanto você está agora. Acho que foi a única coisa que ele deu para a igreja ou para qualquer pessoa.

Os devotos começam a chegar para missa e a conversa é interrompida, mas Vicente já sabia o que fazer.

Trata de seus afazeres diários e à meia-noite volta ao cemitério levando consigo uma picareta. Contempla o trabalho do artista desconhecido pela última vez, ergue os olhos para o céu e diz:

– Perdoai-me, Senhor.

Golpeia fortemente a estátua do arcanjo até que partes cada vez maiores do bronze começam a cair amontoando-se no chão. Logo Vicente percebe que junto com dos destroços da estátua começam a cair pepitas de ouro.

– Ninguém jamais suspeitaria da artimanha do coronel Abelardo ao transformar a estátua em uma botija.

Ao lado de Vicente, um certo espectro sorri.

Geovania Freitas de Jesus

É natural de Feira de Santana – Bahia. Graduada em Pedagogia - (UEFS), Letras com Inglês - (FTC). Especialista em Psicopedagogia - (FACCEBA), Alfabetização e Letramento - Faculdade Montenegro. Mestre em Educação-(EBWU). Professora da rede pública de ensino. Poetisa e Autora dos livros: As aventuras de Beto e seus amigos – 2020 e Princesa do Sertão - 2021.



CELEBRE A VIDA

É tempo de celebrar a vida!
nele está presente
o show da perfeição,
somos todos convidados
para a magnífica celebração.

No sorriso do menino,
no balanço da criança
a vida se apresenta
de um jeito suave,
embalada por uma dança.

Celebre a vida!
a cada momento, sem esperar...
um grande acontecimento,
você é o motivo da inspiração divina.

A saudade aperta,
dói e nos cerca,
pelo caminho se vê
a longa pista,
da multidão que partiu.

Celebre a vida!
em cada ensinamento
um dia após o outro
tem muito a nos mostrar,
começando pela confiança
que precisamos ter
para não deixarmos de sonhar.

Dias melhores virão,
com esta certeza no coração
caminhemos...
cultivando sementes de amor,
paz e esperança.

Celebre a vida!
irradiando a luz
que resplandece em ti
e assim...
um belo pôr do sol



iremos construir.

Celebre a vida!
com a essência da humildade,
tornando cada segundo
uma grandiosidade
para ser apreciada
e exercida na sociedade.

Celebre a vida!
viva, renove e acredite!
leve a melhor versão de si,
existem pessoas que não conhecem o poder
no simples gesto de sorrir!



Gercimar Martins-Goiás

Natural de Rio Verde-GO (1993),
Gercimar Martins é Poeta, Escritor,
Professor Universitário,
Administrador, Mestrando em
Educação pela UFU, autor de 5 livros de
poemas Membro da ALUBRA, AIL,
AILB, Movimento Poetas del Mundo e,
Membro Fundador da ACLEMOD.
Instagram: @gercimar.poeta.



É PRECISO VIVER SEM MEDO DE ERRAR

A vida é feita de altos e baixos,
É preciso não perder o ritmo
Se não tudo podes para ti acabar.

É preciso em sua força acreditar,
Fortalezar laços e amizades criar,
E um amor se amar.

A vida é curta,
É preciso ela aproveitar,
Laços podem até se quebrar,
Mas, as lembranças, eternamente irão ficar.

É preciso viver sem medo de errar,
E a cada dia, novos laços criar.

Gleide Barbosa de Souza Santos

Residente em Aracaju-SE. Natural de São Miguel do Aleixo-SE, cidadã do município de Feira Nova-SE. Seus pais: Pedro Barbosa de Souza e Josefina Francisca de Souza. Casada, mãe, avó. Jornalista, publicitária, interior designer, artesã, especialização em marketing e em didática do ensino superior. Aposentada. Escritora. Membro efetivo fundador da Academia Gloriense de Letras (AGL) e da Academia Municipalista de Sergipe (AMS).



CASUALIDADE

Vestidinho amarelo
De bicos rendados
Inocência
Sapatinhos pretos de laços
Meias finas na cor branco
Menina
Cabelos em caracóis
Nas mãos, a bolsa de couro
Vaidade
Olhar sereno na imensidão
Que se cruzam aos teus
Sonhos
Pessoas em toda parte
A festa segue na noite

Simbologia

De repente o inusitado

Botões se cruzam

Passaporte

Seguem os rebentos

Cada um em seu lugar

Improvável

Amizades se aninham

A vida muda o rumo

Casualidade

Beiram o mesmo espaço

Espreitam-se o flerte

Ardor

A investida acontece

A presa cede

Paixão

O amor virou indissolúvel!



Hendrickson Rogers Melo da Silva

Professor de Matemática há 21 anos, mestre em Ensino de Matemática (UFAL), especialista em Educação Matemática e especialista em Formação Docente para a atuação em Educação a Distância. Revisor de periódicos científicos. Professor universitário em instituições privadas (incluindo conveniada a Fundação Getulio Vargas). Professor no ensino básico da SEDUC-AL.



Autor de artigos científicos em minha área. Autor de vários capítulos de livros e de vários artigos sobre Teologia Bíblica (blogdoprofh.com).

SOU FILHO. SEU FILHO

Sou filho. Seu filho. De quem mesmo?

Preciso de um pai. Um Pai do Céu e também um da Terra,
pecador e falho como eu.

Meu Deus! Por que o Senhor mesmo não foi meu pai, meu único
pai?!

Ser filho de mais de um pai... Parece bom, mas quando se tem
os dois do lado...

Quando se pode vê-los, ouvi-los, segui-los.

Ter dois e mal poder sentir um é inexprimivelmente
angustiante...

Sou seu filho. Filho de dois pais.

Na verdade, um é pai. O outro é Deus.
Deus é fantástico! É o próprio amor, é minha salvação... mas
não é o meu pai.
Meu pai é visível. Bem, ao menos posso vê-lo. Só vê-lo.
Deus é invisível, contudo posso fazer mais coisas com Ele...
Do seu filho o senhor não pode divorciar. Nem de Deus.

Não se dissolve a origem da gente, sabe? Esquecer, talvez.
Anular nunca!
Já que isso não é possível...
Tá aí um motivo para não existir essa distância, que é pior que
toda a invisibilidade do Pai do Céu...

Não sou filho de uma pedra!
Seu filho não nasceu e cresceu em cima de um muro.
Nasci e cresci entre os braços de um homem, no colo de um
pai...
Onde está esse homem? Pra onde foi meu pai?
Estás tão distante quanto queiras.

Seu filho não é pai ainda.
Mas já descobri que não podemos confundir as palavras
“criança” e “filho”.
A criança encanta e cativa e depois deixa de ser...
Um filho não deixa de ser!
Por isso não pode perder o encanto e o relacionamento que
recebeu desde o início...

Seu filho. Não sua cópia!

Nem mesmo um clone é *outro igual*, pois não se pôde usar o mesmo fôlego de vida do mesmo jeito!

Pais geram filhos. Pais não dão à luz novos pais. A vida é que faz isto.

Não posso pensar como o senhor. Não preciso pensar como o senhor. Devo ser castigado por isso?

Este filho sente saudades do pai. Da metade de minha mãe.

Metade? Quem disse que é possível encontrar, com precisão, a metade de uma família?

“Se tornarão uma só carne”. Divida um matrimônio. Mas nunca será no meio...

Um pai esperava seu filho pródigo. Um Pai espera seu filho hoje também.

Espero que esse filho volte logo, assim como o outro filho voltou ao outro pai!

Se não consegues agir como meu pai, pelo menos aja como um filho que volta, que completa.

Como filho posso compreender um pai revoltado, insano.

Como aceitar, entretanto, um filho ingrato, obstinado?

Um pai dá ao filho a maravilha que é o perdão. Um filho dá ao pai o privilégio do perdoar!

Deus dá ao pai Sua própria herança! O pai dá ao filho sua verdadeira Fonte!

O senhor não tem onde se esconder mais – nem como pai, nem como filho, nem como marido...

O Filho de Deus continua a indagar: “Onde estás?”

O filho de meu pai, ao lado do outro Filho, continua a esperar.
Uma parábola tanto familiar quanto diferente:
Um pai que é filho pródigo. Um Filho que também é Pai.
E um filho... dos dois pais.

Um filho corre atrás de seu pai, pois aprendeu de seu próprio pai a correr atrás do que é bom.
O Pai não chama, apenas. Ele corre atrás de Seus filhos.
Corra também, pai! Corra na direção certa. Corra atrás do que é bom, como o senhor me ensinou.
Precisas do Filho e de um filho pecador e falho.
Sou filho. Seu filho.

Hosane Henrique Lucas de Souza

Henrique Lucas – É natural de Careiro – AM. Mestre em Educação. Dr. Honoris causa em justiça e Paz social. Embaixador e Comendador da Paz. Autor de Braços do Sol e Meninos de Papel. Melhor Poeta Contemporâneo do Estado do Amazonas-2020.



NORDESTE EM POESIA

Peço licença com alegria ao Pai Criador
Para versar com humildade e sabedoria
Esta terra linda que Tupã a consagro
Sagrando de Nordeste, flor em poesias
A pátria brasis de bravos, de arte e amor

Alagoas de Zumbi, os Palmares o sol da libertação
Vidas Secas de Graciliano, dos Marechais do sertão
Em Maceió tem candomblé, fé, esperança e tradição
Velho Chico, alimenta e sacia a sede da população

Oh Bahia de Castro Alves e do nobre Jorge Amado
Terra de fé, dos tambores de um povo abençoado
Tem festas e praias o ano inteiro eita povo animado
Teu Pelourinho de cores, coração de São Salvador
Estado do acarajé, és um romance-agreste de amor

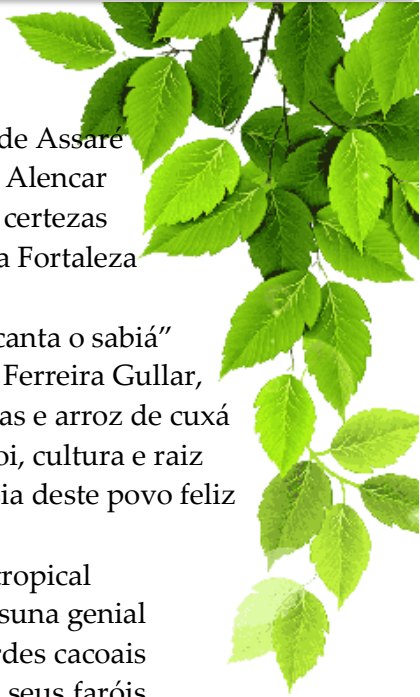
Ceará meu coração, meu mar, meu torrão de Assaré
Da Jandaia, o berço de Iracema, de José de Alencar
Povo valente, cabra da peste, esperanças e certezas
Canta na terra da poesia popular, o Cariri a Fortaleza

Maranhão de Gonçalves Dias “terra onde canta o sabiá”
Do Poema Sujo que gritava a liberdade de Ferreira Gullar,
Povo erudito e popular dos lençóis de areias e arroz de cuxá
Sob a lua de palha plateia o bumba meu boi, cultura e raiz
Cidade de São Luís a ilha do amor da poesia deste povo feliz

Paraíba de Augusto dos Anjos, terra leste tropical
Do Auto da Compadecida de Ariano Suassuna genial
Em tuas praias Manaíra e Tambaú dos verdes cacoais
Oh São Francisco abençoe João Pessoa em seus faróis
Ao canto da natureza que dedilha as orquídeas e sóis

Pernambuco terra do sol de Cabral e Manoel Bandeira
Atlântico Marco Zero, meu Capiberibe, Olinda brasileira
És um paraíso dos Pankararu, Xucuru, Kambiwá e Turká
Da cidade velha a Boa Viagem, sob o mar, gaivota a voar
Ordeira Recife o teu galo é convite para o frevo brincar

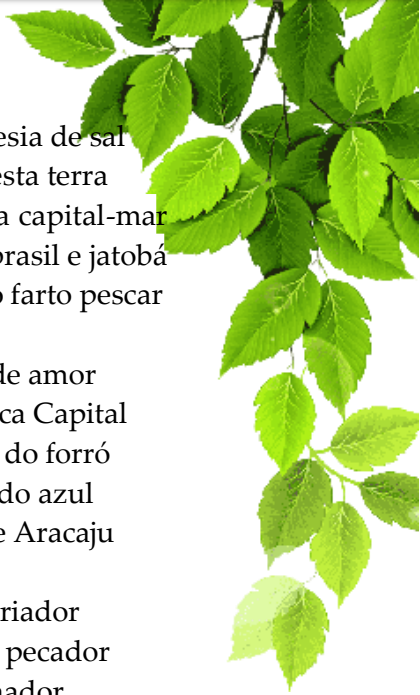
Piauí do delta Parnaíba, de Frank Aguiar e Osmália Lira
Teus parques, tua arqueologia e tuas pinturas históricas
Da Caatinga as mangueiras Terra de nossas memórias
Das palmeiras babaçu, marujada, o reisado que fascina
Sob as cascatas e praias banha-se a cajuína Teresina



Rio Grande do Norte de Renata Mar a poesia de sal
Berçários de areias de prata que alimenta esta terra
O braço forte potiguar, vela, vento, surfa a capital-mar
Duna espelham os olhos do mundo, pau-brasil e jatobá
És Natal a rainha do litoral, a esperança do farto pescar

Sergipe de Fausto Cardoso de um soneto de amor
De Atalaia a São Cristovão antiga e histórica Capital
A fé em São Francisco e, a alegria do povo do forró
Biguá, acauã e beija-flor enfeitam este estado azul
Venha viver nesta natureza e na metrópole Aracaju

Obrigado meu Deus, meu poeta maior e Criador
Permita-me mais um pedido deste poeta e pecador
Não deixe a seca castigar este povo trabalhador
O Nordeste é poesia, é raça é o DNA deste país
Viva o Nordeste Brasileiro, o cordel da vida feliz!



Irlana Jane Menos da Silva

Professora Doutora, em Ciências da Educação, Doutora Honoris Causa em Educação. Livros organizados no Grupo de Estudos em História, Educação e Gênero (Gepheg), confeitira da ALAFS, CONCLAB/CONINTER, membro do Núcleo de Letras e Artes de Portugal.



SEMENTE

Sê a semente
Que vigora
Nos altos contrastes da vida.
Planta em terreno insólito
Sê a semente que
Vence as barreiras
Da indisposição do solo.
Sê a semente
Que se abre em raízes
Se alimenta do que é preciso
Guarda sua energia
E traça seu caminho
Em folhas que juntas
Se transformam.

Ilzenir Ribeiro Paranhos

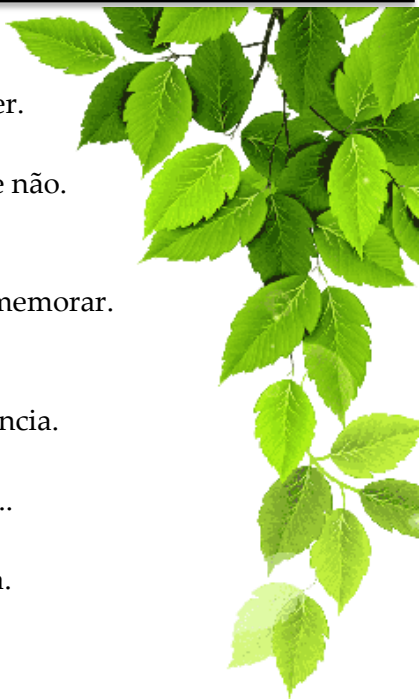
Ilzenir Paranhos é poetisa, atua como professora da rede municipal da cidade de Ubatã/Bahia, Graduada e pós-graduada em Filosofia, cursa especialização em Psicopedagogia. Agraciada com os títulos de Honrável Mestre da Literatura Brasileira e Doutora Honoris Causa em Literatura, 2021 – FEBACLA



O CÓDIGO DE ÉTICA

Irmãs, somos filhas de Deus, Nosso Senhor!
Separadas por nação e não por amor.
Sem rivalidade o mundo tem mais cor.
Vamos lá irmandade...
No pensamento de fé e união.
Juntando as nossas forças
Para o mundo conquistar.
Com sabedoria os sonhos realizar.
E com um só objetivo, juntas caminhar.
Se por acaso uma de nos tropeçar...
Com cuidado, as mãos devemos dá.
Indicando a direção para seguir.
Sem preconceito, discriminação ou segregação.
Aceitando as diferenças.
Sem qualquer indagação.

Não devemos julgar o jeito de cada uma ser.
Precisamos compreender.
Aonde tem o respeito julgamento não cabe não.
Fortalecendo-nos nessa corrente do bem.
Ajudando sempre sem escolher a quem.
Aplaudir cada conquista com alegria e comemorar.
E se por acaso uma de nos precisar.
Todas em defesa batalhar.
Praticando sororidade, empatia e competência.
Não existi sexo frágil.
O código de ética devemos sempre seguir...
Uma por todas e todas por uma.
Sem rivalidade e com união e competência.
Vamos dá as mãos.
Ninguém solta ninguém.
Seguras nessa determinação ...



Iêda Souza

Iêda da Silva Souza, natural de Taquarana-AL, filha de Agricultores: José da Silva Souza e Iracy Maria da Silva Souza. Tinha três irmãos, já eternizados. Participante da I Antologia Taquaranense e da II Antologia Arapiraquense. Professora e Pós-Graduada em Psicopedagogia.



FESTIVIDADES JUNINAS

Festas juninas sempre celebradas.
Não é diferente na pandemia.
Deixam as almas equilibradas.
Trazem cor e autonomia.

Santo Antônio queridíssimo.
Dele ninguém esquece.
Franciscano amadíssimo.
Os corações aquece.

Viva o inesquecível São João.
Primo de Jesus Salvador.
Celebramos com animação,
Manifestando o nosso amor.

São Pedro e São Paulo amados.
Pescadores de peixes e de almas.
Pelo Senhor foram chamados.
Recebam calorosas salvas de palmas.

O nobre povo é real e ativo.
Faz fogueira mesmo de brincadeira.
Seu valioso agir é festivo.
Acende o fogo, mesmo sem madeira.

Dança, balão, milho e chapéu.
Alegria meninos e meninas.
Olhem para o brilho no céu.
Viva as Festividades Juninas!



Iêda Souza

O ABRAÇO

Um presente natural de graça e relevante,
É o profundo aconchegante e encantador abraço.
Fortalece com entusiasmo e nos faz irmos avante.
Florescendo amizades e edificando o fraterno laço.

No decorrer da fluente convivência expressiva
Segue a leveza, após o abraçar que cura.
Manifesta-se o milagre da felicidade compreensiva.
Suavisa as dores sentidas com a força da candura.

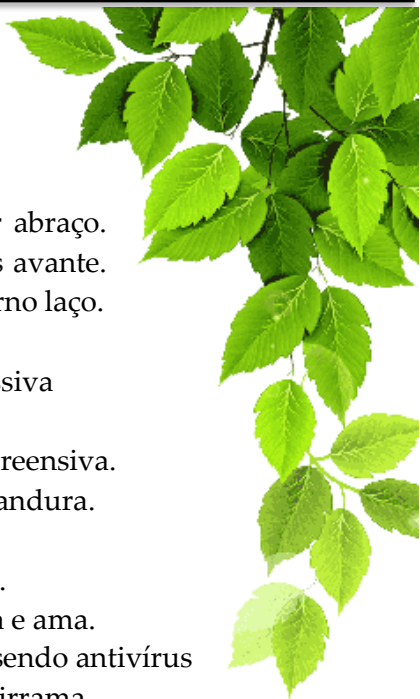
Nessa pandemia por conta do coronavírus.
Não se pode abraçar quem tanto se admira e ama.
O protegido abraço original virou virtual sendo antivírus
O encanto de sua magia a quem se dedica irrama.

Existe uma gama de tipos de abraços.
A exemplificar: Em si mesmo, o distante e o imaginário.

Tudo se faz, afim de não perder os valorosos laços.
Porém, nenhum supre o singelo e doce abraço originário.

Saudade esperançosa do abraço apertado e verdadeiro.
Quiçá brevemente se possa, ainda na vida concretizá-lo.
Deus Pai presenteará com um futuro companheiro.
Assim, com amor o familiar poder abraçá-lo.

Iêda Souza



FORTALECENDO LAÇOS

Dois mil e vinte um
Antologia Fortalezense,
Surgiu do empenho
Do escritor cearense,
Denominado Bandeira
E, não deixa suspense.

Fortalecendo laços
É o nome escolhido
Com sua significância.
Seu sucesso acolhido
Por todos de coração.
Projeto não encolhido.

Escritora Lourdes
Também Organizadora,
Alegra-se com proeza.
A escrita encantadora,
Espalha-se além Brasil
Sendo cultura articuladora.

Fortaleza uma fortaleza.
Obra nascida na capital,
Pioneira e calorosa.
Expansão Nacional.
Expressividade dinâmica,
De cunho Internacional.



Fortalecer laços,
Objetivo profundo
Realizado com ternura.
Literatura ao mundo.
Motivando iniciantes
E veteranos fecundos.

Todos os Escritores
Afloraram inspirações
A partir do Nordeste.
Respeito escritas e canções
Nas terras estrangeiras.
Gratidão aos corações!!!



Iêda Souza

20/06/21

Idenilson de Albuquerque

É Graduado em Matemática pela Universidade Tiradentes e em História pela UFS, Especialista em Gestão de Políticas em Gênero e Raça pela UFS, em Matemática pela Universidade Tiradentes e em Ciências Políticas pela AVM Faculdade Integrada, é estudante de Ciências Contábeis, é Escritor, Autor dos Livros: Política para Salvar o Brasil e O SERTÃO SERGIPANO – Belezas e Contrastes, é membro efetivo da

Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano – ALAS, da Academia Municipalista de Sergipe e da Academia Porto-folhense de Letras, Artes e Cultura - APLAC (em formação) e membro correspondente da Academia Santabrigidense de Letras e Artes - ASLA (em formação), é membro da Comissão organizadora do encontro de escritores Porto-Folhenses e Convidados. Contatos: (79) 99942-8712; idenilsonsoc@gmail.com. Instagram: @idenilsonalbuquerque



PAIXÃO VERSUS RAZÃO E AS CONSEQUÊNCIAS DO VOTO

Caros Amigos e Amigas, a grande maioria dos eleitores brasileiros infelizmente age tomada pela paixão e não pela razão, pois quando isso ocorre conseqüentemente empobrece e enfraquece o nosso sistema político eleitoral e posteriormente os mandatos eletivos.

Vejamos o que acontece principalmente no executivo nas três esferas políticas: municipal, estadual e nacional, onde

geralmente dois grupos polarizam-se entre si, isso por si só já é um feito ruim para a sociedade, pois muitas vezes há nomes e/ou candidaturas melhores que os líderes desses grupos, mas não consegue entrar na disputa com chance efetiva de vencer o pleito eleitoral.

Isso acontece porque não usamos a razão e sim a paixão, nesse caso, ficamos “cegos” ao ponto de não percebermos os defeitos do nosso líder (candidato, detentor de mandato, partido político ou até mesmo de agrupamento partidário), só enxergamos os defeitos do adversário, é mais ou menos assim na polarização política entre dois grupos: os eleitores (torcedores) do grupo 1 ver o seu líder beirando a perfeição e demoniza o outro grupo, já o grupo 2 enxerga da mesma forma do grupo 1, sendo que em favor do seu grupo.

É preciso compreender que a Política não é um clássico de futebol e precisa ser vista como um bem comum (a toda sociedade) e não a fins particulares, é necessário que usemos a razão para avaliar um gestor público ou um candidato, pois um mau gestor prejudica toda sociedade, precisamos conhecer qual a função do cargo que ele ocupa ou pretende ocupar, analisar cuidadosamente: a capacidade, honestidade, cargos públicos que ocupou (se ocupou),... Não sejamos tolerantes aos malfeitores, não vote somente em quem lidera as pesquisas eleitorais ou em um dos dois grupos citados acima se não constar o melhor candidato, não puxe saco, não venda ou troque seu voto, exija seus direitos, vote consciente, pois o seu voto pode melhorar ou arruinar a vida de muita gente, principalmente dos que mais precisam das ações sociais governamentais, pense nisso, pois voto não tem preço, tem consequências.

Itamar Augusto de Barros

Autor e compositor de diversos textos e músicas. Natural da cidade de Encanto no estado de Rio grande do Norte, atualmente residindo em São Paulo.



A VERDADE TUDO VÊ

A verdade que constrói
A mesma que destrói
Destrói quem fere seus preceitos
Para aqueles que não vivem direito
Ela dói

Porém dói pros incorretos
Que erram e acham que estão certos
A verdade e transparência
Presença e coração abertos

Ela é pureza e descanso
Não é dor nem sofrimento
É ver os atos traiçoeiros
Dos que não pensam no momento

A verdade é só verdade
E palavras e explicações
Não é um corpo calado
Com medo de suas ações

Dizem quem cala consente
Se fala mente também
Assim é esse tipo de gente
Que apronta e quer se dar bem

A verdade só se afasta
De quem se afasta dela
Mais depois que ela diz basta
Triste daquele ou daquela.



Janaína Bellé

Janaína Ciquerelo Nascimento
Licenciada em Pedagogia (CESF) e
pós-graduada em Psicopedagogia
(FSG). Vencedora de Concursos
Literários Regionais, é coautora de
Antologias Poéticas Nacionais. É
membro vitalício da AIL e da AILAP.
Publica na Revista Internacional *The
Bard*.



SIMETRIA DO DIÁLOGO

No mundo animal...

O cachorro volta-se para o outro cachorro e diz:

– Você só late.

O gato volta-se para o outro gato e afirma:

– Você só mia.

O pássaro volta-se para o outro pássaro e declara:

– Você só voa.

O peixe volta-se para o outro peixe e critica:

– Você só nada!

O homem que havia observado tudo isso, pensou:

Eu tenho um cão amigo, um gato caçador, um pássaro que
canta na minha janela e, de vez em quando, como peixe.

Só reconhecemos no outro aquilo que conhecemos em nós.

Joecilma Ferreira Dantas de Oliveira

Membro efetiva da Academia de Letras de Patu-RN (APLA). Graduada em LETRAS. Especialista em Linguagem, Educação e Interculturalidade, e entre outros.



A COLHEITA DO AMOR NO MILHARAL

Thaeêmily era uma adolescente alegre e de coração aberto. Também espirituosa, teimosa, e acima de tudo, personalista e graciosa. Ela e Júlio cresceram juntos num casarão, que parecia mais um convento antigo. Enquanto a adolescente rica estudava nas melhores escolas da cidade vizinha, o filho íntegro da serviçal que pertencia a uma família simples estudava em escola pública. Todavia, mediante a diferença social, eles tinham um bom relacionamento.

Certa manhã, Thaeêmilly ao descer as escadas do seu quarto, deparou-se com Júlio sentado no último degrau da escada. Logo que ele a viu, levantou-se, e enquanto ela se aproximava, sorriu entregando-lhe um bilhete, e em seguida saiu rapidamente. Ela fez uma rápida leitura do escrito, em que Júlio pedia-lhe para que o acompanhasse até o milharal. Ainda parada, ela hesitou por alguns instantes, e antes que decidisse

pensou falando consigo mesmo: perdoe-me mãe! Mas, mesmo sem sua permissão hoje sairei de dentro destas velhas paredes, e enfim, conhecerei a famosa floresta de milharal que tantos falam e admiram. Depois, saiu apressadamente ao encontro de Júlio, que já se encontrava a sua espera perto de sua casa.

Thaeêmilly e Júlio caminharam pelos os arredores do Açude que ficava nas redondezas da comunidade Gameleira no Ceará. Um lugar, onde todos que por ali passavam ficavam fascinados e atraídos pelo amplo espaço terral, úmido e fértil, que era acobertado por um manto verde de milharal fechado.

Entretanto, excessivamente impulsionados foram arrastados por uma força estranha que as levaram a adentrar-se naquelas incontáveis fileiras de pés de milho. A dupla admirada e eufórica com tamanho pomar frutífero não percebeu a aproximação de um senhor mal trajado, trazendo sobre seus ombros um pesado saco que os colocou no chão e seguidamente com voz arrastada, perguntou-lhes:

– O que fazem aqui, pombinhos?

Eles temerosos e espantados responderam:

– Estamos contemplando os encantos da natureza.

Pois só perceberam a presença do velho, quando este lhe falou.

No entanto, o homem aproximou-se deles, pegou-lhes suas mãos e colocou-as uma sobre a outra, e disse-lhes:

– Tudo o que Deus Criou, criou por amor. Então, Unem-se um ao outro no amor. Para que vocês ao amanhecer de um novo tempo possam, não tão distante, venham obter frutos extraídos deste vultoso campo abundoso na colheita do amor neste milharal.

Após as palavras fora do normal daquele ser desconhecido, que repentinamente surgiu do nada no milharal, Thaêmily é tomada por uma percepção visionária, em que as imagens ao mesmo tempo são lídimas, e em tempo real ela vê nitidamente um casal andando de mãos dadas em meio aquela ala florestal, e assim, vão avançando e afastando as longas folhagens de milho para que eles pudessem passar e chegar ao destino desejado.

Quando em dado momento eles se entreolhavam e conversavam embreando olho no olho, em que seus corpos se grudavam, seus batimentos cardíacos se aceleravam, e os braços masculinos lhe abraçavam, apertando-a a figura feminina sobre seu tórax, que acariciava-lhe com desejos inefáveis.

Porém, instantes depois, ouviu-se um quebra-quebra no milharal, onde ele a pegou em seus braços e colocou-a sobre as folhas que tinha improvisado para escora e proteção, e em seguida a deitou. Depois se entregaram, unificando-se com amor e por amor um ao outro. Entre os devaneios do irreal para o real, em que ela foi transportada; Thaeêmily se sobressalta-se aos efeitos de sentidos, quando reconhece a moça e o rapaz, isto é, ela e Júlio, e, foi nesse exato momento que a voz de Júlio a despertou do êxtase em que ela se encontrava, chamando-a, trazendo-a de volta a si, que posteriormente perguntou-lhe:

– Júlio, me diga, onde está aquele homem que ao chegarmos, ele falou com a gente?

– Taeêmilly, ele já se foi. Você ficou parada olhando para a criatura, parecia até que estava vendo fantasma e quando

olhei na direção que ele seguiu, simplesmente o indivíduo tinha desaparecido. Por quê?

– Porque precisamos encontrá-lo. Pois quando ele uniu nossas mãos, senti-me como se nós estivéssemos em outro lugar, ou seja, como se ele tivesse me transportado a outro espaço. Então, precisamos verificar, se o que aconteceu nesta manhã foi realmente real.

Os dois começaram a avançar na procura, mas não viram nem sinal do sujeito. Hora depois, eles tropeçaram em algo que lhes chamou atenção, que era muito parecido com o pesado fardo do velho. Imediatamente Thaeêmilly exclamou:

– Júlio! Este é o saco que o velho carregava nos ombros. Veja isto! São livros clássicos, usados.

Thaeêmilly curiosa abre as abas do saco, retira a primeira obra que é o romance “A Moreninha” e em seguida ela começa a folheá-lo, e logo percebeu que na página que antecede a introdução, está uma dedicatória com as iniciais J,M,M. Seu coração disparou, pois essa história era uma das suas favoritas.

E outra vez as imagens cênicas de algumas horas atrás, lhes voltam a permear mentalmente, as lembranças de um trecho marcante da história, em que ela traz a memória em paráfrase. “Que um dia dois corações se encontraram, seus caminhos se separaram, duas vidas se entrelaçaram, mas o mito foi real, que premeditara, e se concretizara unidos no amor para sempre eles ficaram;”

E mais uma vez os pensamentos povoam-lhe e soam-lhe em alto e bom som perguntando-lhe: aonde estaria seu amor? Seria Júlio? Seu corpo logo se contraiu e seu coração reagiu; Foi então que ela entendeu a mensagem predita pelo o homem. Porém, ela continuou passando as páginas, quando em uma

delas encontrou um envelope. Assim, ela continuou curiosa e ansiosa, agilmente ela abriu aquele ofício que dizia-lhe:

– Esse é um tesouro literário que tem sido conservado por vários anos, e agora essa missão não me é mais possível. Todavia, vocês acabam de encontrá-los, leia-os, reflita-os e conservem; para que em momentos precisos possam multiplicar os frutos que vocês colherão em um outro período. Em seguida Thaeêmilly fechou o livro e falou:

– Júlio me ajude, precisamos levar esse tesouro para casa, sem que a mamãe perceba.

Os dois se viraram abaixando-se ao mesmo tempo, e sem querer suas mãos se tocaram, eles se encararam, seus corpos como ima se grudaram, as carícias se alongaram, suas bocas se encontraram e com sussurros se declaravam e com beijos ardentes de amor, que por fim, o selaram.

Subsequente, Thaeêmilly falou-lhe:

– Júlio! Mediante a esse percurso de procura, é notável que esse homem desconhecido, é um ser sobrenatural. Pois, vejamos o que aconteceu: Ele premeditou a unificação do nosso amor e nos presenteou com frutos extraídos dessa premeditação, que ele parafraseou trazendo-nos daquele momento, em que ele uniu nossas mãos e disse-nos:

– Para que em um outro tempo não muito distante, fossemos colhidos como frutos germinados daquele amor que nasceu dentre a colheita do amor no milharal.

– Contudo Júlio, que vemos, ouvimos, e vivemos será um segredo só nosso. Agora temos que voltar para casa, pois minha mãe já deve ter percebido nossa ausência. Então, é melhor nos preparar para o sermão que ela vai nos dar. Quanto

ao nosso precioso tesouro literário, vamos guardá-lo no armazém onde fica toda a troçada.

Antes de chegarem ao velho casarão eles se despediram com beijos. Júlio seguiu para sua casa que ficava ao lado do casarão da família Alcântara. Consequentemente Thaeêmilly chegou, entrou e abriu o portão sutilmente sem ser vista. Porém, após ela entrar no quarto, escuta a voz de mãe lhe chamando.

– Taeêmilly, aonde a senhorita esteve durante toda manhã?

A mãe dela logo respondeu sem deixar-lhe explicar:

– Já sei, saiu com o filho da empregada.

Quando, de repente a mãe dela avançou bruscamente na sua direção e tacou-lhe uma tapa na cara, e disse-lhe:

– Olhe aqui garota, e escute bem! Você está proibida de sair com ele ou com qualquer outro, entendeu bem o que eu lhe disse? Daqui, você só poderá sair para escola. Para outros eventos ou lugares, só com minha permissão. E a partir deste momento, você está suspensa de qualquer saída, a não ser, que seja para escola.

Foi então, que surgiu uma ideia. Sair sorrateiramente pela porta da cozinha e subi a escada que dava para caixa d'água. Pois de lá dava para chegar até a janela do quarto de Thaeêmilly. E ao me aproximar, ouvia-se ela resmungando:

– Se mãe pensa que vai me prender neste mausoléu, está muito enganada.

Assim, resolvi chamar sua atenção. Tirei meu anel do dedo e joguei em sua direção; rapidamente ela veio ao meu encontro e disse-me:

– Cuidado Tereza, a mamãe está vindo!

Eu me encolhi toda entre as galhas do pé de castanhola. Pois neste exato momento ela passou gritando pelo meu nome para que fosse servir o almoço. Mas antes de descer lhe perguntei a Thaeêmilly o que tinha acontecido? Então, ela relatou:

Após o almoço e arrumação da cozinha, ela me procurou e comentou:

– Preciso urgentemente sair desta casa. Lembrando Teresa que até o final de semana, passarei a obter a maior idade. Daí já posso tomar minhas próprias decisões. Pois já não suporto mais esse aprisionamento!

– Thaeêmilly pode contar com minha ajuda.

– Então, venha comigo e ajude-me a fazer as malas.

Sáimos dali e subimos para o seu quarto. Em seguida ela começou arrumar suas coisas, e falou-me:

– Teresa, nós temos que aproveitar o momento que mamãe dorme o sono do meio-dia.

Thaeêmilly foi rápida na sua arrumação. No entanto, tinha que decidir para onde ir. De repente ela lembrou-se de sua madrinha, que há alguns meses tinha perdido seu companheiro, ou seja, seu padrinho. Depois ligou para ela falando da sua decisão, que prontamente prazerosa, aceitou. Contudo, teria que pegar o seu tesouro. Depois de tudo pronto, desceram as escadas em total silêncio, passaram no velho quarto, onde estava o pesado saco do seu patrimônio literário, e depois seguiram para o ponto de ônibus.

Thaeêmilly se despediu e pediu para que só contasse para Júlio depois que ela se fosse, e que, também cuidasse de sua mãe. Mas, eu precisava falar com Júlio antes que ela

partisse. Entretanto, resolvi passar em casa para contar sobre a decisão de Thaeêmilly. E Assim que ele soube, suplicou-me:

– Mãe preciso juntar-me a ela! Arranje-me suas economias, para que eu possa ir com Thaeêmilly! Prometo que vou trabalhar e depois te devolvo.

– Neste instante, meu coração de mãe se derramou em lágrimas e disse-lhe: Corra filho arrume sua bolsa, pegue este dinheiro, não é muito, mas dará para você se manter enquanto consegue um emprego. Depois abraçou e o beijou, desejando-lhe bons momentos. Então filho, apresse-se! Pegue sua bolsa que eu vou lhe deixar na parada.

Rapidamente Júlio preparou-se, pegou suas coisas e seguiu ao encontro de Thaeêmilly. Todavia, ela estava sentada num banco de cabeça baixa, quando Júlio colocou sua mão sobre seu ombro, a qual, ela se assustou, e Júlio logo perguntou-lhe:

– Me leva com Você?

– Ela sobressaltou-se com a surpresa, levantou-se de uma só vez e pulou em seus braços respondendo-lhe feliz, gritava e beijava, dizendo-lhe: sim, sim, sim, Júlio.

Foi então, que o som da buzina do ônibus lembrou-me que havia chegado a hora da partida de Taeêmilly e Júlio, e que também era hora de voltar ao casarão para contar os fatos que tinha acontecido naquela manhã e tarde. Portanto, foi uma tarefa difícil, mas, cumpri com o que prometi. Porém a mãe de Thaeêmilly sentiu-se traída, mas depois a perdoou e os abençoou.

Jilberto Rodrigues de Oliveira

Formado em Letras (Português) pela UFS e Pós-Graduado em Linguística do Texto pela UFRJ, é professor aposentado da Rede Estadual de Ensino, atuou em Regência de Classe por 26 anos e exerceu o cargo de Coordenador Pedagógico durante 3 anos e 8 meses no Colégio Estadual José Joaquim Cardoso em Malhador, Sergipe.



O HOMEM DA TORRE

Ao entrar no banheiro, escorregou e bateu a cabeça contra a parede. Passou alguns segundos fora de si. Quando acordou, não dizia coisa com coisa. Durante o café, revelou à família uma decisão que acabara de tomar: não compraria mais a fazenda às margens do Velho Chico como já havia apalavrado, mas gastaria todas as economias na construção de uma enorme torre. Isso mesmo. Uma torre bem alta. De onde se contemplasse toda a cidade e região.

No momento, mulher e filhos não levaram a sério a ideia maluca da construção por acharem que aquilo era a reação normal de uma pessoa que acabara de sofrer uma pancada na cabeça, no entanto, julgaram conveniente encaminhá-lo a um médico.

Depois de examinado, tomou todos os remédios e guardou repouso absoluto. Voltou à vida normal e já não falava mais na compra da fazenda nem na construção da torre até que viu na televisão uma reportagem sobre Paris em que foram exibidos os pontos turísticos daquela cidade, pois era o ano da França no Brasil. De repente, pôs-se a gritar no meio da sala: “A torre! A torre! Cadê a planta da minha torre? Eu quero a minha torre!”

E daquele momento em diante, não deixou mais ninguém em paz. Não falava em outra coisa que não fosse da maldita da torre.

Normalmente era sisudo, muito introvertido, porém, de forma estranha, tornou-se grande comunicador. Com a planta na mão, foi à praça e lá montou um palanque. Era dia de feira e, em poucos minutos, já estava rodeado de várias pessoas que o aplaudiam freneticamente. Fim do discurso: uma multidão formada de gente dos quatro cantos da cidade havia se inscrito para trabalhar na construção do edifício.

Supostamente o problema da mão de obra estava resolvido, mas restavam dois a serem solucionados: o local para a construção e o tipo de material a ser escolhido estava indefinido_entre madeira ou alvenaria. Numa reunião com o prefeito, ficou decidido: a grande torre seria erguida num lugar amplo e vistoso em que pudesse ser contemplada por todas as pessoas e de todos os lugares do município: na Praça 15 de Novembro, bem no centro, onde há um obelisco.

Quanto ao material a ser usado, decidiu-se que a maior parte seria de madeira, em oposição ao ferro, usado na Torre Eiffel; concreto, só na base, para dar melhor sustentação.

Os dias que se seguiram foram de um movimento jamais visto na cidade. Caminhões carregados transportavam tudo o que era necessário para a obra. A pequena cidade viveu um frenesi de formigueiro em noite enluarada. Os mais jovens viam com esperança o projeto ir à frente e muitos enxergavam inúmeros empregos que seriam criados com a construção da torre porque atrairia turistas de todos os cantos do país. Já os mais velhos, olhavam com desconfiança o empreendimento e achavam que não daria em nada. Que aquilo não passava de uma maluquice de um arrogante aventureiro.

De fato o comércio local se preparou para atender em tudo o que fosse necessário para a construção do monumento do século. Mas as expectativas dos comerciantes foram frustradas quando o encarregado da obra divulgou, através de uma nota à imprensa, que todo o material e o pessoal especializado seriam de fora, principalmente da capital ou do município vizinho. Do local, somente seria usado o mínimo da população, apenas algumas pessoas que pegariam pesado, carregando pedras, madeiras ou carrinhos cheios de areia. Aqueles que procuravam um servicinho mais leve, o mestre de obras logo dizia: “O serviço mais suave que temos aqui é o de cavar buraco! É pegar ou largar!” Como a maioria não tinha outra forma de ganhar o pão, submetia-se à tarefa, mas a insatisfação era geral.

O primeiro mês da obra transcorreu de forma truculenta. Este fato trouxe a televisão para mostrar as irregularidades; depois, os órgãos responsáveis da construção civil. Houve tentativa de embargo, todavia o Homem era forte e influente. Melhorou um pouquinho nas condições de

trabalho, no entanto, aumentaram-se as cobranças por parte dos mestres e contramestres.

Dois meses após o início da obra, grande parte da população local que trabalhava, já havia sido demitida. Fora substituída por trabalhadores de outros lugares.

Enquanto isso, o grande esqueleto de madeira subia em direção às nuvens, desafiando até as torres da igreja que pareciam anãs aos pés dele. Pessoas que não eram simpáticas à obra evitavam passar próximo e quando passavam, cuspiam, esconjuravam e rogavam até praga para que ela desabasse sobre a cabeça do seu idealizador.

Após seis meses de trabalho intenso, dividido em dois turnos, finalmente, a torre ficou pronta.

Antes da inauguração, o Homem mandou colocar no alto do edifício uma cadeira à semelhança de um trono. As pessoas questionavam para que objetivo, mas só ficaram sabendo no dia da cerimônia quando ele sentou-se sobre o luxuoso assento e discursou lá de cima.

O discurso dividiu as opiniões: os que eram a favor ao maluco e as ideias dele o aplaudiram calorosamente; porém, uns que eram contrários, vaiaram e disseram palavras ofensivas contra a torre e seu dono.

Certo dia ele subiu ao topo e, lá de cima, contemplou tudo o que estava à sua volta. Ficou inebriado com o que viu e desceu com o comportamento e semblante alterados. Depois do almoço, foi à capital onde encomendou uma coroa e um manto de rei, bem vermelho, da cor de sangue. Assim que recebeu as encomendas, paramentou-se todo e voltou à torre. O fato chamou à atenção dos parentes e, principalmente, dos estranhos que o viam subir e descer todos os dias ao trono.

O pior estava por acontecer. Naquela manhã, segunda-feira, a praça estava repleta de gente do município e de outros lugares. Todos queriam ver de perto o Homem e a famosa torre. Umas dez horas, com o sol brilhando intensamente, um suspense entre a multidão: dali a poucos minutos, ele faria um pronunciamento.

Quando o serviço de som da torre foi ligado, apareceu o Homem em trajes reais. Acenou para o povo e pediu que fizesse silêncio, em seguida, leu o seu primeiro e último decreto: “A partir daquela data, todo cidadão da cidade ou de outro lugar que o visitasse estaria obrigado a subir até ao trono dele e, lá, que se inclinasse em reverência e beijasse-lhe os pés”. Caso contrário, receberia uma punição.

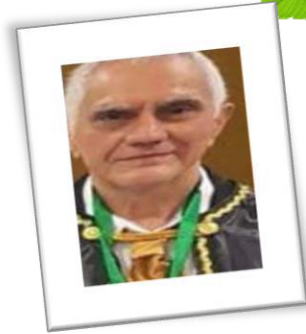
A revolta embaixo foi geral. Houve assobios, gritos, palavrões e até tentativa de depredação da grande torre com o dono sentado no topo dela. Chamaram a polícia. Esta veio e não mediu esforços para conter os ânimos do povo e, por fim, tirar o “rei” a salvo, pois queriam linchá-lo. Controlada a confusão, a multidão foi dispersa e o “rei”, sob proteção policial, trancado em casa.

Na calada da noite, vieram alguns inconformados, puseram madeira no pé da torre, borrifaram gasolina e atearam-lhe fogo. A madrugada chegou iluminada pelas chamas e o sol não apareceu na manhã seguinte porque a fumaça escureceu o céu. E o “reizinho” teve de sair da cidade em um carro branco que continha um nome escrito em letras graúdas: MANICÔMIO.

José Maria Rodrigues

Nasceu em Amarante/MA, em 1942, mas mora em Manaus/AM desde 1985. Casado e pai de três filhos. Desde criança que é apaixonado pela arte das palavras escritas, por música em especial pela poesia de cordel e o repente. Gosto esse que adquiriu desde criança, graças às andanças com um tio repentista que fazia pequenas apresentações e levava o sobrinho, escondido dos pais, para ajudá-lo.

Hoje 79 anos, já escreveu mais de cem poesias. Através de sua concunhada, Tania M^a Costa, professora, também apaixonada por poesia. Em 2017, foi empossado membro da ABEPPA (Associação Brasileira de Escritores Pan-Amazônicos, através de sua concunhada ele realizou os dois maiores sonho os da vida, foi entrevistado, participou de uma reportagem na TV, no programa Paneiro, para falar de vida e de sua produção literária.



EU ANDANDO NA FLORESTA

Eu andando na floresta
Vi uma árvore chorando
Então eu lhe perguntei:
Por que tá se reclamando
Ela disse e o motosserra
Que vem se aproximando.

Eu voltei a perguntar:
Por que isso tá se dando?
Ela disse: - meu amigo
Esse mundo tá mudando;
Tão devorando a Amazônia
E as matas se acabando.

Eu já tenho nesse mundo
Mais de cem anos vivido
Eu vi muito tempo bom
Quando o campo era florido
Tudo isso se acabando
Pelo fogo consumido.

O machado e motosserra:
Dois vilões da perdição,
Destruindo a Amazônia
Sem a menor compaixão;
Atrás disso tem o homem
Sem amor no coração.

Eu falei pra essa árvore:
Não queira se arrepender
Quem vai o campo da luta
Perde o medo de morrer;
Aproveite enquanto pode,
Na vida sobreviver!

A árvore falou: - Amigo,
Vejo tudo acontecendo
Nossos rios estão secando
Os peixes ali morrendo
A floresta destruída
Nossos animais sofrendo.

Ali eu fiquei pensando
Naquele grande horror
A Amazônia reclamando
Sentindo uma grande dor
Tudo isso vem o homem
Como um destruidor.

Se a Amazônia reclama
Ela tem toda razão
Os animais sufocado
No meio da confusão.
O fogo queimando tudo
Na maior destruição.

A floresta é uma mãe
De grande capacidade
Se você não acredita
Eu tô falando a verdade,
Ela acaba o gás carbônico
Que polui a humanidade.

Eu parei aqui falando
Com a árvore da floresta
Precisamos cuidar dela
O pouco que ainda resta;
Todo animal agradece
Fazendo uma grande festa.

José Edson Cavalcante da Silva

Professor (Matemática, Física e Astronomia). Poeta. Escritor. Músico. Radialista. Membro efetivo da Academia Arapiraquense de Letras e Arte. Membro fundador da União Brasileira de Escritor (Núcleo Arapiraca). Sócio proprietário da Editora Performance.



ACRÓSTICO DE SÃO JOÃO

F – Fazendas enfeitadas, fogueiras acesas.

E – Era assim que festejávamos o São João lá na roça.

S – Saudades do sanfoneiro e do fogaréu alado.

T – Tanta fumaça nos olhos, anarriê sim sinhô.

A – Até nem dava pra ver os olhos do meu amor.

D – Deitado em uma rede, assando milho, pulando brasa.

E – Eita! De compadre e comadre a festa ficava cheia.

S – Sai pra roda, chama a dama pra dançar.

Ã – Ah! E o perfume exalando! Tudo começa a esquentar.

O – Olha, não é a fogueira não, é o fogo da paixão.

J – Joga o chapéu, cavalheiro. Sacode a saia, menina.

O – Olha só quem está chegando, sorratamente linda.

Ã – ão de falar: Quem é esta que parece uma boneca?

O – Oxente, camarada! Não mete o bico no meio....

Essa bonequinha é minha! **E. Cavalcante**

Janeville Feitosa Caneca Ferst

Jane Caneca, pernambucana, residente em Fortaleza, professora e psicopedagoga, com especialização em artes, contadora de histórias e escritora. Tem 16 livros infantis publicados. Participou de diversas antologias de poemas e contos. É membro da ACE, AVLPL, AIML, embaixadora LIB de Fortaleza e madrinha da AABLA.



MINHA AMADA CIDADE

Não é nenhum segredo o quanto eu amo Fortaleza. Nascida em Recife, vim pela primeira vez com meu querido pai, então gerente do BNB, que dava cursos nas agências do banco, localizadas em diferentes cidades nordestinas. Foi daí, que conheci Fortaleza e que começou minha paixão pela Terra do Sol e da Luz. A sensação inconfundível de sentir novos gostos e cheiros, eu levava na minha saudade de criança, nas idas e vindas com meu pai.

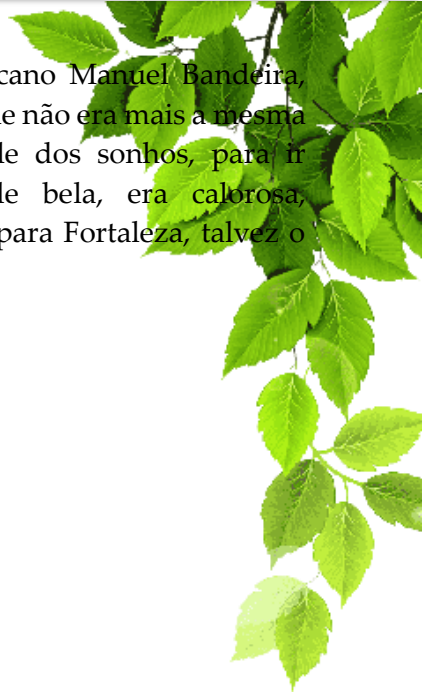
Na década de 60, viemos de Campina Grande, na Paraíba, onde estávamos morando, para Juazeiro do Norte, no Ceará. Foi onde passei o restante de minha adolescência e onde meu pai fez sua última morada. Após essa perda, em 1975, minha mãe decidiu morar em Fortaleza. Jovem, totalmente encantada com a descoberta de cores e amores, um dia fui pedida em casamento por um caminhoneiro gaúcho, que aqui conheci. E, então, quando me dei conta, estava casada, com uma filha pequena, mudando para a cidade serrana de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul.

No entanto, segui a vida sonhando em voltar. Queria fugir do frio das serras gaúchas e de novo morar onde o sol predominava o ano todo. Depois de uma ausência de anos vividos fora, retornamos à Fortaleza, só quando minha filha mais velha já estava casada e morando em Curitiba, no Paraná. Voltei com meu esposo do Rio Grande do Sul, na boleia de um caminhão baú, junto com os dois filhos mais novos.

Quando vi as primeiras luzes da cidade, despontarem no horizonte, tive a mesma sensação que tinha na infância, de voltar ao lar. Não fiquem chateados comigo, meus queridos conterrâneos pernambucanos, mas o coração bate mais forte pelo meu Ceará. Já peço desculpa pela intimidade do "meu". Mas o querer é tanto, que fico à vontade em usar esse pronome possessivo. Ah, minha Fortaleza com suas belas praias e seus pontos turísticos convidativos. Sua arte, seus mestres do riso, Renato Aragão, Chico Anysio e Tom Cavalcante; o poeta marginal Mário Gomes; os romancistas José Alencar e Rachel de Queiroz; o pai da literatura infantil cearense Horácio Dídimo, dentre tantos outros, que ressignificaram sua terra natal e a projetaram pelo Brasil afora.

Aqui, eu também, me reconheci artista, após ficar viúva. Escrevo, amorosamente, histórias infantis para as crianças, desde quando dei aulas em escolas municipais. Além disso, fui convertida pela própria cidade, a também me tornar poetisa, ao decantar toda sua beleza natural. Então, minha paixão por ela só aumentou, como podem imaginar. Há mais de 20 anos aqui estou. Meu olhar sobre a cidade, num suspiro poético, quando a noite troca o sol pela lua, inspira minha escrita. Minhas lembranças, meus sentimentos, minha sensibilidade de mulher, fincaram aqui suas raízes para sempre. É onde me sinto em casa, me sinto feliz e só deixarei Fortaleza quando, enfim, Deus me chamar.

Meu conterrâneo, o poeta pernambucano Manuel Bandeira, quando se desencantou com sua Recife, que não era mais a mesma da infância ali vivida, criou uma cidade dos sonhos, para ir embora, chamada Pasárgada. Além de bela, era calorosa, hospitaleira e amorosa. Se tivesse vindo para Fortaleza, talvez o título do seu famoso poema fosse outro.



João do Perpétuo Socorro

Nascido em Jaboticatubas MG aos 23 de novembro de 1969 Poeta popular autor do livro caipira nato (filosofia do cerrado)



RECEPÇÃO DE UM SERTANEJO:

Seja bem vindo nessa casa de caboclo
Sente aí nesse toco
Pra gente prozear
Vou pegar um cafezinho
E um gole do leitinho
Que acabei de tirar
Tem biscoitos de polvilho ,
Também pão de milho ,
E uma broa de fubá...

Pode ficar à vontade
Pra matar a saudade
À viola vou pegar
Pra gente tocar umas modas
Se a saudade incomoda
Ela vamos espantar
Aqui não se canta sozinho
Tem coral de passarinhos

Com a gente à duetar...
Agora vamos no pomar
Uma fruta vamos pegar
Pra adoçar nossa proza
Tem caju,abil,mangaba
Laranja ,lichia, jabuticaba
Todas frutas bem gostosas
Mamão, maracujá
Cana boa pra chupar
E uvas bem saborosas...

Chegou a hora do almoço
Vamos degustar seu moço
Uma pinga pura ou com Sucupira
Angu,arroz e feijão
Costelinha de leitão
Quiabo e frango caipira
A sobremesa é segura
Farinha com rapadura
Lembrando o tempo de catira...

Aí, se quiser descansar
Basta na rede deitar
De barulho só a passarada
O inhambu, sabiá,
Bemtivi à gorjear
Lá no meio da palhada
Também canarinho chapinha
Duetando com o coleirinha
Não se houve mais nada...



Agora que rompeu o dia
Agradeço sua companhia
Mas, se quiser pernoitar
Vou ajeitar um colchão
Estender ali no chão
Pra você repousar
A casa é de pobre
Mas o coração é nobre
Enquanto quiser pode ficar!

João do Perpétuo Socorro



José Lopes Lisboa

"Zezinho" filho de Elias Natanael Lisboa e Ruthe Alves Lisboa Nasceu dia 11/09/1947: em Monte Carmelo município de Alto rio Novo Espírito Santo. Casado com Tereza do Prado Lisboa temos duas filhas e um filho. 6 netas e 2 netos. Moro na rua Leopoldo miguez 22 bairro estrela dalva: CEP 30570630. Belo Horizonte capital de Minas Gerais.



....."NOSSO MUNDO, VISTO POR UM LEIGO: E MAIS OU MENOS ASSIM."

.....

Nosso mundo é tão belo
desde a sua criação,
quando Deus fez o mundo do nada
dando origem a todos e todas
sem nenhuma gestação,
e assim chegaram as primeiras gerações,
foi criado Adão e Eva,
para nós um grande mistério;
muito além da nossa imaginação;
para Deus uma simples operação

.....

Deus e perfeito em tudo que faz,
deu a origem a todas as coisas,
muitos imitam, mas igual ninguém faz,
criou os anjos no céu, entre eles:
um se rebelou, Lúcifer;
com muitos nomes por traz,
uns mais temíveis; mas é tradicionalmente
conhecido por satanáas.

.....

Os planos de Deus,
já mais irá mudar,
desde a fundação
ele tinha um plano
para o homem se salvar,
foi dando corda ao homem
para ver ate aonde ele iria chegar,
assim como por um homem
entrou o pecado no mundo,
um homem também iria resgatar.

.....

No princípio foi assim Deus fez tudo;
do nada, e afirmava que não teria fim,
E deu o livre arbítrio, podemos nascer
crescer e viver à vontade,
mas quando deixamos
essa vida teremos
que dar conta na eternidade,
pode acreditar: que será,
para ele, para ela, para você e para mim.

.....



Esses versos ai está,
não é para encabular,
nosso universo e infinito,
não tem muito que explicar,
a ciência procura sempre
os mistérios desvendar,
muitas vezes dão tapas no escuro,
porque os mistérios vem
para nossa mente trabalhar,
os filósofos tem uma linha a seguir
os teólogos também
os cristão tem o manual,
é: a Bíblia sagrada toda casa tem.

.....

A bíblia é um tesouro,
quase todos tem em mãos,
mas sem ler: é um livro comum,
numa casa, barraco ou mansão,
que faz parte de outros
numa bela estante uma linda coleção,
ou solitário em caixote,
ou em canto no chão,
os ensinamentos continuaram
dentro dela, mas longe do nosso coração.

Belo Horizonte: 18/05/2.021: **Jose Lopes Lisboa.**



Jose Alfredo Evangelista

Jornalista, escritor/poeta, teólogo, Subtenente do Exército Brasileiro, e, Comendador. Dentre seus “vinte e dois títulos publicados”, seus estilos são jornalísticos, teológicos e românticos/sociais. “JORNALISMO EMVERSOS” (estilo jornalístico); “POEMAS DA ALMA” (teológico); “LITERATURA CRÔNICA”, e, “CONTOS E CAUSOS DA CASERNA”, mostram bem as características da sua produção literária!



“FORTALECENDO LAÇOS” – UMA ANTOLOGIA

Num grande encontro, escritores/poetas
Fortalecem laços literários num mergulho
À literatura e amizade profundas às letras!
Como borboletas esvoaçantes em perfumado
Jardim sugam néctares floridos em poemas
Resolvendo seus teoremas apontando para

Soluções de amor, alegrias e idiossincrasias
Com o desnudar do conhecimento e do saber
Virando as páginas da cultura no conhecer!

“I ANTOLOGIA E ENCONTRO FORTALEZENSE”

Encontram-se num enlace literato
Desiderato desejo de partilha ombreando
Nos versos, infinito universo em poesias
Como agentes de suas próprias histórias!

Antologias em poesias... Imerso nas alegrias
E, na satisfação de um profícuo encontro,
Entre a arte de escrever, e, a unção do coração!
Grande momento nos laços de união.
A bela e hospitaleira Fortaleza, como princesa
Dos mares do Norte, acolhe o evento poético
De aporte, e, suporte cultural Cearense...
Terra do Nordeste ardente de paixões candentes!
Fulgurante evento norteia a glória de escritores
Transmissores da magia poética em suas penas,
Nas cenas de um teatro como atores
De diversos matizes e vetores.



José Barros dos Anjos

Professor, escritor, consultor educacional. Mestre em Educação. Especialista em Gestão Escolar e também em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa. Licenciado em Letras/Português-Espanhol. Graduado em Pedagogia. Acadêmico do Curso Bacharel em Direito. Docente do quadro de servidores efetivos do ente federativo de Santa Rosa de Lima e de Divina Pastora-SE. Membro fundador da Academia Municipalista de Sergipe e da Academia Internacional de Literatura e Artes.



SÓ OFERECEMOS O TEMOS

É muito comum projetamos no outro a nossa imagem, o que somos o que pensamos, mas só oferecemos o que temos. Não espere gratidão de quem não tem gratidão, não exija gentileza de quem não sabe o significado desta nobre palavra, não busque civilidade e elegância de alguém não pode oferecer, cada um de nós só dar o que tem dentro si. É importante não mendigar atenção de quem nos ignora, não desperdiçar o nosso preciso tempo por quem não nos merece; não tente valorizar quem despreza os nossos sentimentos.

Cada pessoa que cruza o nosso caminho leva um pouco de nós e deixa um pouco si em nós. O nosso percurso de vida é marcado por gestos de carinho, sorrisos, atos de bondade, quando não, palavras que tornam o nosso dia lindo. Mas não espere reciprocidade de quem não sabe ser recíproco. Sem dúvidas, há

quem dê valor a uma simples breve atenção devida, agradecendo por essa sutileza, por outro lado, percebe-se que a força primitiva do homem da caverna resiste ao tempo. Ora, vivemos em um mundo onde é explícita a selvageria de muitos seres humanos, cujo baixo grau de evolução comportamental deixa claro, não espere receber flores de quem não tem flores para dar.

Não importa o tempo que cada pessoa permanece no palco da sala de nossas vidas, devemos aproveitar o momento e oferecer o que existe de melhor e de belo em nós. Há quem fique apenas cinco minutos, outras podem até durar horas, existem aquelas que ficam ao nosso lado por longos anos, quando não, partem para sempre deixando-nos doces saudades, há quem não nos abandone, mesmo distante permanece bem pertinho de nossos corações.

Então, é nas relações humanas que tudo acontece, nos autodescobrimos, aprendemos a ser gente, evoluir-se enquanto pessoa, mas não espere amor de quem não tem amor para dar, não exija respeito de quem não sabe respeitar, nessa longa caminhada da vida cada de nós só dar o tem dentro si.

Josefa Lizete Pinheiro dos Santos

Sou natural de Alagoas, e atualmente resido em Santa Catarina com meu marido e filhos. A poesia, para mim, expressa os sentimentos, descreve as emoções, as ideias surgem e florescem os campos da imaginação.



O BRILHO DE UMA ESTRELA

Sou natural de Alagoas, e atualmente resido em Santa Catarina com meu marido e filhos. A poesia, para mim, expressa os sentimentos, descreve as emoções, as ideias surgem e florescem os campos da imaginação.

I Antologia e Encontro Fortalezense
de Escritores & Convidados
“Fortalecendo Laços”

[2]X
Sei que não sou poeta
Isso não posso negar
Mas nesse singelo gesto
Estes versos quero te dedicar.

No final de um belo dia
Parei para descansar
E naquele meio tempo
Encontrava-me a sonhar.

Naquele sonho eu via
Uma estrela a brilhar
E logo me perguntei
Que nome poderia dar.

Então olhei para o céu
E vi a estrela-guia
Assim me decidi
Mary ela se chamaria.

[2]X

E do seu lado eu via
Núvens negras a se aconchegar
E o desejo delas
Era seu brilho apagar.

Ainda que muito quisessem
Não havia com o que se preocupar
Pois assim como a estrela-guia
Seu brilho sempre existiria.



José Ignacio Ribeiro Marinho

Natural de Itaperuna/RJ, mas radicado em São José de Ubá/RJ. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Especialista em Letras. Graduado em Biblioteconomia, Letras (Português-Inglês) e Pedagogia. Professor de Português em Cambuci/RJ e em Itaperuna/RJ. Tutor Presencial no Curso de Letras, da Universidade Federal Fluminense



TEMPO DE BONANÇA

Depois do choro engravatado ao redor da garganta por diversos meses

Depois de mamãe me cobrir à noite com seu amor e com o cobertor
Depois de papai me acordar, ao raiar do dia, com o café pronto,
rumo à labuta cotidiana

Depois de tanto desejo e de tanta súplica às estâncias celestiais

O mês azul (abril) veio à tona

É tempo da delicadeza prototípica das lobélias de minha infância,
ornamentando a escada de pedra de minha bisavó

É tempo de bebericar água-doce em caneca esmaltada, de comer
bolinho de chuva da avó

É tempo de andar pelos jardins da memória de mãos dadas com
Cristo

É tempo de manter a chama do candelabro acesa

Indomáveis e velozes, ventos do norte e do sul surgirão por
debaixo das portas, por cima das janelas e por entre as frestas dos
telhados dos templos, a fim de apagar nossas chamas

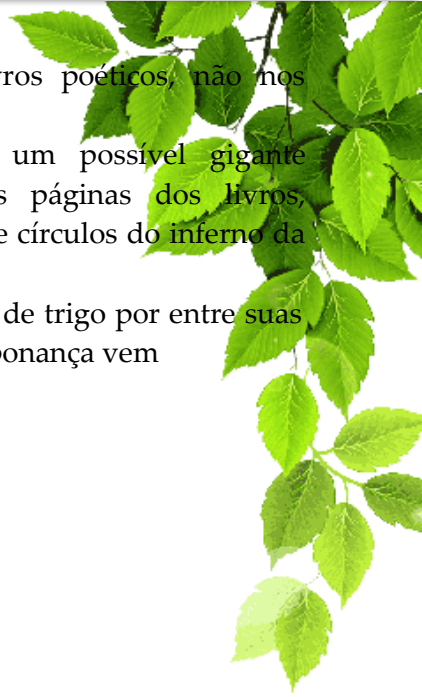
Nesses tempos, creio piamente nos livros poéticos, não nos apocalípticos

Mesmo que a distopia, assim como um possível gigante adormecido, erga voo para além das páginas dos livros, convertendo-se, paulatinamente, nos nove círculos do inferno da “Divina Comédia”, de Dante Alighieri

Sei, como uma criança que tem sementes de trigo por entre suas frágeis mãos em concha, que o tempo da bonança vem

É tudo uma questão de tempo

Mas vem



Larissa de Resende Freitas

Larissa de Resende Freitas é natural de Juiz de Fora, Minas Gerais, formada em Pedagogia e Psicopedagogia.



FRAGMENTADAS

Fragmentada Minha dor se tornou um dos mais belos espetáculos vistos por mim. A partir do momento em que aceitei e permiti que cada parte fragmentada se dissipasse para que outras novas surgissem para me reconstruir.

Foi preciso ter o conhecimento de quem Eu era e buscar entender quem Eu gostaria de Ser. Iluminar-me não foi tarefa fácil, foi necessário atravessar a escuridão, saber sobre quais eram os efeitos que ela projetava em minha vida.

Aprendi a não ter medo da mudança, deixei uma parte minha ir junto a minha dor, para que a outra chegasse com mais amor, com mais leveza, com mais energia, com mais luz, para que pudesse alcançar um dia a plenitude.

Parei de me comparar com as outras pessoas, aprendi a ser dócil comigo, permiti meu coração dançar com o amor, senti a beleza de ser quem eu era, libertei-me de padrões que além de me castigar me aprisionavam me impediam de criar novos movimentos, pois só vinham a reforçar dentro de mim as velhas e arraigadas crenças limitantes.

Reinventar-me não foi tarefa fácil, mas não foi impossível.

Luzinete Fontenele

Nasceu em Piracuruca-PI, no ano em que aconteceu o golpe militar no Brasil e faz aniversário no dia dedicado ao samba. Professora, é bibliotecária e mãe do Igor e do Yuri.

Escreve cordéis e contos e não gosta de ir sozinha ao cinema. Adora longas conversas. Escreve sobre o que acredita e gosta, e gosta desconfiando de muitas coisas.

ARRETADA

Quando acordei para vida
Ocupei minha cama
Aprendi dormir sozinha
Não quis mais saber de drama
Não me importei com a idade
Ou tampouco manter a fama

Não precisa outra pessoa
Para te acender a chama
Gosto mais de mim, assim
Mulher plena que se ama
Que para a vida se basta

E de ninguém mais reclama



Quando acordei para vida
Fui ouvir meu coração
P'ra fazer o que mais gosto
A não dar explicação
Pois se pago minhas contas
Não preciso aprovação
Daí que eu me acostumei
Ver meu filme favorito
Poder comer meia noite
Sem temer qualquer atrito
Cantar/dançar em voz alta
Dominando meu distrito

Quando acordei para vida
Foi que eu pude receber
Uma chamada qualquer
No celular atender
Apreciar a mensagem
Sem medo de te ofender

Um “rolê” com os amigos
Viajar, conhecer o mundo
Demorar a me arrumar
Entender que eu me confundo
Te fazendo esperar
Mais tempo que um segundo



Quando acordei para vida
Orgulhosa, mais segura
Me senti outra mulher
Mais amada, mais madura
Não senti medo de nada
Tirei rótulo de candura

Que você goste de mim
Sem pudor ou sem besteira
Do jeito que sou, assim
Impulsiva e bem arteira
Porque esta é, enfim
Euzinha, de alma inteira.



Maria do Carmo Joaquina da Silva

– Por apelido conhecida “*Carmem Silva*”. Nasci em Pernambuco na cidade de Poção, a qual me fez ser mulher rendeira. Estudei o ensino médio já no estado da Bahia onde moro, concluí o magistério e trabalho na Escola Municipal João Bosco Ribeiro. Pós graduada em Língua Estrangeira e em Língua Portuguesa, com especialização em Alfabetização. Curso completo de Inglês. Lecionei por muito tempo no CCAA.

Também na Achieve Language. Atuei como formadora na Formação Continuada do Pacto Pnaic no Município de Paulo Afonso. Venho realizando e enfatizando Projeto Leitura desde sempre, tendo maior dedicação a partir do ano de 2014. Fui Articuladora do Jornal A Tarde no Programa A Tarde Educação por um longo tempo. Hoje sigo o caminho com o Projeto *Leitura Luz do Aprender* na escola onde trabalho. Um projeto que voa por outras cidades em ação e parceria. Particpei DAE outras antologia como: 1ª Antologia de Santa Brígida explorando a obra “O doido que não era louco”. 1ª Antologia de Porto da Folha com a obra “*Luz que envolve*”. E na 1ª Antologia de Paulo Afonso com a obra *Rio São Francisco de onde vem*. Atualmente estou a caminho da 2ª Antologia de Paulo Afonso com obra *Paulo Afonso Luz*.



RIO SÃO FRANCISCO DE ONDE VEM... CARMEM

Água pura e cristalina
Tão serena feita menina
Força de todas as correntes
Unindo raças e cores
Tenor de beleza e amores

Seu nome origem Itália
Homenagem a Francisco de Assis
Sendo santo de marco feliz
Outubro sua descoberta
Fonte de vida e riqueza
Nascendo da serra da Canastra
Tamanho gigantesca natureza

Doce Rio dos Currais
Servido de trilha e transporte
Há quilômetros de extensão
Ligando a região Nordeste,
Centro-Oeste e Sudeste
Eita Rio, que fizeram de teste

Transposição nome em ação
Procurando acabar seu coração
Que eleva a agricultura irrigada
Coisa essa comprovada
E certificada de ver
Cada por do sol anoitecer

Na cachoeira de Pirapora
Sobradinho é sua aurora
Itaparica sua quarta cachoeira
Fonte de vida e riqueza
Quinhentos anos depois
Natureza social e econômica



Afetando seu percurso natural
Com seu assoreamento
Causando o desmatamento
Das suas raízes e com poluição
Eita, que tamanha aflição.
Rio que impulsiona
O desenvolvimento regional
Energia que abastece
Segue por todo Nordeste
Minas Gerais, Xingó
Itaparica uma ilha só

Paulo Afonso e Três Marias
Quanto de coisa ele faria
Velho Chico, agora é chamado.
Sua preservação se faz necessária
Clama urgente pelas futuras gerações
Fazendo marcas e deixando emoções



Magna Cristina de Oliveira Silva

Natural de Santana do Ipanema, erradicada em Arapiraca – AL, desde 1983. Escritora de Artigos e Crônicas. Organizadora da Antologia Arapiraquense. Sócia Fundadora da UBE-União Brasileira de Escritores/ Núcleo Arapiraca. Membro do Conselho Fiscal na Delegacia Cultural de Alagoas-DCA. Parceira na Editroa Performance. Colaboradora na TV LiberdadeAL.

Mestranda em Ciências da Educação. Especialista em Gestão Escolar e LP. Graduada em Letras. Docente em LP no Ensino Médio.



FAMÍLIA E ESCOLA: LAÇOS FORTALECIDOS

Eis que esse negócio de fortalecer pegou bem. Família combina com laço. Família combina com escola. Ambas combinam com laços que não se rompem.

Família que é família precisa da escola. E, a escola precisa da família. Precisam de interação contínua, sem soltar o laço.

Para a escola, a família é a grande fortaleza que estreita os laços da aprendizagem, através da atenção aos filhos, que precisam serem cuidados.

Os filhos, estudantes, os quais perpassam a idade escolar, sejam crianças, adolescentes, jovens, todos carecem de sólidos encaminhamentos. Estes últimos, nem se fala.

Jovem estudante muitas vezes é esquecido pela família e, isto não pode não. Estes demandam mais esforço, por parte dos pais, e também dos professores.

Se os pais acreditam que seus jovens filhos andam sozinhos, podemos enxergar as boas intenções. Porém, ainda despertam atenção.

Cada jovem entende seu próprio caminhar, em vista de buscar a própria identidade,

O jovem estudante precisa, sim, ser fortalecido pelos laços dos seguimentos, da família que acompanha, mas sem pegar no pé.

Que os pais unam-se mais à escola, e nunca abandonem seus filhos. Que a escola receba bem, os pais, pra unir os laços. Os laços fortalecidos.

Maria de Fátima Soriano de Lima

Graduada em Letras pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió – (CESMAC), Mestra em Letras/Literatura brasileira, pela Universidade Federal de Alagoas – (UFAL). Autora dos livros: *Magias do Sentimento* (poesia) e *Olhares Transversais: Culturas em Diálogo na obra de Mário de Andrade* (ensaios). Em coautoria publicou *Entre o amor e a palavra: Olhares sobre Arriete Vilela*, 2001, org.Brandão, Izabel. Acadêmica Imortal Vitalícia da Academia Internacional Mulheres Das Letras. Publicou artigos e poesias em jornais, revistas e Antologias.



CELEBRE CADA INSTANTE

Fátima Soriano

Celebre cada dia que renasce,
pois é sempre um recomeço.
Abraça na vida, cada instante,
sempre avante e sem medo.

Celebre cada batida
do teu forte coração
pois é a manifestação da vida
ritmando como uma canção.

Celebre cada suspiro,
pois é o sopro do milagre de Deus,
que ama incondicionalmente
e acolhe cada filho Teu.

Celebre a brisa suave,
que te bate a face,
pois é Deus sussurrando:
-Calma, vai passar, é uma fase.

Celebre a vida
contemplando a natureza,
agradecendo ao Criador
por tão grandiosa beleza.



Moisés Pereira Sanguinette

Moisés Pereira Sanguinette (Moisés Aboiador), poeta de Literatura de Cordel, natural de Jequitaiá (Norte de Minas Gerais), escritor na Editora Vicenza Edições Literárias e Acadêmicas, defensor da Cultura Popular Nordestina



DEMOCRACIA

Viva a democracia
Regime que surgiu na Grécia
Nesse regime jamais cabia
Vê o povo na inércia
Que diga o povo Brasileiro
Que aprova esse regime
Mas vive no dismantelo
Convivendo com o crime
Que ocorre o dia inteiro
O meu verso é ligeiro
(1)

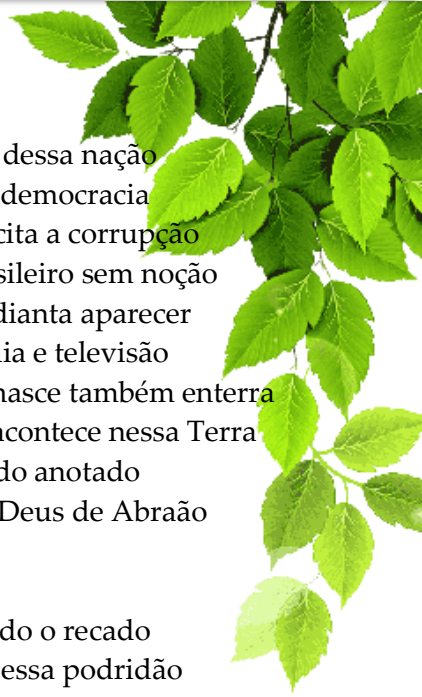
Sem desmerecer a quem
O povo é refém
Dos políticos Brasileiros
Ferindo os princípios
democráticos
Tudo é pragmático
Total é a desunião
De nossa população
A desigualdade social
Parece uma coisa normal
Em toda nação
(2)

Do empregado ao patrão
Concordo com isso não
Cadê a democracia?
Regime que decidia
A igualdade no país
Rico não é melhor que pobre
Nem pobre melhor que rico
É assim que a Bíblia diz
Tanto ouro quanto cobre
Não passa de penico
(3)

Aos olhos de Deus
E digo nos versos meus
Tudo isso vai ficar
Por cima da terra
E tudo que aqui brotar
Um dia Deus enterra
Enterra o egoísmo
A desigualdade social
E também o comodismo
Aceitando tanto mal
(4)

Dentro dessa nação
Mata a democracia
Ressuscita a corrupção
Do Brasileiro sem noção
Nem adianta aparecer
Na mídia e televisão
O que nasce também enterra
O que acontece nessa Terra
Está tudo anotado
Com o Deus de Abraão
(5)

Está dado o recado
Contra essa podridão
Atiça fome e miséria
Escoria a nação
Caderno de 10 matérias
Não tem mais solução
Aquilo vem da Grécia
Não passa na Constituição
É falsa e sem razão
Promovendo corrupção
(6)



Maria Aparecida de Lima

Cida Quelé, pernambucana, mãe e professora. Desde 2018 vem publicando em antologias de cidades nordestinas. Participou do livro *Ontem, Hoje, Amanhã Talvez Contos de Amor* (2019), Andross Editora, com o conto *Um porto seguro*, que é um dos finalistas para o **Prêmio Strix de Literatura 2020 da Andross Editora**. Participou do livro *Insólito* (2020), das Edições Cavalo Café.



DOCES VIAGENS

Por quase três anos vivi o meu luto, sozinha em meu canto, fazendo as minhas tarefas de forma automática, sem me dar conta que o meu silêncio e as minhas constantes recusas para viagens, festas, passeios, causavam preocupação em minha família e em meus amigos.

Aos poucos, a dor foi abrandando, as lágrimas secando e pensar em Lucas já não me deixava tão triste. As lembranças de nossos momentos acalentavam a minha alma, salientando a certeza do quanto eu fui feliz durante o tempo de namoro e casamento. O seu infarto fulminante, fulminou também os nossos sonhos e planos de tudo que ainda faríamos juntos, pois uma década não havia sido suficiente. Não houve tempo para termos os nossos filhos.

De súbito, percebi que Cris e Fábio estavam falando algo comigo e me dei conta que havia me desligado e viajado para o meu mundo de lembranças. Sorrindo envergonhada, pedi desculpas ao ver que em minha frente estava um homem com a mão estendida, numa cena clássica de quem é apresentado a alguém.

– Oi, me desculpem, eu estava distante... Essa música... Gaguejei, provocando risadas, ao mesmo tempo em que um “percebemos” saiu automaticamente dos três.

– Vamos recomeçar. Oi, Mariana, eu sou Pedro, você estava “viajando”, hein?

Foi dizendo ele, ainda segurando a minha mão e sentando-se ao meu lado.

Apesar do vexame inicial, simpatizei com ele e o papo entre nós quatro fluiu divertido. Era a primeira vez que eu viajava. Não consegui me desvencilhar do convite daquele casal amigo para passar um mês com eles em sua casa de praia, pareceu que seriam dias de muito sossego em um paraíso. Ledo engano, eu havia esquecido o quanto aqueles dois gostam de agito e badalações. Estávamos há três dias em Trancoso e eu não tinha tido tempo nem de pegar nos três livros que trouxe na bagagem.

Aquela era mais uma noite em que saíamos para jantar fora. Dessa vez, Cris escolheu um lugar com espaço para dançar. Percebi que estou gostando de voltar a viver esses momentos e, quando dei por mim, já estava dançando com Pedro. Assim como a conversa, a dança também fluiu naturalmente entre nós. E ele me contou que conheceu Cris e Fábio quando comprou a casa no

mesmo condomínio deles; que estava divorciado há mais de cinco anos; que tinha apenas um filho e já era avô de uma menininha. Surpreendi-me quando me vi falando sobre Lucas, meu casamento e o tempo em que estou viúva.

Depois daquela noite, passamos a nos ver diariamente: almoços, passeios, caminhadas na praia, sempre estávamos os quatro. Aos poucos fui conhecendo Pedro e descobrindo que tínhamos muita coisa em comum e foi surgindo algo mais que amizade entre nós. Naquele verão, sem me dar conta e sem planejar, eu iniciei um novo ciclo em minha vida. Foi o fim do meu luto e o início de uma vida em que Lucas faria parte das lembranças guardadas, como uma saudade boa.

– Mamãe, mamãe... *o Lutas e o papai tá terendo me molhar tom a mandeira de novo... me azude... use seus poderes de xuper mãe de novo!!!*

Fui trazida à realidade por um pingo de gente, coberta de areia até os cabelos encaracolados, que mal dava para perceber o verde neon do seu biquíni.

– Meu Deus, Cecília, o que foi isso, meu amor? Quem foi o monstro que fez isso com você? Foi o que consegui falar, enquanto tentava me manter séria diante da cena, antes que Lucas e Pedro chegassem, morrendo de rir ao ouvir Cecília, que mal sabia falar, já fazendo fofoca deles.

– *Adora eu tero ver se vocês ainda vão me molhar!!! Vocês vão provar dos xuperpoderes da mamãe. Num é, mamãe?*

– Esses dois vieram de encomenda. Foi dizendo Pedro, entre uma risada e outra.

Com jeitinho, consegui convencer Cecília a entrar no chuveiro, antes de cairmos todos na piscina para mais uma tarde de brincadeiras e descobertas com os gêmeos, que nada têm de iguais: enquanto Cecília é mandona, Lucas é tranquilo, ambos se adoram e não se largam o dia inteiro.

Depois das farras e comilanças, basta um banho relaxante e eles dormem feito anjo. Não sem antes lermos o início de algum livro, pois eles adormecem logo nas primeiras páginas.

Quando eles nasceram, há quase três anos, nós nos mudamos de vez para Trancoso, era o início da pandemia da Covid 19. Nossas ocupações nos permitem trabalhar em *home office*. Antes disso, no entanto, Pedro e eu tivemos mais de dois anos vivendo as mais doces e loucas aventuras.

– Esse seu jeitinho de “viajar em pensamentos” foi o que me fez me apaixonar perdidamente por você, sua bruxinha.

Pedro sussurrou em meu ouvido ao me abraçar por trás, provocando-me arrepios, enquanto ríamos lembrando a primeira vez em que nos vimos.

– Estava pensando em nós, no quanto você me faz feliz, na beleza das noites desse lugar e no quanto os nossos meninos estão crescendo rápido. Sinto saudade do cheirinho de um bebê pela casa... Falei, enquanto me virava para ficar entre os braços dele, olhando-o com malícia e desejo, sentindo-me muito amada. E viajamos juntos através dos beijos e sensações que só o amor é capaz de proporcionar.

Maria Auxiliadora de Santana Silva

É brasileira natural de Capela-SE. Licenciada em Pedagogia - Faculdade Pio Décimo e História - EAD, PUC-RIO, Pós Graduada em Planejamento Educacional. Amante da literatura com dois textos divulgados: Tempo de Pandemia, Escola Vazia e Capela, Senhora dos Engenhos. Reside em Capela desde o seu nascimento.

O Encontro do Velho Cabloquinho com Lampião.



O ENCONTRO DO VELHO CABLOQUINHO COM LAMPIÃO.

. O Velho Cabloquinho era o meu avô materno, tinha o seu jeito matuto incluindo o vocabulário. Já dizia ele, que tinha encontrado com Lampião na primeira vez que veio a cidade Capela, próximo à encruzilhada que dava acesso a estrada da Boiada. Antigamente os moradores do Povoado Mata do Cipó andavam a pé ou a cavalo, o que permitiu o meu avó ter o encontro com o Rei do Cangaço Nordestino, esse episódio foi próximo ao Sítio de Neco Cego, no Povoado Campo de Aviação, atualmente, Bairro Aeroporto, situado no município de Capela-SE.

Contava o Velho Cabloquinho que estava indo para a Usina Proveito, montado no seu cavalo, com o seu ar faceiro, quando começou a sentir um cheiro de perfume de boa fragrância. Ele meio astuto ficou de orelha em pé. Era por volta das quatro horas da manhã, como era um homem destemido,

esporou o cavalo que saiu trotando e seguiu viagem. Mas, de longe avistou alguns carros atravessados nas saídas de acesso às estradas, e uns cabras vestidos com roupas diferentes e de armas em punho. Logo pensou:

- Será que estou diante de Lampião e seu bando?

Estava ele diante de uma emboscada, pelo o que passou por sua cabeça naquele momento. O Velho Cabloquinho era um homem calmo, e aos poucos foi reduzindo as passadas do cavalo até parar de frente a um dos cabras de Lampião, segundo ele, foi Corisco que o abordou:

- Onde vós micê pensa que vai?

O Velho Cabloquinho respondeu cheio de temor:

- Tô indo vender o meu dia na Usina Proveito.

Nisso, aproximou-se dos dois, um moço com as roupas do mesmo tipo, usando óculos escuros com a arma também em punho, e ao Velho Cabloquinho, fez a seguinte pergunta:

- Qual a sua graça?

- Cabra, onde está indo com tanta pressa?

O Velho Cabloquinho respondeu cheio de receio, mas sem demonstrar medo:

- Sou Mané Cabloquinho e estou indo para Usina Proveito com pressa pois tenho que chegar lá até o nascer do sol.

O homem fez ainda uma pergunta ao Velho Cabloquinho:

- Moço já ouviu falar em Lampião?

- Qual o seu pensar sobre ele?

O Velho Cabloquinho sem pestanejar respondeu:

- Já ouvir muito falar dele e o meu pensar é que ele é herói lá para as terras do Sertão e o meu grande prazer é conhecer ele em pessoa!

- Dou a minha palavra que o meu sentimento por ele é de admiração!

O homem continuando de arma em punho e olhar firme na sua presa falou:

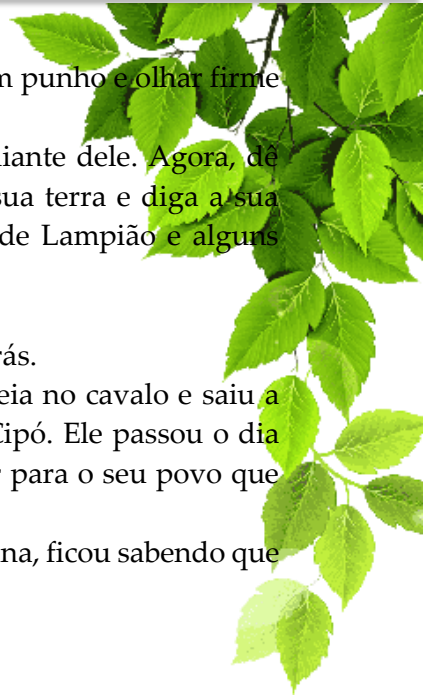
- Pois bem, moço vós micê está diante dele. Agora, dê meia volta no seu cavalo e volte para a sua terra e diga a sua gente por lá que hoje, você ficou diante de Lampião e alguns cangaceiros.

- Que o Padim Ciço dê sua bença!

- Agora saia daqui sem olhar pra trás.

Então, o Velho Cabloquinho, deu meia no cavalo e saiu a galopar, só parou no Povoado Mata do Cipó. Ele passou o dia todo em casa com a sua gente, a divulgar para o seu povo que conheceu Lampião.

No outro dia, quando foi para a Usina, ficou sabendo que Lampião saqueou o comércio da cidade.



Marluce Maria da Costa

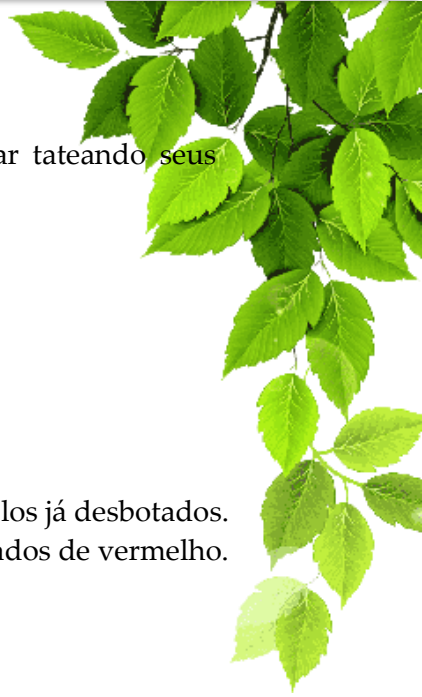
É natural de Jacuipe- AL, mas cresceu em Porto Calvo-AL. Foi bancária do extinto PRODUBAN e secretária da Emater-AL e Emater-MG. Se graduou em Licenciatura plena em letras pela UPE. Lecionou Língua inglesa em escolas estaduais do Recife-PE e participou como aluna especial em teoria da literatura pela UFPB. Publicou seu primeiro livro “Brincando de Sonhar” no ano de 2000, que foi adotado como livro didático em diversas escolas no estado de Alagoas e Pernambuco. Seu segundo livro “Vovó Lulu” Foi publicado em 2001. Em 2007 publicou o livro infantojuvenil “A serpente adormecida”, Já em 2011 publicou seu primeiro livro ficcional “Nas dobras do tempo”, neste mesmo ano fez parte dos autores da Antologia de poetas contemporâneos – premio 100 anos de agosto dos anjos”, dentre outros concursos literários. Também fez parte dos membros da confraria dos imortais da academia escritores de Pernambuco e da União Brasileira de escritores – (UBE) Por fim, em 2019 publicou o romance “Do outro lado do meu coração”. Atualmente a escritora está finalizando seu próximo livro que se intitulará “O silencio dos ventos”, livro este já vencedor do prêmio literário pela editora Travassas.



O VÁCUO DO PASSADO

Era uma tarde de domingo.
Contemplava o ocaso,
E Pressenti algo.
voltei o olhei para trás,
Vi o passado em passos largos.
Cabeça erguida, pensamentos flutuavam.
Tentei me redimir, - apenas.

Retornei a me conectar com as ondas
Lambiam a areia branca um pouco além.
Derramei meu olhar a imensidão do mar tasteando seus
mistérios.
O sol deslizava na linha do horizonte,
Arrastava sonhos,
Tempo e espaço me deixaram no vácuo.
Era uma tarde azul
Dentro do silêncio de min'alma.
Ouvi ecos despedaçados
Trazidos pelos quatro ventos.
Vesti-me da brisa que embalou meus cabelos já desbotados.
O sol mergulhou restando filetes entrelaçados de vermelho.
Sai sem olhar pra trás.
Era uma tarde de domingo.



Maria de Lourdes Santos

Nascida em 11/02/52, Pedagoga e Terapeuta Holística, está no caminho literário desde 1992, tendo como obras publicadas: Arte de Amar; Ética Profissional e o Amendoim; Primeiro Encontro dos Ex-Rondonistas do Estado de Sergipe, além de participações em Antologias do Estado e de fora de Sergipe, como também membro da cadeira 112 da Academia Municipalista cidade de Socorro/Se



A SEPULTURA

A Bíblia fala sobre inferno
Descreve vários conceitos
Mas minha opinião:
Inferno é a sepultura
A casa certa de todos nós.

XxxxxxxxxX

Lá deve ser muito quente
Não precisa nem ligar o forno
Derrete tudo, menos ossos
Tanto os bons quanto os maus

XxxxxxxxxX

É lá que se pagam todos os pecados.
Até os que não têm
os inocentes.

/ mls

Mira Neves

Miraselma das Neves Sardinha, amapaense, professora da educação básica, admiradora da literatura de cordel, iniciante na arte de escrever, participa das antologias Encantos Nordestinos, Mulheres Livres Senhoras de Si, e (IN)Sensíveis Sentimentos.



A VIZINHA

Aquela vizinha era tão doce, ainda hoje é lembrada. Seu olhar distante, vazio, triste, perdido, mesmo sendo tão jovem. Por que não foi percebido seus sinais? O que teria provocado sua partida é um mistério para todos, mesmo depois de tantos anos as conversas de comadres, volta e meia, giram em torno do que se especula do caso.

Ana Clara sempre gostou de fazer companhia a sua vizinha, desde que mudara para o bairro ela era sua única amiga, a considerava, apesar da diferença de idade entre as duas. A vizinha tinha por volta de vinte cinco anos, a garota ainda contava seus doces doze anos de uma existência mal começada. Desde quando as duas se conheceram surgiu um laço que duraria alguns meses, regado a muitas conversas inocentes, instruções, ensinamentos, porque a amiga da menina era mais velha e sabia mais coisas, na verdade havia um certo encantamento por parte de Ana Clara, pela jovem mulher.

A vizinha tinha os cabelos longos, escuros, bem lisos, a pele alva de uma brancura doce que lembrava a mãe da garota, sua face ostentava um nariz bem-posto, arrebitado, ali naquele rosto fino, tranquilo, sereno, sem demonstrar qualquer preocupação ou insatisfação mesmo já sendo casada, aparentemente, era feliz.

O marido da vizinha ficava longos períodos fora de casa, por conta de sua profissão, deixando a esposa sozinha contando apenas com a companhia de seu filho que ainda era bebê, dificultando travar qualquer diálogo com a criança a não ser que fosse um monólogo. O bebê até respondia ao diálogo iniciado pela mãe, mas sua única resposta eram vários balbuciar que nada diziam, indicava que o bebê ouvia e via, porque se virava no berço na direção do som das vozes.

No final das tardes a vizinha convidava Ana Clara para um lanche e um bate papo, ela havia observado que não tinham mulheres disponíveis para conversas restando apenas a menina para esse intento, de conversar, ouvir algo que não fosse somente os sons do bebê que não lhe diziam nada.

A menina sempre atendia os convites da jovem, já estava se formando a admiração por aquela que se delineava como modelo de mulher a ser seguido, talvez pela doçura, pelos convites, quem mais convidaria uma menina para conversar, ninguém conversa com crianças a não ser para o que chamava de blábláblá, somente quando ela fazia algo errado, mas aí não era conversa, era para pegar uma boa sova.

O fato é que quanto mais os convites surgiam a amizade crescia. Com o tempo os chamados foram para passar a noite, as vezes a mulher também dormia somente na companhia do bebê, seu marido trabalhava muito, às vezes, quase sempre.

O convite para dormir na casa da vizinha enchia o coração da menina de alegria. A noite começava com o preparo do jantar, regado a conversas sobre preparos de alguns pratos, lavar, secar, guardar as louças. Em seguida assistir novela em meio a muita conversa sobre diferentes assuntos como tipos de sabonetes, os aromas dos perfumes, o bordado dos dias da semana no pano de prato, como tomar banho corretamente, lavar atrás das orelhas e outros assuntos do cotidiano de uma mulher dona de casa, mãe, esposa que mesmo sendo tão jovem já tinha um compromisso de casamento, vivido pouco outros universos além dos cômodos de uma casa.

Aparentemente a companhia de Ana Clara ajudava a passar o tempo já que a vizinha agora tinha com quem conversar, a vida não era mais um monólogo tinha-se a impressão de diálogo, embora continuasse sendo um monólogo, a mulher falava, instruía e a menina só dizia sim, verdade, mamãe sempre diz isso, e o diálogo não passava de respostas monossilábicas infantis, a de se entender, o que uma menina de doze anos diria para uma mulher de prováveis vinte cinco anos, dona de casa, casada e já com um filho? Nada a dizer, só monossílabos.

O fato da menina quase sempre só ouvir, não invalidava a amizade acontecia o contrário, Ana Clara sentia prazer em ouvir porque sentia-se ouvida, também, é desses sentimentos de solidão, das vidas humanas, que atravessam dois lados que se aproximam, mesmo que ninguém entenda o porquê.

Já havia passado quase um ano que a vizinha tinha convidado a menina, para o primeiro lanche, tinha ido meio desconfiada, mas como morava ao lado sabia que ela ficava sozinha com o bebê, aceitou. Foram dias memoráveis, mesmo

parecendo tão simples, duas vidas que se cruzaram marcando para sempre um lado.

Depois da festa de aniversário de Ana Clara, seus tão esperados dezoito anos, quando os últimos convidados deixaram sua casa, se recolhe para descansar. Como todas as noites abre uma caixa, de dentro pega uma carta, ler em pensamento para que ninguém saiba seu conteúdo, era endereçada a si. Nesta noite esqueceu do silêncio, pronunciou as primeiras palavras da carta: - Ana Clara, só se case se for para ser feliz.

Maria Lucia de Jesus Oliveira

Nasci em 26 de outubro de 1961, sou de Povoado Cardoso, Tomar do Geru/SE. Sou Coautora do 2º Cordel Solidário no Grupo de WhatsApp "Poesia & Cultura Sergipense", ano 2019, Cordel "Poetas Versus Violência" edt. Verso e Prosa, Coletânea 300 Poemas de Amor da Edt. Mágico de Oz, 2019; Antologias "Nas Entrelinhas do Amor" Edt. Versejar; Encantos Nordestinos, Edt. SWA Instituto. Amante da Cultura Popular, Coordenadora de Quadrilha Junina, Educadora Popular, vejo a Arte como uma das melhores maneiras/formas de envolver e valorizar o homem.



O SONHO DE SER FELIZ

Num belo dia eu estava fazendo reflexão.
Sobre os prós e os contra pra esse meu coração
Sigo imaginando, que o tempo está passando,
e eu aqui na solidão.
Dia após dia estou a procurar
a tal felicidade e não consigo encontrar.
Suplico por um instante
que ela perceba meu sofrimento,
e venha me visitar.
A felicidade insiste em me enganar,
não sei por qual motivo não quer comigo estar.
Ser feliz é uma dádiva para os amantes,
que sonham com o amor

e viver um bom romance.

Se durmo sonho com ele, se acordada,
No pensamento ele está
Jamais sai da minha mente
fazendo meu coração pulsar.
O sonho de ser feliz,
eu quero realizar.
Almejo muito esse feito
E pra sempre te amar.



Marcelino Carvalho de Brito

Administrador de empresas, gestor de recursos humanos, escritor contista e poeta! Nasceu no dia 17 de abril de 1963 no povoado da Ipojuca, cidade de Arcoverde, sertão do Estado de Pernambuco. Filho de Lídio de Brito Cavalcanti e Glória Maria Carvalho de Brito, casado com Silvana M^a da Rocha Calheiros de Brito, pai de Kyara Karynne, Marcelino Filho e Mariana Calheiros, dos quais, nos deram cinco netos. Formado pela faculdade Alagoana de Tecnologia (FAT) em Gestão de Marketing de Varejo com especialização em Gestão de Recursos Humanos pela UNINTER/FATEC, universidade de Curitiba. Membro da Academia Maceioense de Letras, desde abril de 2018.



RETIRANTE, “VIDA” SOFRIDA E DE ESPERANÇA!

Ao caminhar no chão quente, mente ferve a barriga orquestra o tom da fome a roncar! Retirante sai em busca do sustento, do simples e necessário para sobrevivência da sua própria vida, a água, que jorra em algum lugar, menos no seu torrão!

Que gera como consequência devastadora, a sede e a fome que o acompanha por toda uma vida de descaso, causado por um ser humano desumano e do mau!

Não tem ele como sentir o perfume que exala das flores, que sonha ao delirar no escaldante sol que lhe castiga no seu caminhar, desnortando seu senso e seus pensamentos, mesmo assim, não desespera, está focado rumo ao que busca; sopra para sua vida!

Vida que carrega no corpo a suplicar vida, que tem como companheiro permanente, “o olhar para um céu que lhe garante a força para em pé está”, e através de sua fé, ora e pede a Deus, proteção, pois, o consciente já inconsciente cambaleia, mas, prossegue em busca de dias melhores!

Assim, segue sua sina de miséria, com a esperança de encontrar na sua trilha, barreiros e mandacarus, que os darão água e a força necessária para sobreviver à realidade de mais um dia,

marcado com a dor visivelmente expressa em seu semblante!

Mesmo com todo sofrimento, preserva a sua preciosa dignidade e não baixa a cabeça, ele é valente é lutador, e adiante, conduz sua família e o fiel cachorro que tanto os protege, a um pedaço de chão que dê vida, as suas vidas e que possa ele, chamar de seu!

Maria Lúcia do Nascimento Feitoza

Nascida em Paulo Afonso-BA, sou da etnia Pankararu. Técnica de Infraestrutura Escolar pela IFBA, cursando o 3º semestre de Licenciatura em Letras pela UNEB. Concursada em Serviços Gerais pela Prefeitura de Paulo Afonso desde 2002. Atualmente trabalha na Biblioteca da Escola Municipal Manoel Nascimento Neto, onde desenvolve um projeto de leitura o qual tem despertado grande interesse dos alunos desta e de outras unidades escolares.



MOMENTOS

Há momentos que você quer sumir
Acho que esse é o fim
Que tudo se resolverá assim...
Mas, a solução no momento não é fugir do problema!

Há momentos que você ninguém quer ver
Para não ter que nada falar
Mas, nada disso funciona
Tem momentos que você precisa gritar.

Há momentos que você quer voltar no tempo
E viver tudo de bom novamente
Ou, talvez, fazer tudo diferente
Pois, agora sabe que nada é pra sempre...

Há momentos que você acredita que nada mudou
Que a vida continua a mesma rotina
Mas a lembrança cruel teima em te lembrar
Que aquele momento o destino tirou!



Maria Lúcia da Silva Santos

Escritora aprendiz e já participei de diversas Antologias impressas nacionais e virtuais internacionais. Sou membro da Academia Santabrigidense de Letra e Artes – ASLA e ocupo a cadeira 13, tendo como minha Patrona, Cecília Meireles.



FASES DO PERCURSO

Comece cada percurso,
Sem pressa! Com foco!
Mas se algum obstáculo surgir:
Siga em frente! Siga o curso!

Recomece... cada meta,
Com foco! Sem pressa!
Mas se o obstáculo insistir:
Siga firme! Siga o curso!

Permita-se! Siga em frente!
Compreenda o começo...
Fortaleça o recomeço...
Compreenda as fases do percurso;
Dos obstáculos! Do curso!

Marinalva Pinheiro

Alagoana, residente em Lagoa da Canoa. Pedagoga, Psicopedagoga, estudante de Letras. Professora, autora do livro: “Para não ter medo da morte”, lançado em 2019. Esposa, mãe de três filhos e amante da literatura.



METAPOESIA

O que é a poesia
Senão a extravagância
Do que vem no coração
Seja de adulto ou criança
Pra externar toda doçura
Desatino ou esperança?

Falar dos seus sentimentos
Deixa sempre a alma leve
É palácio das palavras
Poesia que se escreve
Pois por trás de cada verso
Realista ou manifesto
Depositado está o sentimento
Do poeta desatento
Que transborda em palavras
Sonhos, sorrisos ou lágrimas

Mas traz sempre um universo.

O poeta é aquele
Que discorre sobre tudo
O que traz no coração
Mesmo que pareça " mudo".
Fala sobre o que lhe encanta
E sobre o que lhe espanta
Neste mundo desumano.
Mas não desiste da arte
Pois estando em toda parte
Transpostos todos os temas
Que lhe aflige ou que defenda
Com terna sensibilidade
Ele constrói seu poema.



Maria José dos Santos-SE

Nasceu em Carmópolis-SE em 20/12/1958. Professora da rede estadual e municipal. Filha de Joana Barbosa da Conceição Santos e Eduardo Lima dos Santos. Sua mãe era costureira e professora de corte e seu pai trabalhador rural.



PORTAS QUE SE FECHAM ENTRE NÓS

há uma desarmonia entre essas imagens.
Elas se cruzam...pelos oceanos e mares
e vão tecendo se misturando...horas: calmas,
agitadas, brandas, resplandecentes
e amareladas.

De longe seu olhar agitado
contemplam essas imagens
que retratam todos os gemidos aguçados
das gotas de suor e gritos doloridos
que se misturam numa mesma linguagem
ornadas de botões de rosas vermelhas
e de campos ceifados.

Quantas paisagens!!!
da luta implacável das abelhas,
por olhar o horizonte...e não vê estrelas
apenas o silêncio e bocas amargas.
de ver nuvens passageiras
que passam quietas sobre o mar
e se escondem sob ondas quebradas.

E sobre as ondas quebradas
surgem corpos nus e ensanguentados
e também...nas calçadas, na lama e nas ruas
surgem corpos esfomeados e dilacerados
tanta dor elas nos causam!!!

Oh Deus!!!
O povo clama pelo sol...o sol há de brilhar,
o povo clama pela chuva a chuva há de molhar esse chão
e as flores renasceram nesse caminhar
anunciando o prenúncio da primavera.
Não mais entre flores ressequidas
e paisagem amareladas...

Oh chuva!
se no mar você faz redemoinho
aceite o meu apelo: a rainha mãe d'água
recebe em seus braços as almas dos seus filhos
os corpos sem vidas, são cuspidos pelo rei das águas
os mais afoitos...são levados pelos ventos
a vários reinos.



Permita que eles construam castelos de areia sobre o mar
e quando a chuva passar!!! olhem em direção ao céu
vejam nuvens coloridas, o nascer do sol,
o canto dos pássaros, em seus amanheceres
o aroma das flores em seus jardins
e o barulho da chuva caindo.

E quando acordares dessa tempestade
não seja em noites sombrias...nem com cicatrizes
esculpidas nesse olhar vazio



Maria de Lurdes Alencar Araújo

Residente em Gurupi-To, professora aposentada, mãe, avó e bisavó. Gosta ler, escrever e de artesanatos. Adora contemplar a natureza. Participou de várias antologias em diversas editoras, onde escreveu poesias e contos.



O SOL

A luz dourada
no final de sua jornada diária,
já não é mais suficiente
para iluminar a terra.
Mas a sua beleza
junto com as nuvens,
ilumina a nossa alma
neste pôr do sol.
Amanhã será um novo dia,
e você surgirá
logo nas primeiras horas da manhã,
com seus raios dourados
voltando a iluminar a terra.
Ilumina também
a vida da pessoa amada
apesar de distante.

Pois, os seus raios não têm
um ponto determinado para iluminar,
e sim toda a terra.
Aquece o nosso amor
para que a cada amanhecer,
possamos ter a certeza de um reencontro.
Siga a sua trajetória diária,
pois logo terá outro pôr do sol ao entardecer.



Marcos Antônio Pereira de Lima

Marcos Antônio Lima é Escritor, Cronista, Poeta e Acadêmico, natural de Paulo Afonso – BA. Membro Fundador da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS): Cadeira 22. Membro Fundador e Presidente da ASLA (Academia Santabrigidense de Letras & Artes): Cadeira 01. É Membro Correspondente da Academia de Letras de Paulo Afonso



(ALPA), Cadeira 28. Autor das obras poéticas; Amor em Versos & Reversos (Scorececi Editora - 2001); Jardim de Árida Poesia (Editora Kazuá – SP/2016); Aquarela Poética (Coletânea Abrindo Alas – 2017), e dos Romances Regionais: Um homem à sombra de seu destino (Editora Garcia – 2018), e De Gameleira à Colônia, Uma saga nordestina (Editora Garcia – 2019). Marcos é também o mentor, e um dos organizadores do I e II Encontro de Escritores Santabrigidenses & Convidados, e da Oficina: Manhã Literária da Academia Santabrigidense de Letras & Artes.

SERRA DA SANTA CRUZ

É neste pedacinho de chão
De romeiros e artesãos
Denominado de Serra da Santa Cruz
Onde o sertanejo se levanta antes do sol
Esbanjar seu espelho de luz

Salta da cama de um pulo só
Toma café torrado no caco
Pisado no pilão arcade
Com toucinho de porco e cuscuz
E de vez enquanto, um naco de carne do sol

É preciso subir a serra para arar as manhãs
E bem lá no topo plantar
As sementes da superação
Sementes do milho, abóbora e feijão
Para a família alimentar

Como é bom subir a serra
Junto dos sertanejos Paulo Santana,
Heleno de Mané de Dão, Nice, Noélia e Dona Ana
É como tocar banjo nas estrelas!

É no caminho, rasgando as matas
Que se ouvi o gorjear da fogo-pagô, do bem-te-vi
Da asa branca, do sofreu, e da juriti
Testemunhar a brisa suave dos ventos
Enxugar o suor sagrado de Mané Bento
Feito compensação de Deus

São raras belezas naturais
As da Serra da Santa Cruz
De rica fauna, caatinga e matagais
Que as janelas da alma seduz

E as curvas estonteantes de Catu,
A banhar-se nas águas do caldeirão?
É privilégio de quem vive no sertão
E vê de coração nu.



Nicole Santos da Silva

Sou Nicole Santos da Silva, tenho 12 anos, nasci e moro na cidade de Paulo Afonso BA. Gosto de ler e escrever porque me traz uma sensação extremamente formidável, é uma coisa que me faz sentir bem, aprendo coisas novas e ativas minha criatividade. Além de ler e escrever, eu também gosto de desenhar e pintar, pois me sinto livre, como uma borboleta em um

belo jardim. Estudo no Colégio Monteiro Lobato, estou no sétimo ano. Fico muito feliz com o convite da minha mãe em fazer parte do projeto dela, *Leitura Luz do Aprender*, o qual já me levou ao encontro da 1ª Antologia de Santa Brígida em seguida, o da 1ª Antologia de Porto da folha e convidados. E no momento estou lisonjeada em participar da I Antologia e Encontro Fortalezense de Escritores e Convidados. 2021



PRINCESA CAVALHEIRA

Jade Maccharlotte era uma princesa muito linda de olhos azuis, cabelos loiro escuro e pele clara. Era uma jovem de 16 anos muito alegre e agitada, que levava a juventude para todos que conversassem com ela, e muito bela e delicada, bom, era o que todos pensavam, mas ela tinha um outro lado na sua personalidade e jeito de ser que ninguém mais sabia.

Jade Macchalotte tinha o desejo de ser uma cavaleira, lutando com espadas e escudos, pela a justiça em seu reino, mas mulheres não podiam participar do exército medieval, e a sua mãe sempre lhe dava aulas de etiquetas e de como ser uma rainha, ela sempre dizia sobre seus pretendentes que devia

escolher um para se casar, sendo que Jade não queria ser uma rainha com filhos e marido.

Até que em um dia enquanto ela vagava pelo bosque, ela achou um colar em um riacho cristalino, era um colar muito bonito, com uma cor azul escuro brilhante e enfeites de prata e ouro, a jóia tinha um formato redondo com um puxadinho em cima, parecendo uma gota de água. Encantada com sua beleza ela pegou o belo colar e colocou em seu pescoço, com isso voltou para o castelo. Exausta de tanto caminhar, deitou-se na cama gigantesca e desejou intensamente em seu sonho e no mesmo instante apareceu uma armadura belíssima em seu armário junto com uma espada feita de ouro e diamantes, capaz de cortar uma rocha facilmente. A jovem explodiu de alegria, e já soube que o seu colar era mágico. Então sem dizer que tinha uma poderosa armadura, ela perguntou a mãe se podia ser uma cavaleira, a mãe disse não no mesmo instante secamente.

A jovem correu com raiva e tristeza para seu quarto e trancou a porta. E vestiu a armadura, ao colocar a parte da cabeça ela não parecia mais a mesma, e sim totalmente outra pessoa.

Com isso todos os dias depois da aula de etiquetas, ela iria para o treinamento de luta, sem ninguém saber que era a princesa, era a melhor de todos os homens, a mais ágio, habilidosa, rápida e inteligente. Assim passaram-se 4 anos, e se tornou uma cavaleira profissional, comandando exércitos.

Porém já estava na hora de escolher um pretendente, como dizia sua mãe, a rainha. Sem nenhuma outra opção, Jade matou todos seus pretendentes um por um, com sua espada grande e afiada como imensos espinhos. Primeiro ela dizia a sós com um determinado pretendente que se casaria com eles, e depois quando ele iria todo feliz dormir, e adormecia ela o matava. Assim foi com todos os outros. E para esconder o sangue de sua

espada ela a limpava cuidadosamente e guardava em um canto secreto em seu armário.

Anos se passaram e ela já estava com 26 anos, e todos os homens sabendo das mortes dos outros pretendentes se recusavam a se casar com ela. E seus pais acabaram morrendo de doença. Então, Jade virou rainha, pois o rei e a rainha não tinham irmãos e ela era filha única.

No dia de sua coroação, logo após de colocarem a coroa majestosa em sua cabeça e ter se tornado uma rainha, ela pegou a espada que estava atrás dela e a ergueu, dizendo que ela era o Grande Cavalheiro que comandou exércitos e matou milhares de pessoas para defender seu povo, e lutando pela justiça. Todos ficaram de boca aberta, sem saberem o que dizer.

Assim, Jade comandou exércitos, mandando em um Reino, sem ser uma “delicada rainha” e sim uma rainha com uma grande bravura e coragem.

Nelcilene de Souza Macena

Lena Macena - natural de Careiro – AM.
Formada em Artes Plásticas e Letras.
Professora, Poeta, Escritora, Coautora
em várias Antologias. Membro da
ALCAMA - Academia de Letras e
Culturas da Amazônia. e da Associação
de Poetas e Escritores Careirenses –
AEPOCAM.



INTENSIDADE

O desejo de estar contigo
É mais intenso que o brilho do sol.
Os olhos confessam tudo o que sinto
Sem nenhuma restrição.
O coração fala tudo,
Diz que te ama!
Diz que o meu corpo, arde mais que a chama.
Que um vulcão em erupção.

A saudade anda comigo,
Quando estais ausente.

E a tristeza procura ofuscar
O brilho do meu olhar.
Se não te encontro,
Tudo fica deserto aqui dentro.
Inseguranças,
traz – me o pensamento.
Mas tenho guardado na lembrança

A certeza que me dás.
Quando envolves – me
Em teus beijos,
Diz – me que és só meu.
O canto do amor
Fica mais quente
Com juras envolventes.
E nas estrelas,
Passo a caminhar.

Sei que és meu!
Sei que és meu!

Coração está aflito,
Precisa de perdão!
Pelas dúvidas que chegam
Sem pedir permissão.
Mas logo tudo se resolve
Quando falas que me amas.
E o teu corpo,
Se derrama sobre o meu.

Lena Macena



MINHA MENINA VEM DANÇAR

No nosso carnaval
Quero em teus braços amanhecer
Embrigar-me em teus beijos
E na tua avenida encontrar o meu prazer.

Vem sambar no meu carro alegórico
Vem exhibir a tua fantasia
Vem vestida de Eva
Aproveitar a nossa folia.

Vou brilhar na tua avenida
Molhar-me em teu suor
Serei teu por toda vida
E em cada comemoração,
Brindarei o nosso amor!

Em nossos braços e nos abraços
Estaremos perdidos,
Ficaremos ensurdecidos,
Quando o pandeiro do nosso peito,
Fortemente bater!

Esse é meu pedido,
Minha promessa,
Minha menina, vem dançar!
Que no final dessa festa,
Melancolias não haverá.

Lena Macena



Nileides Rodrigues ou Liu Poetisa

Escritora Sergipana membro fundadora da AJLAC (Academia Japaratusense de Letras, Artes e Ciências). Se faz presente em 40 renomadas Antologias por todo o País e publicou dois livros de sua autoria.



CORAÇÕES

O coração senti
O coração cala
O coração ouve
O coração fala...

O coração ordena
O coração domina
O coração condena
O coração ensina...

Há corações "ricos"
Há corações "pobres"
Há corações que riem
Há corações que sofrem...

Há corações "cheios"
Há corações "vazios"
Há corações "doentes"
Há corações sadios.

O coração impõe
O coração respeita
O coração expõe...
O coração, rejeita!



Patrícia Pereira Silva

Alagoana, poetisa. Tem 18 anos e atualmente mora na cidade da paleontologia Maravilha-AL. Faz parte do Recanto das Letras onde tem boa parte de seus textos publicados. É encantada pelo mundo da literatura!



O MACACO E OS PASSARINHOS

Em uma árvore alta, havia um ninho com dois filhotes de passarinhos.

Um filhote mais desenvolvido treinava o seu voo, enquanto o seu irmão o olhava.

Na tentativa de voar, o passarinho acaba derrubando sem querer o seu irmão. Vendo o seu irmão cair, fica desesperado tentando arranjar coragem e ir salvá-lo. Nisso, salta do ninho em direção ao chão, mas sem saber voar cai também e ficam-se os dois no chão.

Um macaco vendo os dois ali, pergunta: -Por que vocês estão no chão?

O passarinho mais desenvolvido responde: -Fui tentar voar, mas acabei derrubando o meu irmão e caindo também.

Então, o macaco pega os dois, sobe na árvore e os devolve novamente ao ninho.

Moral da história: Se não estamos realmente preparados, não devemos arriscar.

Paulo Rodrigues Alves-Pseudônimo: Paulo Rodrigues

Naturalidade: Cedro de São João - SE.
Escolaridade: Bacharel em Ciências Econômicas. Técnico Superior de Gerência de Empresas e Técnico Agrícola. Nível de Pós-Graduação em Projetos de Desenvolvimento Rural Integrado. Ex-Professor das Faculdades **Integradas TIRADENTES** e Chefe do Departamento de Economia. Ex-Extensionista Agrícola e Chefe do escritório de Extensão Rural da

ANCARSE em Lagarto - SE. Ex Fiscal Orientador e Técnico do BNB, concursado. Membro efetivo da União Brasileira de Escritores - UBE - Núcleo de Arapiraca - AL. Ex-Vice Presidente da Comissão Estadual de Sementes e Mudas da Secretaria Estadual do Ministério da Agricultura, em Sergipe - SE, **microempresário** e Presidente fundador em 2018 da Academia de Letras e Artes de Cedro de São João - SE, - ACLEA.



A FLOR DO MANDACARU

Ao fitar tua beleza,
Não obstante a aspereza,
E inclemência do sertão,
Infiro em minha certeza,
Que no curso da tristeza,
Há flor de consolação.

Teus espinhos são defesas
De toda tua pureza,
Dada pelo Criador.
O néctar e o perfume,
Igual grandeza resumem,
Daquele que ti criou.

E enquanto a acauã no canto,
Assemelhado a um pranto,
Prediz seca pro sertão,
A flor do mandacaru,
Assim como o cururu,
Auguram chuva e trovão.

Oh! Sertão misterioso!
Rico e pobre, mas ditoso,
Pelos frutos produzidos.
Na aridez expões a flor,
No riso e no pranto - o amor,
Dum povo heróico e sofrido.



Paulo Rodrigues Aracaju - SE, 07/04/2021

Pietro Lemos Costa

Escritor. Poeta. Agente e Produtor Cultural. Presidente da Academia Cruzeirense de Letras. Membro de Academias e Entidades Culturais no Brasil e no exterior.



QUE SAUDADE, CIDADE!

Fico liberto de qualquer quebranto
A bordo do bugue em Morro Branco

Para encantar as minhas letárgicas retinas,
A performance divina das falésias coloridas

Sou transportado a uma esfera alternativa
A Praia do Futuro é só leveza, calor, alegria

Bons ventos me levam também a Cumbuco
Kite Surf é frenesi alçado a um nível absurdo

Aqui nem na segunda-feira há espaço pra desconsolo
Teatros, cinemas, shows, museus, bares em alvoroço

A capital cearense é bem mais do que o Beach Park
E do que esse poema - é um manifesto de saudade

Rosalvo Feitosa dos Santos Neto

Rosalvo Feitosa dos Santos Neto nasceu na cidade Aracaju-SE, no dia 18 de setembro de 1967. É membro da Academia de Letras da cidade de Pão de Açúcar/AL. Nome artístico “Serapião du Aracaju”.



MENINO PENSAMENTO

Menino Pensamento
Que pensa em amar
Que sonha em ser
Aquele que não é...
Que corre atrás dos pássaros
Que anda no barquinho
E dorme no arco-íris.
Que voa num cavalo alado
No imenso céu azul
Que corre na chuva
Que molha os pensamentos
Para um esquecimento
Que se torna um vento
Que derruba as folhas
Que voa como um pássaro
Que nada como um pato.
Menino

Pensamento

Que anda nas noites de luar
Querendo ser um lobisomem
Porque acha bonito uivar
Que fica na solidão

Se torna um Sansão
E começa a gritar.
Menino Pensamento
Que não se esquece
Do seu Pensamento
De querer ser
O que não é...
Menino Pensamento.



Aracaju/SE, 1º de julho de 1986.

Rosyelly de Araújo Cavalcante

Nascida na cidade de Águas Belas em 06 de fevereiro de 1987. Filha de Vandilma Ferreira de Araújo Cavalcante e Ronaldo Cavalcante de Oliveira. Doutoranda em Linguística (UFPE), professora da Rede Estadual de Pernambuco e Municipal de Águas Belas. Participou de coletâneas e antologias nos estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e São Paulo.



INFÂNCIA

Era só uma menina
Olhos brilhantes
A segurar a boneca
Sentada a brincar.
Não imaginava,
ERA UM ENSAIO.

Montar a casinha, arrumar, organizar
Cuidar das “filhinhas”
Trabalhar, alimentar, proteger...
Não imaginava,
ERA UM ENSAIO.

Quanta correria com as “filhinhas”
Banho, comidinha, trocar a roupinha,
Levar ao parquinho, escolinha, tarefinha
Dar remédio, cuidar, balançar, ninar...
Não imaginava,
ERA UM ENSAIO.

Era a mamãe da brincadeira
Seus afazeres e as “filhinhas”
Dando conta de tudo sozinha
Não imaginava,
ERA UM ENSAIO.

A infância junto as “filhinhas”
Dar conta da casa sozinha
Se arrumar, maquiar, não engordar
Linda, cheirosa e na moda
Não imaginava,
ERA UM ENSAIO.

(...)

Terminada a brincadeira
Toda bagunça organizar
Cada filhinha arrumadinha ia “nanar”
Não imaginava,
NÃO ERA ENSAIO.



Arrumar, guardar, dar banho, alimentar,
Mimar, cuidar, amar, contemplar
Filhinha nos braços cansados
Não imaginava,
NÃO ERA ENSAIO.

De frente ao espelho
Olhos, cabelos, boca
Tinturas para maquiar
Perfeição idealizada
E-XI-GI-DA
Não imaginava,
NÃO ERA ENSAIO



Renilton Gomes Silva

Renilton Gomes Silva, nasceu no Sumaré, povoado de Piritiba na Bahia. Desenvolveu-se como profissional e como gente em Miguel Calmon - Bahia (terra de adoção) e desde 2006 reside em Feira de Santana. Cursou História na UNEB (Jacobina - BA). Publicou com edições independentes Crônicas de Canabrava: outras

veredas (2013); O banco da praça está vazio (2017) e Memórias de qualquer lugar (2019). Agora, em 2021 pela Garcia Editora publicou Calça-Curta: histórias e memórias de Canabrava do Piemonte. Em 2000 foi premiado no Concurso de Poesias Dermival Miranda Santos com o poema Morte da Morte.



ROSA BENTA LÁ DE LONGE

LONGÍNQUO fim dos anos setenta
depois das ladeiras da Jiboia do Brejinho
e tantas curvas AMARELAS, Rosa Benta

AMARELOS eram os cocos babaçu
aconchego, pé da Serra, um cantinho
encantos do JACUÍPE, mais que o Paraguaçu

JACUÍPE dos banhos pra depois rodar a rua
noites escuras, amigos, amores, carinho
menino homem, SAUDADE, alma nua

SAUDADE viva, alimentada de paixão
eu volto lá e percorro o mesmo caminho
tempo LONGÍNQUO que andei naquele chão

Renilton Silva
17.03.2021

Sebastiana Fernandes de Amorim

Sebastiana Fernandes de Amorim, Alagoana, casada, natural da cidade de Maribondo, graduada em História com Especialização em Docência para o Ensino Superior, Professora aposentada, Escritora com 11 livros publicados, destes, 7 destinados ao público infanto-juvenil.



O ZÉ QUE NUNCA FOI ZÉ

Contava o Dedé Pinóia
Que lá no sítio Capacho
Morava o Zé comedor
Seu prato era um tacho
Quando estava com sede
Metia a boca no riacho.

Quando chupava cana
Engolia até o bagaço
Não gostava de mulher
Se vestia como palhaço
Bebia tanta cachaça
Que dormia no terraço.

Gostava de goiabada
De marmelada chamava
Sarapatel e buchada
Ele mesmo preparava
Eram seus pratos prediletos
Mas de mulher não gostava.

Quando sentava pra comer
Um quilo de arroz não dava
Na janta tinha que ter
Tudo que ele gostava
Quando soltava um pum
O odor se espalhava.

Pobre do Zé tão afoito
Alegre e comedor
Mas não se pode negar
Era muito trabalhador
Morreu sem sentir o gosto
Do tempero do amo



CONSEQUÊNCIAS DA PANDEMIA

Desde o início do ano de 2020 até o momento, segundo mês do ano de 2021, os brasileiros têm passado por dias inquietos e agitados, de angústias, ansiedade e muitos obstáculos. Estamos imersos num verdadeiro caos de saúde pública nunca visto em nossa história, sem contar com a instabilidade psicológica e emocional. Tudo isso vem em decorrência da Pandemia causada pelo Novo Coronavírus, que surgiu inesperadamente e causou a doença conhecida como Covid-19. As consequências dessa doença são inúmeras, dentre as quais estão as mortes de parentes e amigos, o isolamento social que, conseqüentemente, causa a solidão, que acarreta depressão e outros males irreparáveis.

É considerável o número de dados sobre as mudanças no comportamento humano, especialmente de jovens e adolescentes que até o surgimento da pandemia trabalhavam, estudavam e tinham uma vida considerada normal. De modo bastante emergente, as pessoas foram presenciando as lojas sem movimento, deixando inúmeras pessoas desempregadas, assim como outros males que afetam os relacionamentos, como: desarmonia entre os casais, filhos presenciando cenas desagradáveis no lar, mudança repentina na alimentação devido à falta de dinheiro etc.

Nesse contexto, surge o desespero. Com ele, os jovens partem na busca por soluções. Não encontrando, entregam-se às bebidas e às drogas, levando alguns até o suicídio. É incalculável o número de mortos no Brasil e em todo o mundo, bem como é imenso o número de pessoas depressivas, pois as más emoções provocam estresse e cansaço tanto quanto os dias longos em árduos trabalhos no sol causticante do Nordeste.

Diante desse cenário, o que fazer para eliminar o estresse? Não é fácil. Cada pessoa tem seus problemas, seu temperamento e sua maneira de agir diante de tantas situações. Vale salientar que a melhor forma de amenizar o estresse é saber lidar com as situações, encontrar tempo para que se possa relaxar, refletir, ocupar a mente com

atividades prazerosas, ter fé, esperança, atitudes e pensamentos positivos. As pessoas precisam ficar livres da tensão, preservando a paciência, não se detendo em notícias tristes, procurando tempo para conversar com Deus através da oração, fazendo caminhadas, ouvindo boas músicas, lendo bons livros, dentre outras distrações. Tudo isso pode ajudar as pessoas a encontrar alternativas que proporcione paz espiritual, alegria e felicidade.

No momento atual, a vida moderna e as tecnologias avançadas trazem para os seres humanos várias emoções, como: o medo, a violência, a turbulência no trânsito, a correria do dia a dia causada pela ânsia do ter e do poder, os atritos familiares e tantas outras que nosso sistema de defesa e o imunológico não somente cai como desaba. Os pensamentos negativos são prejudiciais, assim como as boas emoções são benéficas para a mente e para o corpo. Todos nós vivemos em busca da felicidade, mas será que vamos conseguir isso um dia? Acredito que sim, porque creio no amor de Deus para com seus filhos e penso que esse amor vai transformar a humanidade e, conseqüentemente, acabar com o desamor, o ódio, o egoísmo, a inveja, a ganância e a sede do ter e do poder. Enfim, um mundo de bem conosco, no qual todos possam encontrar a felicidade que tanto almejam.

Diante disso, precisamos procurar andar com fé em Jesus, o Cristo de Deus, buscando Nele forças para enfrentar os obstáculos.

A Ele devemos pedir o fim da pandemia, sem desespero, olhando para frente com passos firmes, em busca do caminho da paz, repleto de muita luz.

Simone Santos de Jesus Cruz

Natural de sergipana. Formada em Pedagogia pela Faculdade Pio Décimo, e em Letras Português/Inglês pela Universidade Tiradentes. Especialista em Educação Inclusiva. Atua como pedagoga na Rede Municipal de Aracaju e como professora de Língua Portuguesa na Rede Estadual de Sergipe. É membro efetivo da Academia de Letras Socorrense (ALS). Acadêmica Fundadora da Academia Internacional Mulheres das Letras. E tem muita satisfação em participar desta antologia.



UM ENTARDECER NA PRAIA

Não foi planejado. Arrumamos tudo e fomos à praia. Aquela seria uma tarde normal se não fosse durante a pandemia, pois antes desse período turbulento, costumávamos sair uma vez por semana para arejar a mente.

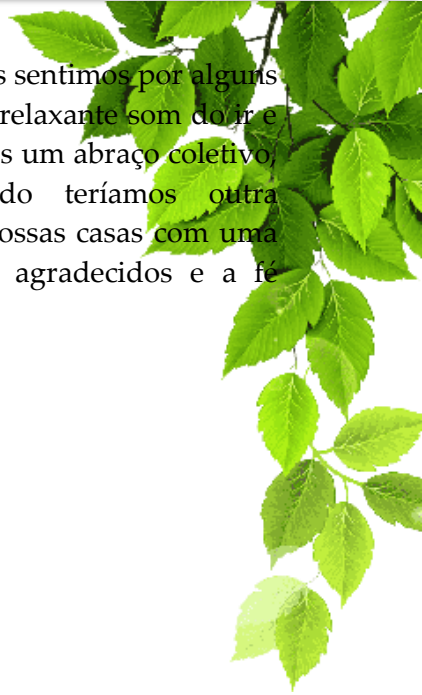
Mas após meses em casa, sem sair para nada, algumas horas em frente ao mar foram uma benção para todos.

Viajamos por, aproximadamente, uma hora. Chegando lá, ainda continuamos de máscaras. Até que minha sobrinha indagou: "mas tia, por que estamos de máscaras se não tem mais ninguém além de nós aqui na praia?"

Tiramos as máscaras e rimos bastante de felicidade. As duas meninas sentaram-se na areia. Fizeram até castelinhos! Eu e minhas irmãs observamos o mar e sua exuberante beleza ao por do Sol ali mesmo de pé, mas valeu muito a pena.

Em seguida, abrimos os braços em agradecimento a Deus, respiramos aquele ar puro, querendo levá-lo para casa.

Com os olhos fechados e os braços abertos sentimos por alguns instantes a brisa a nos tocar e ouvimos o relaxante som do ir e vir das ondas. Após esse momento, demos um abraço coletivo, pois não tínhamos ideia de quando teríamos outra oportunidade daquela e retornamos as nossas casas com uma sensação de paz na alma, os corações agradecidos e a fé renovada.



Sôina Lúcia Alvares Fernandes

Poetisa, escritora e coaching em Inteligência Emocional. Natural de São Luiz do Maranhão, quarta filha de Antenor Gonçalves Fernandes, dentista, oficial reformado do Exército e Confrade correspondente do Rio de Janeiro da Academia Groairense de Letras (CE) e de Maria Amélia Álvares Fernandes. Sou formada em Letras pela Universidade Estácio de Sá, RJ, MBA em Gestão de Empresa e RH, Master Coaching e trabalhei 24 anos com Supervisão e Liderança em uma empresa de Informática. Atualmente moro no Rio de Janeiro, aposentada, mas ativa dando cursos On line de RH e Gestão de Pessoas, treinamento para Gerentes e Formação de líderes.



A CIGANA E O GUERREIRO

Houve um tempo, no passado,
Uma história bem contada,
Entre um Príncipe Guerreiro
E uma Cigana Encantada!

No tempo em que as Matas
Era o Lar do Rei da Flecha
Tudo ali era sonho,
Tudo ali era festa!
E o reino da bicharada
Também sabia de cor
A história do amor da Cigana
Pelo Príncipe Caiapó!
Grande tribo guerreira

De lutas, bravuras, sem dó!

Chegaram de muito longe
Mais de cem andarilhos.
Faziam festa na noite
E da noite faziam seu trilho.
Cantavam ao redor da fogueira
E o fogo do vinho reinava
E mais bela era a Princesa
Que em volta do fogo dançava!
Ao longe, Ierê da Mata
Perdido de encanto via
Aquela imagem sublime
Como o canto da cotovia!
Um dia banhando-se nas águas
Da cachoeira, ao luar
A linda Princesa Cigana
Começou o seu encantar:

*“Por quem cantar tantos versos
Por quem jogar tantas flores
A quem entregar o meu pranto
E o pranto dos desamores?”*

Se a lua trouxe Ierê
Das Matas ao seu coração,
Nascia vermelha a ferida
De amor e pura emoção!
Ierê e a Cigana Morgana,
Que assim se chamava a Fada
Que enfeitiçou o guerreiro



No caminho de sua estrada,
Deitaram-se ao relento da noite
E de estrelas teceram sua taba!
Mas, os ventos do tempo, invejosos
Ao Pai Chefe, descobriu

Que o filho morria de encantos
Por um encanto tão vil!
E baixou a Lança à fogueira
Para um fim tão cruel!

Não houve mais festa no mato,
Não houve mais vinho ao léu.
O fogo não mais acendia,
A dança crepitava no ar.
Os andarilhos choravam,
O seu canto alegre calava,
Morria a Cigana Morgana,
Morria a Princesa das Matas!
E o Príncipe, de lança em punho,
Bradou o seu grito de dor,
Lançando-se na cachoeira
E na saudade do seu amor!
Ierê ainda hoje brada,
Chora seu grito de dor.
É feito de estrelas escuras,
É puro guerreiro de Amor!

Morgana ainda hoje vive,
Feita estrela no céu!
E sempre que nasce a Lua



A fada se faz de luz
Levando seu belo guerreiro
Aos pés de sua cruz!
Deitam-se, nus, ao relento
E tecem juras na luz,
Que no eterno de perdem,
Que ao eterno conduz!

Houve um tempo, no passado,
Uma história bem traçada
Entre um príncipe guerreiro
E uma Cigana Encantada!



Susanne Messias de Farias

Arapiraquense, Cristã. Professora apaixonada pela educação, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, em Docência do Ensino Superior, em Psicopedagogia Institucional com ênfase em Educação Infantil e Educação Especial, todas pela Faculdade de Ensino regional Alternativa. Mestranda em Dinâmicas Territoriais e Cultura da Universidade Estadual de Alagoas. Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Ensino Regional Alternativa. Graduada em Agronomia na Universidade Federal de Alagoas. No âmbito do ensino, Atua em projetos voltados a Pedagogia Humanizada. Coordenadora do grupo de Pedagogia Humanizada Tutora do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI na modalidade EAD. E membro da União Brasileira de Escritores- UBE e Sócio Honorário da Academia Arapiraquense de Letras- ACALA.



A IMPORTÂNCIA DA AMIZADE APÓS UM TERMINO

Após o termino do relacionamento, é comum voltar completamente desesperada em busca dos “ amigos perdidos”, afinal você sumiu, por meses até por anos, rsrs... desde que começou a namorar, não tinha mais tempo para marcar nem aquele cafezinho do fim de tarde, que já era rotina da turma sempre que possível marcar para colocar os papos em dia.

Com o término vem a necessidade de termos um colo amigo que possa nos ouvir, para que assim possamos; fazer as nossas reclamações, lamentações usamos os clichês, e aquelas frases prontas para tornar esse momento ainda mais

melancólicos, choramos e no fim até rimos um pouco e sim, neste momento gostaríamos de tomar até aqueles cafezinhos de fim de tarde com sabor doce de uma boa conversa.

Mas quem disse que é fácil depois de muito tempo sem falar com seus amigos chamá-los para sair, principalmente por que neste momento seria só para te ouvir, afinal você não está nem afim de ouvir sobre o que passou em sua volta pelo tempo que sumiu da turma.

Vem longo um monte de pensamentos sobre todo o tempo que passou afastado, se eles ainda irão querer falar contigo, vem aquela vergonha e medo da rejeição, afinal você sumiu... nem uma mensagem de bom dia, como você está? Foi enviada nos últimos meses.

Contudo, entenda que, os verdadeiros amigos sempre estarão com seu ombro amigo para te acolher, no momento do teu sofrimento, todavia pode ser que não seja da forma como gostaria que fosse, mais estará lá falando e te aconselhado, só não esqueça que quando o novo amor chegar, suas amizades também serão prioridades e elas já existiam antes de se relacionar.

Solange da Gama Pinheiro- (Sol Pinheiro)

Nasceu em Cristinápolis/SE. Considera-se uma “**Aprendiz de Poesia**”. Com publicações em várias Antologias Literárias, e em sites, como o Recanto das Letras. Mem. Fund. Acad. Cristinapolitana de Letras e Humanidades, Acad. de Letras do Brasil Suíça-Núcleo Sergipe; Membro da Academia Lítero Cultural de Sergipe, da Acad. Municipalista de Sergipe e da Academia de Letras de Aracaju-ALA.

Recebeu o Troféu Falcão de Ouro-IV Bial de Itabaiana, Troféu Amigos de Glória e das Letras-AGL/SE/2017; A Ordem do Mérito: ALBS em Santa Catarina/2018, Troféu Caju de Ouro, SE/2019.



ANSIOSA ANSIEDADE

A cada instante em que vivemos,
Nos consome inexplicável sensação;
Embriaguez,
Esta resulta em imensa saudade;
Por vez,
Poderia ser maldade escondida,
Talvez.
Uma morbidade coletiva gerando,
Insensatez.
No íntimo é tanto sufoco fermentando,
Acidez.
Andamos a passos lentos, o que nos guia?
Lucidez!

Somos malabares incansáveis aprendendo,
Altivez.
Ansiosa ansiedade vai causando, Absurdez!



Fátima Stela Bezerra Viana Barbosa

Doutoranda em Ciências da Educação (2020) possui Mestrado em Ciências da Educação (2013). Membro efetivo da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil – AJEB-MA. Publicou o livro *Participação dos pais na gestão escolar* (2018). Coletânea Editora Atena – *A Língua Portuguesa em dia* (2018). Artigo na Revista *Cocais do Saber – Afetividade no processo de alfabetização* (2019). Revista *Psicologia & Saberes –*

Contribuições da educação popular, no livro da Pedagogia do Oprimido segundo Paulo Freire (Revista *Qualis* – 2020) e outros artigos. Prestou serviços como professora na Universidade Estadual Vale do Acaraú, Instituto Florence de Ensino Superior, na Secretaria Municipal de Educação em Caxias – MA, atuou como Diretora de Ensino (2017-2020) e logo depois como Secretária Municipal de Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação – SEMECTI (2020) em Codó – MA, atualmente é Diretora de Educação na Unidade Regional de Educação – URE/CODÓ.



ARTIGO DE OPINIÃO

A ALFABETIZAÇÃO E SEUS DESAFIOS

A alfabetização é uma etapa fundamental na educação. Ser alfabetizado não significa apenas codificar e decodificar as letras que formam palavras, mas incluir as habilidades de letramento e numeramento. O investimento nos primeiros anos de ensino tem sido algo constante nos sistemas de governo, seja ele federal, estadual ou municipal e os avanços já começam a ser evidenciados, mas ainda há muito o que se fazer para que os objetivos de alfabetizar novas crianças sejam realmente alcançados.

Precisamos entender que a educação não é possível trabalhar como sendo algo individual, pois é um processo onde podemos confirmar que recebemos dos meios mecanismos que interfere diretamente na aprendizagem do novo aluno, pois eles aprendem através da observação, do diálogo, dos jogos e assim acabam construindo o seu próprio conhecimento através da realidade que vive e convive.

O que se percebe diante de tantos estudos em relação a prática de alfabetizar que não temos formula certa, pois cada criança aprende de forma diferente, e que cada um tem um aprendizado que traz de casa e que a escola precisa explorar e aproveitar para avançar e assim cada um tenha o seu direito de aprender respeitado.

É necessário que os educadores possam assim conhecer as metodologias que venham trazer um melhor resultado para o aprendizado do seu aluno. Somos sabedores que o analfabetismo precisa ser bem trabalhado para que a nossa educação melhore, pois sem aprender a ler e a escrever jamais dominaremos as outras áreas de conhecimento.

É necessário que cada um de nós educadores vejamos o que podemos fazer como profissional para melhorar o aprendizado e ensinar os alunos o que é mais essencial e importante que é ler e escrever. Com isso precisamos definir qual é o objetivo real das nossas escolas, de forma que o nosso aluno perceba a função social de tal aprendizado e assim estabeleçam um diálogo com o mundo.

Suzana Boechat Rosa

É natural de Governador Valadares, leste de Minas Gerais . Filha de Moacyr e Celeide, guerreiros de uma vida , é mãe de Danton e Mateus. Exerce a odontologia há 30 anos em Belo Horizonte. Encontrou na poesia uma forma de íntima expressão emocional e espiritual.



É DEUS!

Tô tentando falar contigo,
mas, tá uma embolação em minha cabeça!
É como se houvesse um entrelace de assuntos,
quase um nó...
Falo uma coisa, já pensando em outra.
Preciso silenciar minha mente,
gastar tempo comigo e
com o que realmente interessa.

O difícil é esperar minha resposta,
mas, nesse momento,
escrevendo,
já obtive ...
"Silencie, querida! Silencie sua mente."

Hoje, acordei com a sensação de ter sustentação em pernas de pau.

É como se eu as amarrasse em um sustento a mais que as impedisse de despencar.

Estão trôpegas, medrosas, indecisas.

E como boa adulta que "sou", saio por aí,

Cara de paisagem,

E tudo parece bem.

Mas não...

Claro que não.

Preciso encontrar tantas coisas ou "Uma",
a mais importante:

Meu lugar de sossego e descanso,

do qual conheço bem o caminho,

mas meus emaranhados mentais tem me impedido.

Escrevo por isso...

Escrevendo ponho as devidas palavras,

desmancho uma,

coloco outra que realmente se encaixe ali.

A palavra me concentra,

me situa,

acha o meu eixo.

E nesse dia que amanhece,

quero estar aqui, onde estou,

comigo...me escarafunchando.

Só assim, paro de repetir palavras vãs

e falo Contigo na "real".



"Guarda-me, oh Deus!
Porque em Ti confio.
Frase de um Salmo que expressa bem o que sinto .
Guarda-me!
Guarda nossa saúde!
Não quero ver tragédias mais não, Deus! Diz meu coração.
Guarda-nos!

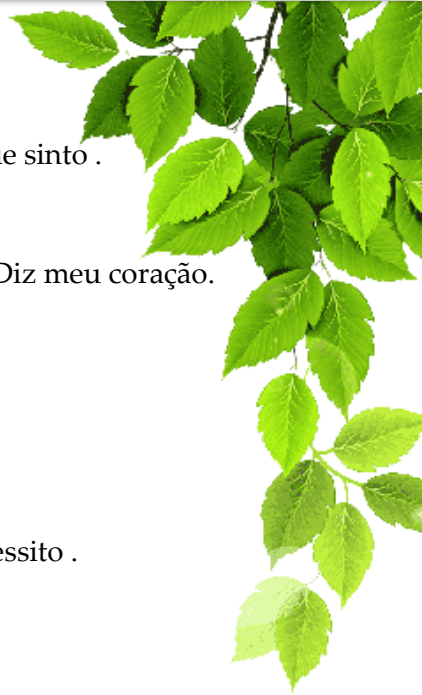
E na ânsia de continuar a vida,
sem descartar a realidade,
guarda meu coração,
firme em Ti.
Mais que nunca, é de fé e entrega que necessito .

Encontrar luz,
Iluminar,
Clarear o obscuro...
Enfim, ter condições para começar o trabalho de colocar as
coisas em seu lugar,
sem a ansiedade que estava aqui.

Obrigada, Deus!
Já me visualizo sentada,
sem as pernas de pau,
com as mãos nas peças de um grande quebra- cabeças
já bastante montado.

Tranquila!

Gratidão!



Thiago Sotthero

Nascido em Santana do Ipanema, mas natural de Maravilha - Alagoas, com formação em Técnico Agrícola em Agropecuária, Membro Correspondente de Academia Literocultural de Sergipe (ALCS) Membro Correspondente do Café Poético filosófico de Pão de Açúcar-Alagoas, Membro efetivo UBE (União Brasileira de Escritores), Membro honorário da Academia Arapiraquense de Letras e artes (ACALA), Membro ocupante da Cadeira N° 169 da Academia Independente de Letras, Persona "Caos", da ordem Ecriptorium AIL, União Sertaneja de Escritores (USESC). Com a Obra publicada em novembro 2018, intitulada o "Ser Solitário", Organizador da Obra Antologia Maravilhense de Escritores, Leitores & Convidados, E encontro de Escritores Maravilhense em 02 de janeiro de 2021.



RUGE

Sou poesia que ruge
Alto na montanha do silêncio
Obscura na frígida noite
Engano das linhas
Que mostram um caminho
De facetas e gavetas
Que descobri no emaranhado
Essência dos amores
Que brotas feito lótus
Brotos de rosas
Desabrocham junto ao orvalho
Formando-se nos respingo humido

Escorre sobre a pétala
Feito igual a lágrima

Caminhando na face
E desaguando no rio profundo,
O leão do caos
A frustração da inquietação
Murmúrio da decepção
No arco-íris em sua cores
Felicidades que brotam
Dentre a linhas discretas
Sem falar o que sente
Mas mostrando-se os mistérios
Do que sente,
Sentir, leve brisa a sorrir,
Sorrir ao rugir da noite
Que poesia-me e poesia-se.

Thiago Sotthero



Umberto Luiz de Melo

Paraibano, filho de Pedra Lavrada/PB. funcionário público municipal, onde exerce o cargo de assistente administrativo na prefeitura municipal de sossego/pb, sanfoneiro por hobby, locutor de Fm comunitária, por ser admirador da literatura de cordel resolveu colocar em prática alguns versos, divulgando seu primeiro trabalho cultural na primeira antologia “encantos nordestinos”.



MEIO DE TRANSPORTE- POR UMBERTO MELO

Hoje em dia não se sabe
Qual transporte que convém
Se é avião carro ou moto
Navio barco ou trem
Só sei se não for castigo
Mas risco e muito perigo
Em todos que falo tem

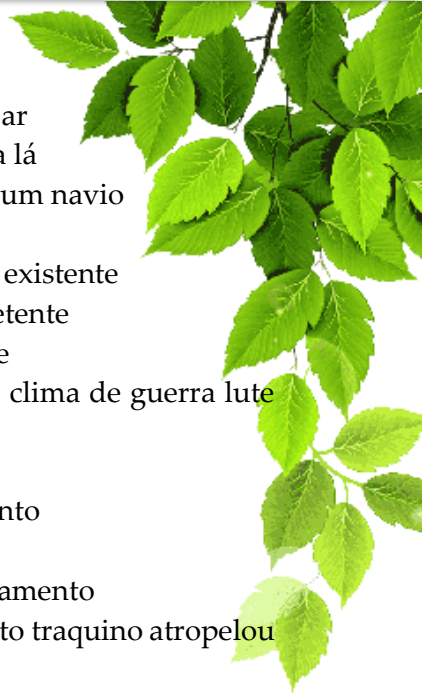
O avião nas alturas muito
Líder em segurança
tem deles que pega o carro sentindo mais confiança
motoqueiro que empina para mostrar sua sina e demonstrar
liderança
pra aparecer mais bozina achando que sua tina é fruto de
esperança

outro transporte seguro e conforto em viajar
não falo de carro nem moto sprit deixo pra lá
quando penso me arrepio não esqueço de um navio
flutuando em alto mar
mas para se conduzir qualquer transporte existente
se precisa de prudência e ser muito competente
para evitar transtorno prejuízo ou acidente
quer seja pelo ar mar ou terra mesmo em clima de guerra lute
por sobrevivente

caro amigo adriano não usou do pensamento
viajando em sua bis atrás de divertimento
sem pisca farol nem bozina fraca de equipamento
lhe ironizou o destino mesmo sem ser muito traquino atropelou
um jumento

figura maravilhosa adriano de zé flôr
desfrutava um feriado com muita paz e amor
lá no sitio cisplatina com colegas de campina lugar de muito
valor
colegas lhe recebiam mas de vez enquanto diziam cuidado neste
motor

diz adriano vou embora com pileques na cabeça
alguns amigos ressaltam pedindo que permaneça
e adriano resistente a conselhos persistentes
diz vou e não me aborreça.



e seguiu estrada à fora sem nenhuma proteção
sem capacete nem luva pra completar sem blusão
desenvolvendo carreira soltando muita poeira mesmo sem
competição
e sem pensar em perigo muito pior em perigo dentro da
escuridão.

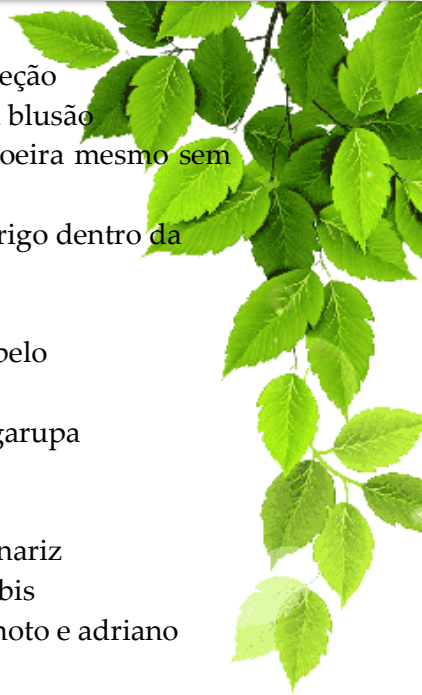
e chegando em cumarus lugar pequeno e belo
em toda velocidade que parecia um duelo
não sei se por sua culpa más foi parar na garupa
do burro de basto melo

para um lado cai adriano sangrando pelo nariz
do outro lado o jumento por baixo da sua bis
e se com o espirito não me engano só da moto e adriano
conto de um final feliz.

que pra latada de um curral o jeguinbho foi levado
ficando bastante tempo bem cuidado e medicado
e seu basto não dizia mas só ele e deus sabia
de um sentimento pesado.

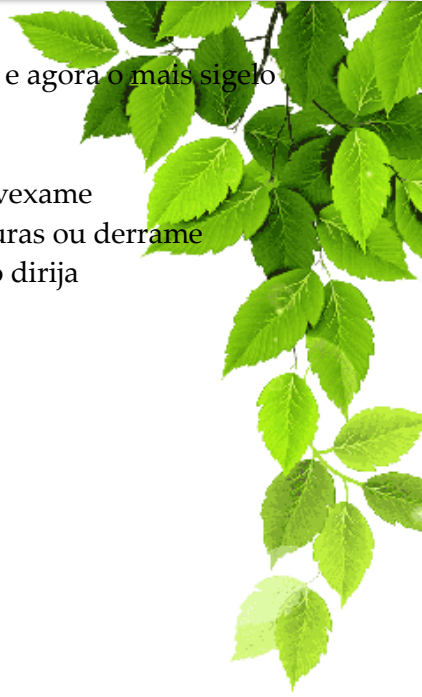
e é como diz o ditado e falo na poesia
ainda que se prolongue pra morte tem o seu dia
e o jeguinho foi embora restando só as esporas
seu bridão a sela e asia.

sei que a morte do jumento preocupou basto melo
dizendo quase chorando na vida mais um duelo
não sei porque o destino como sempre me arrasa



perco animal de pelo morre animal de asa e agora o mais sigelo
que eu tinha na minha casa

não dirija embriagado estressado ou com vexame
para evitar acidentes com fraturas amputuras ou derrame
cumpra o que a lei exija se excedendo não dirija
más quando for beber me chame.



Valdenísia Matoso Macedo

Natural de Jacinto – MG. Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Literatura Brasileira – pela Universidade de Brasília – DF – cidade onde vivo desde 1973. Atuei como professora de Língua Portuguesa, por um bom tempo. Sempre gostei de ler, como também de escrever textos. Vejo na escrita uma oportunidade de expressar sentimentos e pensamentos, frutos dos aprendizados ao longo da caminhada, permeada por momentos marcantes, em vários aspectos.

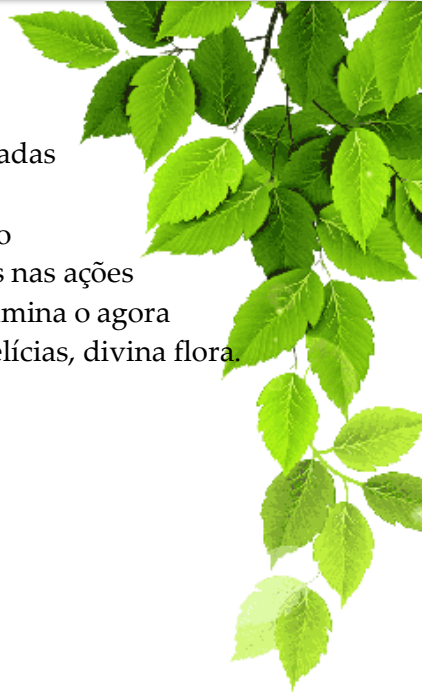


LEMBRANÇAS

Lembranças
registros meus, iluminadas histórias
revivem ternuras, afetos, divinas glórias
desarquivam encontros, com sorrisos sinceros
guardados no santuário do coração, divinos elos
lembranças
botões perfumados, extasiam, florescem
reliquias douradas de paixões não fenecem
amizades coloridas, harmoniosamente bordadas
alto relevo de aconchego nas dores, mesmo truncadas
lembranças
despertam encantos adormecidos
marcas doídas, decepções, tempos idos
entorpecem espinhos fincados na respiração
promessas, sonhos, enganos, infinitas ilusões
lembranças
desejos de rever joias da alma

livro da vida, poema que voa, salta
mil e uma noites de juramentos cantados
palavras de eterno amor, nos versos ilustradas
lembranças

memórias tecidas pelos ponteiros da razão
pérolas na concha, experiências profundas nas ações
energia que alimenta a fonte do porvir, ilumina o agora
reaviva prazeres sutis, felicidades, suas delícias, divina flora.
Val MM



Vânia de Oliveira Freitas

Vânia de O. Freitas, Instrutora de Yoga Integral. Educadora em Valores Humanos. Terapeuta e/ Alinhamento Energético, Crânio Sacro, Yogaterapia, Ayurveda, Mesra em Reiki.



JORNADA

Fagulha que incendeia
Fagulha que é jogada na manifestação
Centelha – Luz
Semente
Si
Self
Mergulhada na Existência terrestre
O que evocas?
Impulsiona a Evolução
Abraçada inteira
Abraço Incondicional
A Vida.

Prema Shakti

Wal Ferry Silva

Taquaranense, residente em Arapiraca/AL. Professora. Poetisa. Cronista. Amante da Literatura. Amo escrever porque as frases vão aparecendo e se acendendo como brasas, cruzando-se e entrecruzando-se como as cicatrizes de feridas antigas. Tem publicações de poemas, crônicas e artigos. Membro efetivo da União Brasileira de Escritores-UBE-Arapiraca. Idealizadora e organizadora da I Antologia Taquaranense de Escritores, Leitores e Convidados: O Agreste em Evidência.



SOLIDÃO

Entrou em minha vida,
Chegou sem avisar.
Conheceu meus segredos,
Vivemos momentos bons.
Contemplamos as estrelas,
Tudo era tão leve.
Mas, um dia você decidiu partir
E me deixou aqui com a saudade.
Saudade do sussurrar da sua voz,
Do seu cheiro,
Do gosto da sua boca.
Saudade da alegria louca,
Dos beijos dourados e ardentes,
Do amanhecer com você.

Ah! que vontade de te amar!
Volte rápido pra junto de mim.
Você era a minha alegria,
Minha mania,
Cadê você?



Zeferina Grijó Cavalcante

Sílvia Grijó – de Anorí-AM, é professora, poeta, escritora, graduada em Ciências Naturais, Especialista em Educ. e Desenvolvimento Social e Educação do Campo. Autora do Livro Mulher à Flor da Pele/Ed.Palavra da Terra



DESAFIO – EM TEMPO DE PANDEMIA

Segunda-feira, dez horas, vinte e sete de abril de 2020... Meu Deus! Quarenta e quatro dias em clausura - Solidão Social – isolamento, afastamento, separação – tudo muito confuso, indefinido, duvidoso, incerto...E nesse cenário de tanta tensão, acordo atordoada - esse tempo cinza tem me deixado assim, sem noção de tempo e de espaço, meio “Alice no País” sem Maravilhas... Sinto falta de algo em mim, levanto-me, olho no espelho, me analiso da cabeça aos pés – tudo parece estar nos seus devidos lugares... Mas, alguma coisa me angustia - o que há de errado? Novamente miro o espelho e pergunto – o que ou quem está faltando em mim? Você? Ele? Ela? Vocês todos? Também! Porém, o que estava me causando toda essa sensação naquele momento, era a falta dele - meu Grito... É, o meu grito de toda manhã que se torna luz...

- Aquele grito que acorda o meu bom humor;
- Aquele grito que acorda o meu riso;
- Aquele grito que acorda a minha vontade de VIVER;

- Aquele grito que acorda a minha Liberdade;
- Aquele grito forte que acorda a firmeza da Mulher valente e verdadeira que sou...

Ele deve estar por aqui. Perdido. Escondido ou guardado em algum lugar, nesse quarto. Estaria ele em mim? Encontrá-lo é o meu grande desafio de hoje.

Não sei por onde iniciar essa busca... Mas, remexerei tudo, até achá-lo. Estaria ele, envolto nos lençóis dormidos? Ou na gaveta preta da mesinha ao lado? Ou estaria no guarda-roupa, escondido naquele agasalho que nunca usei? Quem sabe, posso encontrá-lo na caixinha de joias!? Já decidi, vou tomar um banho de prazer, mergulhar nas espumas da saudade, me perfumar toda de alegria, vestir-me de bom humor, pintar a boca com sorrisos sinceros; proteger os olhos com lentes de Esperança; calçar as sandálias da Fé e Gritar... Gritar forte, soltar a voz - e trazer de volta a essência da Mulher bela e corajosa que faz parte de mim...

*Coautores Convidados
Fortalecendo Laços-
Internacionais*

Francisca Thiesca de Oliveira

Francisca de Oliveira, nome literário Thiesca de Oliveira, nasceu aos 21/06/1970, em Teresina Piauí, filha de Zelina Rosa do Espírito Santo, vive atualmente em ManresaBarcelona-Espanha, seu lema é A vida e a arte, juntas em qualquer parte.



FORTALEZA, FORTALEZA

Oh povo abençoado
É o povo nordestino
Sempre alegre e
animado
Sorrindo como um
menino

Mas agora irei falar
Da querida Fortaleza
Que todos vem a encantar
Por sua grande beleza

Fortaleza, Fortaleza
Tem cenário envolvente
Suas praias que
grandeza
Fascinam a toda gente

É o palco dos artistas
Da cultura popular
Da visita dos turistas
Que quando vem
Quer voltar

Fortaleza tem ainda
Uma vasta culinária
Que nos dar as boas vindas
Com receitas legendárias

Cuscuz e bolo de leite
Baião de dois, tapioca
A moqueca cearense
É de dar agua na boca

O folclore é tradição
Com danças e violeiros
Que comove com a canção
Bumba meu boi e pandeiros

Por fim é grande a lista
Que fazem de Fortaleza
Excelência em artistas
Exuberante em beleza!!!



Sandra Bandeira Nolli

É natural de Fortaleza-CE, mas, reside em Brescia, na Itália, desde 2009. Pedagoga, escritora, colunista de jornais, revistas e portais web, radialista, ex-policia militar, autora e mediadora artístico cultural do prêmio e da Conexão Itália Brasil, entre outras atividades culturais das quais faz parte ou representa.



A BANDEIRA DE DUAS CIDADES

Eu nasci na terra do sol, não posso negar.
Sou filha do Nordeste, sou do Ceará
Como cearense valente, guerreira, a Itália fui visitar
Ver o seu esplendor e a diferença do mar.

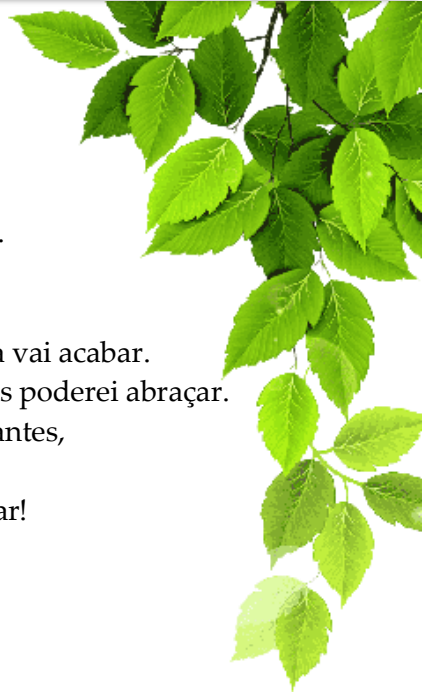
Longe da terra do sol, encontrei o amor
Quando no meu coração só havia pranto e dor.
Descobri uma Fortaleza encantada, fascinante e sagrada.
Rica de história medieval, Lombardia sonhada.

Brescia, cidade Greco romana, com o seu castelo numa colina,
Uma grande construção como o Forte de Nossa Sra. da
Assunção.
Onde juntei o encanto e a poesia,
Fiz da vida uma magia,

Transformei em felicidade a nostalgia.

Terra dos romanos, celtas e gálicos.
Dos borgos, castelos e lindos lagos.
Vivi no embaraço no meio de tanta beleza.
Mas, nunca esqueci a amada Fortaleza.

Retornarei à casa mia, pois, essa pandemia vai acabar.
Com minha família irei festejar e os amigos poderei abraçar.
Voltarei ao sol radiante, dos mares verdejantes,
Pois, esses não encontro por aqui.
Mas, Brescia leonesa... Eu sempre vou amar!



Posfácio

Caro leitor, irei posfácio esta Antologia, apesar de ser a primeira vez, me senti desafiada quando recebi o convite, não resisti e aceitei.

É grande a responsabilidade, pois fortalecer laços é o desejo dos organizadores desta brilhante Antologia, que é um celeiro de cultura.

Os laços aqui sonhados se fortalecem em vários bairros de Fortaleza perpassando por municípios e cidades cearenses, estados do Brasil e sobrevoando dois países da Europa.

Estes mesmos laços envolvem escritores renomados com quem escreve pela primeira vez, esta troca de experiência enriquece a todos que a ler.

Os laços aqui fortalecidos são de todas as cores, sem distinção de idade, credo, ideologias e nacionalidades.

Cada texto aqui escrito é um deleite pra os leitores.

Os 143 escritores extraordinários, que compõe esta seleta antologia e suas 365 páginas de textos preciosismos formam um lindo jardim literário que nos leva a refletir sobre a vida e nossas ações, outros nos divertem, nos trazem lembranças da infância, adolescência, e de amores distantes.

Leia cada texto e busque algo de bom para você.

Tenho a esperança que cada um que lê esta Antologia irá saborear cada palavra e sentir a emoção que senti, quando ouvi cada texto.

Convido a todos os leitores que venham fortalecer também os laços, pois todo laço tem duas pontas uma é o escritor e a outra o leitor.



Maria de Lourdes Fernandes-ALASAC-Academia de Letras e Artes da Sociedade de Assistência aos Cegos. Academia Internacional das Mulheres das Letras. AVLPL-Academia Virtual da Língua Portuguesa e Literatura



Performance
Editora

Acesse:

www.editoraperformance.com

E-mail:  (82) 99376-2377  9982-6896